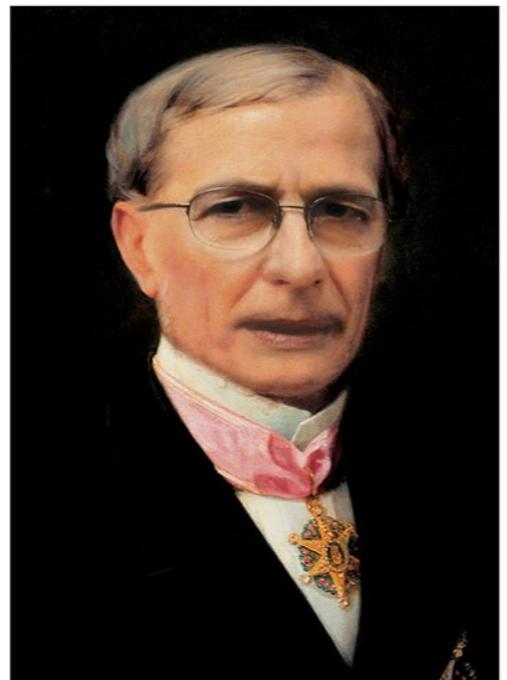
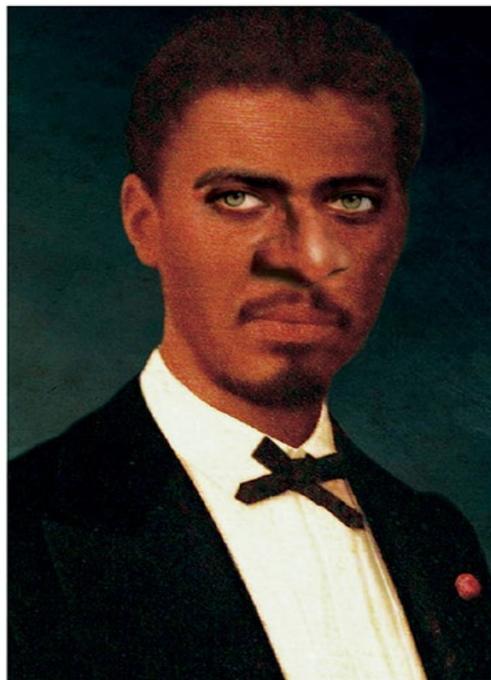




CASSETA & PLANETA

BRASIL do CASSETA

— NOSSA HISTÓRIA COMO VOCÊ NUNCA RIU —



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BRASIL do **CASSETA**

CASSETA & PLANETA

BRASIL do **CASSETA**

— NOSSA HISTÓRIA COMO VOCÊ NUNCA RIU —

◆ **ESTAÇÃO** ◆
BRASIL

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Na capa, os cassetas representam os seguintes personagens históricos: Beto Silva – Duque de Caxias; Claudio Manoel – D. Pedro I; Marcelo Madureira – José Bonifácio; Hubert – D. Pedro II; Helio de La Peña – André Rebouças; Reinaldo – Barão de Mauá

edição: Pascoal Soto

revisão: Betty Vibranovski, Hermínia Totti, Luis Américo Costa e Milena Vargas

capa, projeto gráfico e diagramação: Natali Nabekura

imagens de miolo: Reinaldo Figueiredo e Hubert ([pág. 153](#))

imagens de capa: Léo Lemos/Editora Globo (Beto Silva), Alex Carvalho/TV Globo (Claudio Manoel, Marcelo Madureira e Hubert), Stefano Martini/Editora Globo (Helio de La Peña), Fábio Cordeiro/Editora Globo (Reinaldo), Art Collection 4/Alamy/Latinstock (D. Pedro II e André Rebouças), reprodução (Duque de Caxias, D. Pedro I, José Bonifácio e Barão de Mauá)

tratamento de imagens de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B83

Brasil do Casseta [recurso eletrônico] / organização de Eduardo Bueno. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-5608-030-1 (recurso eletrônico)

1. Humorismo brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Bueno, Eduardo, 1958-.

17-46408

CDD: 869.97

CDU: 821.134.3(81)-7

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@sextante.com.br

www.sextante.com.br

*Para Bussunda
e Paulinho Albuquerque*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1 PARTIU, BRASIL!

2 E NO INÍCIO ERA O NADA

3 SOLDADOS DE CRISTO

4 BANDEIRANTES, OS PRIMEIROS HOOLIGANS

5 BRASIL À FRANCESA

6 O BRASIL LOURINHO DE OLHOS AZUIS

7 É OURO, BRASIL!

8 ESCRAVIZADOS NO BRASIL

9 A INCONFIDÊNCIA MANEIRA

10 A GRANDE FAMÍLIA REAL

11 MORANDO SOZINHO – O BRASIL SE DECLARA INDEPENDENTE

12 GENTE QUE É REGENTE

13 BRASIL: O IMPÉRIO DO CARNAVAL!

14 PARAGUAI: UMA GUERRA QUE DEU NO CHACO!

15 A ABOLIÇÃO AINDA QUE À TARDINHA

16 A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICUETA

17 REPÚBLICA: OS DEZ PRIMEIROS ANUS

18 OS GAÚCHOS SAEM DO ARMÁRIO E OS NORDESTINOS ENTRAM NA BALA

19 CAFÉ COM LEITE SEM ADOÇANTE

20 A PRIMEIRA GUERRA A GENTE NUNCA ESQUECE

21 TENENTE LINDÃO, BONITO E GOSTOSÃO!

22 O GOLPE DA REVOLUÇÃO DE 

23 O VELHO ESTADO NOVO

24 JÁ ERA VARGAS

25 TRÊS JOTAS SEGUIDOS: JUSCELINO, JÂNIO E JANGO

26 [GOLPE NO DOS OUTROS É REFRESCO](#)

27 [DITADURA NÃO É MOLE, NÃO](#)

28 [DAS "DIETAS" A SARNEY](#)

29 [DE MAURICINHO COLLOR A VIAJANDO HENRIQUE](#)

30 [PT SAUDAÇÕES: O BRASIL DE LULA E DILMA ROSKOFF](#)

BIBLIOGRAFIA

APRESENTAÇÃO

DANDO A VARA E ENSINANDO A PECAR

TODOS SABEM QUE OS CASSETAS, depois de uma melancólica decadência, há tempos vêm amargando o ostracismo. Pois não é que esse bando de “humoristas” sem-teto veio bater na porta da minha casa? Na miséria, maltrapilhos e malcheirosos, imploravam por um prato de comida, uma côdea de pão velho, uma roupa que não me servisse mais... Enfim, essas coisas que pobre vive pedindo...

Confesso que fiquei comovido com o estado de miserabilidade em que estavam Reinaldo, Helio de La Peña, Hubert, Beto Silva, Claudio Manoel e Marcelo Madureira. Contudo, não abri mão de meus conceitos rígidos de não dar esmola a pobre nem compactuar com políticas assistencialistas e eleitoreiras. Com certeza queriam uma “Bolsa Humorista”, se é que humoristas foram algum dia.

Fui até a despensa e peguei seis volumes do meu imortal e definitivo *Brasil: Uma história*. Dei-o a cada um deles com a recomendação de ler e não vender o livro no brechó da esquina para gastar tudo em cachaça ou maconha.

Determinei que o lessem com atenção e que tentassem, vejam bem, *tentassem* reescrevê-lo com uma pegada meio humorística. Fi-lo desconfiado, porque bem sabia que, depois da morte do Bussunda, o único realmente engraçado do grupo, aqueles caras dificilmente seriam capazes de escrever algo que prestasse. Achava mesmo que alguns fossem até analfabetos funcionais.

Meses depois, retornaram os seis com a encomenda e, para minha surpresa, não é que ficou bom? (Houve quem dissesse nos corredores da Sextante que o livro dos caras ficou muito melhor que qualquer dos meus... A bem da verdade, esses traidores já não circulam pelos corredores da editora. Tiveram os ingratos o destino que mereciam.)

Brincadeiras à parte (ou não!), o que vocês têm em mãos é a História do Brasil contada pelo Casseta & Planeta.

Depois de uma década de espera, a trupe que revolucionou o humor na TV brasileira promete abalar as convicções daqueles que acham que o Brasil perdeu a graça. Com este livro, eles nos mostram que a História do Brasil é uma fonte inesgotável de piadas, sendo que muitas delas já nascem prontinhas.

Cada casseta ficou com a responsabilidade de narrar seis episódios clássicos de nossa História. Reunidos, os capítulos percorrem toda a História brasileira, do “descobrimento” realizado pelo velho Cabral, o Pedro, até estes nossos dias pós-impeachment de Dilma Roskoff, ou melhor, Rousseff. Tudo ilustrado pelo pincel mágico de Reinaldo Figueiredo, o único artista do grupo. (É a última piada, prometo.)

Sabemos que o humor sempre foi um importante instrumento de crítica e protesto e que, ao longo da existência de nossa jovem democracia, tivemos dignos representantes dessa classe de humoristas. A turma do Casseta & Planeta está no seletor grupo que mais incomodou a classe política brasileira. É verdade que o olhar crítico, ácido e debochado do grupo nunca poupou ninguém, mas a nossa história e os nossos políticos sempre receberam dos cassetas uma atenção muito especial. Quem não se lembra do saudoso Bussunda a encarnar Lula no programa de TV? E Hubert Aranha na pele de “Viajando” Henrique Cardoso? Ou a trupe toda encenando a viagem de Pedro Álvares Cabral aportando no Novo Mundo?

Este livro é o resultado mais bem-acabado do melhor estilo Casseta & Planeta de contar uma história. Este é o Brasil segundo o olhar debochado, politicamente incorreto e absolutamente mordaz dessa turma que não perde a piada e sabe como ninguém que melhor é “rir para não chorar”.

Divirtam-se!

– EDUARDO BUENO



Ó Cabral, é melhor
não confiar no GPS...
Viu o que aconteceu com o
Colombo? O gajo queria
ir pras Índias e foi parar
numas ilhas cheias de
canibais.

R.

CAPÍTULO 1

PARTIU, BRASIL!

Claudio Manoel

PELA EXPECTATIVA GERADA, era para ser o evento do ano (ou da década, quem sabe até do século). Simplesmente a mais gigantesca expedição já realizada para mares nunca dantes navegados partiria no domingo, dia 8 de março de 1500, contando com o inédito, espantoso e agourento número total de 13 embarcações (dez naus e três caravelas, embora alguns historiadores garantam que eram 14; outros afirmam que discutir esse tipo de detalhe é que dá o maior azar).

Para aumentar o frisson, a imponente esquadra que iria singrar o Atlântico seria comandada por um estreante no setor das grandes navegações: um tal de Pedro Álvares Cabral.

Garantindo o prestígio da efeméride, o próprio rei Manuel (que, obedecendo a uma longa tradição do anedotário luso, sucedeu um rei Joaquim, assegurando o equilíbrio entre as duas mais importantes dinastias lusitanas) estaria presente, assim como todos os VIPs (Very Important Portuguese) da Corte.

A multidão esperada, provavelmente, seria recorde, mesmo que alguns metidos a moderninhos já desdenhassem da onda dos grandes Descobrimentos, desmerecendo a quantidade exagerada de eventos nos últimos anos e fazendo comentários maliciosos, tipo “Esse negócio de descobrimento já deu”, “Vão descobrir o que hoje à tarde?” ou mesmo “Depois de Colombo, nenhum grande descobrimento vai ser tão grande assim”. Mas o fato é que a massa adorava assistir às festas de despedida das esquadras e celebrar o poderio português. Portugal estava na moda, estava podendo, estava bombando!

Primeiro foi Vasco da Gama, que, poucos anos antes, colocou a navegação lusitana no topo, tornando-a conhecida em todo o (velho) mundo ao descobrir o há muito tempo sonhado caminho marítimo para as Índias. Ele permitia contornar o Mediterrâneo, então sob domínio dos mouros e das nações italianas, dando acesso às tão cobiçadas especiarias e barateando o seu custo, além do feito historicamente muito raro de Vasco ter sido o primeiro, e não o vice, como é mais habitual.

A partir daí, Lisboa se firmou como uma espécie de Nasa da época: de lá saíam os principais

lançamentos. E, pelo menos no início, as navegações eram mesmo viagens interplanetárias, já que rumavam ao desconhecido, em busca de novos mundos. Era como viajar pra Lua, sem saber se a Lua existia ou não. Mas depois os lusos viraram experts, conhecendo como ninguém os cantos e buracos dos sete mares (se é que são sete e que mar tenha canto e buraco). Tanto que a capital lusitana virou a Disney dos espões, fazendo com que os portugueses disfarçassem seus objetivos ao máximo, sempre tentando combater e confundir a concorrência, inclusive lançando boatos e narrativas, entre elas a de que o Brasil teria sido descoberto por acaso.

Mas isso é só daqui a pouco. Ainda estamos no dia da despedida, 8 de março, o rei a postos, tudo pronto. Era pra ser bonita a festa, pá, mas a multidão foi bem menor que a aguardada porque... choveu!

Assim, a partida da grande expedição de Cabral acabou sendo transferida para o dia seguinte. Uma despedida de segunda, poderiam dizer os mais maliciosos, mas não há registros históricos de que alguém tenha feito esse infame trocadilho.

Logo no comecinho da viagem das 13 embarcações, o famoso numeral deu o ar da sua (des)graça e uma delas simplesmente desapareceu, sumiu, naufragando sem deixar vestígio. Cabral, pelo visto, não era adepto de nenhuma teoria da conspiração (ou elas ainda não eram moda) e não perdeu muito tempo com o mistério, seguindo em frente com o número arredondado de uma dúzia de embarcações.

E daí em diante o azar acabou. Pelo menos é o que consta nos três relatos (o de Caminha é o mais detalhado, poético, perspicaz e famoso, mas existiram outros dois) conhecidos da expedição.

Aliás, não consta! Ninguém descreveu nenhum temporal, uma gotinha de chuva sequer, uma ventania mais parruda, nada, o que põe a pique a teoria de que o mau tempo desviou a imensa frota e só por isso nosso querido Pedro Álvares veio dar aqui (sem o manjado duplo sentido, que já era considerado velho mesmo antes do Descobrimento) por acaso.

Doze navios navegando a esmo seria um recorde mundial de estupidez e burrice, uma tarefa hercúlea até mesmo para nossos pitorescos portugueses, que não tinham nada de pitorescos, eram apenas os melhores pilotos do mundo. Além disso, seis anos antes eles assinaram o megablaster famoso *Tratado de Tordesillas* (para provar que domino o idioma de *Castilla*, traduzo para vocês: Tratado de Tordesilhas), que traçava uma linha divisória no mapa do Novo Mundo: de um lado, as terras da Espanha (Castela), e do outro, as de Portugal, que, naquele momento, eram... *Puerra* nenhuma??!! Em 1494, quando o acordo de divisão foi assinado, o Brasil não existia, então os portugueses toparam ceder metade de tudo e não receberam em troca nem uma paella? É ruim, hein?

Como alguns anos depois ficou provado, o reino português ficou com a parte do leão (Brasiil... il... il...), o que demonstra, a não ser para os que acreditam na maior aposta no escuro da história da humanidade, que, na hora da assinatura do tratado, quando os espanhóis vieram com o milho, os portugueses já estavam com o fubá e Cabral e sua grande turma sabiam muito bem (ou, pelo menos, bem mais que mais ou menos) aonde estavam indo e o que vieram fazer: tomar posse da Ilha dos Papagaios.

Na verdade, a existência do Brasil já era uma espécie de boato, segredo, dica, havia muito tempo. O próprio nome aparece em mapas antiquíssimos e em lendas sobre uma ilha mítica, chamada Hy

Brazil, cercada de brumas e sempre inalcançável. (É mais que uma metáfora nossa, né? É quase um retrato falado.) Só que, nessas antigas citações, essa ilha ficaria em algum lugar remoto do mar da... Irlanda! A lição a se tirar é que não se pode esperar muita acurácia geográfica das lendas ancestrais.

Mas, em mares mais tropicais, a tal Ilha dos Papagaios também já estava ficando famosinha. Não chegava a ser um point, o roteiro só era conhecido dos superdescolados; só pouquíssimos já a tinham visitado e os preços na região ainda iriam levar alguns séculos para explodir (o que só aconteceria com o advento das “pousadas de gringo” e a chegada dos paulistas).

Depois de 44 dias de navegação, o clima a bordo era não só de grande expectativa como de enorme fedentina. Imagine cerca de mil e tantos homens (1.300 a 1.500 saíram de Lisboa, mas temos que descontar uns 100 a 150 afogados da nau que naufragou) suando 44 dias, trancados em barcos, sem tomar banho, vários passando mal, muitos (ou quase todos) bêbados... Agora imagine os banheiros. Só imaginando mesmo, porque eles não existiam. Então, mesmo com a viagem transcorrendo com tempo favorável, os bons ventos nunca eram tão bons assim.

Foi aí que, para alívio de todos, alguém gritou: “Terra à vista!”

“Quem foi que inventou o Brasil?

Foi Seu Cabral, foi Seu Cabral,

No dia 21 de abril,

Dois meses depois do Carnaval.”

A marchinha de Lamartine Babo, que foi composta 434 anos depois da chegada do nosso descobridor e fez sucesso no Carnaval de... (faça a conta!), por coincidência, na voz de Almirante (um famoso compositor, cantor e radialista, e não um integrante da esquadra cabralina), traz, na sua simplicidade, algumas informações.

Na letra original, fala-se em 21 de abril, que foi quando uma equipe de reconhecimento foi à terra num bote. O desembarque principal foi feito no dia 22, que é a data oficial do Descobrimento, quando Cabral formalmente chamou o lugar de Ilha de Vera Cruz.

Ou seja, a letra da marchinha, além de celebrar a data errada, atribui a Cabral a invenção do Brasil, nome que só surgiu cinco anos depois para substituir (ainda bem) o efêmero (e péssimo) nome criado pelo nosso descobridor (inventor).

Conclusão: jamais aprenda História através de marchinhas de Carnaval. (Essa recomendação também vale para livros escritos por humoristas.)

Com marchinha ou sem marchinha, o que importa é o carnaval que deve ter rolado na confraternização entre portugueses sedentos e índias peladas. Os primeiros encontros entre as nativas e a marujada descobridora certamente foram uma loucura!

Só que não...

Depois de passar um mês e meio navegando, amontoados em exíguas caravelas (e similares), comendo mal e sem comer ninguém (pelo menos heterossexualmente falando), não é que o comandante geral da coisa toda, o tal do Seu Cabral, decide que o tempo de estadia seria só de dez dias?!

Imagine você, depois de uma viagem desconfortável e interminável, chegar ao sul da Bahia, tudo ainda 100% paradisíaco, séculos antes da chegada da CVC, todo mundo à vontade, peladão...

praticamente no zero-oitocentos, tendo, no máximo, que dar uns espelinhos em troca do que precisasse, e o chefe todo estressado porque tinha que concluir a porcaria da missão de continuar até as Índias, com pressa para seguir o caminho de Vasco da Gama (antes que ele caísse, outra vez, para a série B), comunica que, além de a parada ser vapt-vupt, todo mundo tem que ficar nos barcos, no máximo uma saidinha num bote aqui, outra saidinha acolá.

Está tudo documentadinho nos três relatos da viagem que sobreviveram até nossos dias. O mais caprichado, como já foi dito, é o do nosso querido Pero Vaz de Caminha, o popular PVC. Mas, pelo que todos contam, tirando a labuta (os reconhecimentos, reabastecimentos e manutenções), pouca coisa aconteceu em termos mais sociais.

Primeiro, rolou um rápido encontro dos tripulantes de um bote (meia dúzia de galegos) com 18 nativos, que acarretou uma mudança de pouso para outro lugar, a 70 quilômetros de distância. Nesse novo point (que celebrou a primeira dica dada a um turista gringo no Brasil), dois índios subiram a bordo, onde dormiram uma noite. Em seguida, alguns marujos visitaram a aldeia dos tupiniquins, mas os índios, talvez desconfiados das intenções ou dos olhares dos galegos necessitados, não deixaram que eles dormissem lá. Depois teve um encontro, na praia, de três portugues da diretoria (Pero Vaz, Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho) com cerca de duzentos indígenas, incluindo troca de presentes de pouco valor (os famosos espelinhos).

Como programação mais animada, no dia 26 de abril teve a Primeira Missa (que durou todo o domingo, numa grande festa, mas, como era uma missa, supõe-se que a galera tenha confraternizado fraternalmente, sem libertinagem, mesmo com a indiazada com as vergonhas de fora) e, no dia 30 de abril, finalmente, Cabral deu o ar de sua graça, colocando pela primeira vez os pés na sua recém-descoberta/inventada Ilha de Vera Cruz. Para testemunhar o importante evento, quatrocentos índios apareceram na praia, o que mostra que a divulgação deve ter sido muito boa. Mas, mesmo sobre esse dia, em que houve muita dança e cantoria, não existem relatos picantes (nem xoxotantes) de nada que tenha acontecido nessa primeira (e única) festança.

Dois dias depois, a esquadra de Cabral zarpou, deixando para trás apenas dois renegados, que caíram em prantos. Esse choro desesperado é um bom argumento a favor dos que acreditam que o tão celebrado Descobrimento, pra quem estava lá na hora, não foi essa coisa toda, não. Afinal, mesmo chegando a um litoral belíssimo, completamente inexplorado e virgem, tem gente que não aguenta muitos dias de praia deserta que já fica impaciente, querendo ir embora, procurar um shopping...

Cabral teve pressa pra voltar, e quando, quinhentos dias depois da sua partida, chegou a Lisboa, só com seis navios e tendo perdido cerca de mil homens (a viagem de volta é que foi pra lá de desgracenta, com tempestades, naufrágios e batalhas), desembarcou direto pro esquecimento. Como uma espécie de subcelebridade precoce, teve seus 15 minutos de fama e mais nada.

Já a fama dos paraísos tropicais foi chegando bem mais tarde, aos poucos e para poucos. Em breve, o pecado não existiria abaixo da linha do equador, mas ainda não seria naquele momento. Afinal, não havia acontecido nem nossa suruba inaugural.

Na verdade, nossos primeiros visitantes/descobridores/estrangeiros acharam o nosso patropi bom pra se plantar e tudo dar, mas bem fraquinho no que, realmente, importava para a época e para o rei: metais!

Se não tinha ouro, se não tinha prata, não valia nada... E nossos futuros colonizadores deixaram esse papo de colonização bem pro futuro. Durante muito tempo (muito mesmo), fomos uma terra sem dono, ou com donos que não estavam nem aí e outros que nunca nem vieram aqui.

Viramos o paraíso dos piratas, dos contrabandistas, dos desgarrados, dos aventureiros de todos os cantos: franceses, holandeses, portugueses, ingleses, espanhóis atrás do sonho/fantasia da riqueza fácil e das mulheres mais fáceis ainda desde então e até... até... Que dia é hoje mesmo?

CAPÍTULO 2

E NO INÍCIO ERA O NADA

Beto Silva

QUASE NADA ACONTECEU nos primeiros cinquenta anos de Brasil. Em compensação, nos mais de quinhentos anos seguintes, aconteceu de tudo! O problema é que Cabral chegou ao Brasil em Porto Seguro, em abril de 1500, e, como todo mundo sabe, em abril o Carnaval já acabou e não acontece nada na Bahia. Entediado, Cabral não demorou muito para seguir viagem em direção às Índias. Quando, já em 1501, estava voltando de viagem, passando pelas costas da África, Cabral cruzou com outra expedição, a de Gonçalo Coelho, que estava justamente voltando do Brasil. Trocaram ideias sobre a descoberta – Coelho animado com as índias e Cabral dizendo que Porto Seguro era um saco. Coelho então perguntou:

– Você foi só a Porto Seguro? Não foi a Trancoso? Não passou por Arraial d’Ajuda? Vacilão! É lá que as coisas acontecem!

Cabral desdenhou e acabaram mudando de assunto. Discutiram se aquela nova terra era mesmo uma ilha. Gonçalo garantia que era um continente, teoria defendida por Américo Vespúcio, um dos tripulantes dos navios de sua esquadra. Américo havia inclusive escrito um livro, cujo título era *Novo Mundo*, enunciando essa tese. O livro foi um best-seller na época, vendendo mais que livro de autoajuda, mais até que o Paulo Coelho. A ideia de Américo Vespúcio fez muito sucesso pelo mundo e o tal continente que ele anunciava acabou levando o seu nome: América. Sorte de todos os habitantes daquele Novo Mundo. Já pensou se, em vez de América, tivessem chamado de Vespúcia? Seríamos todos vespucianos, sul-vespucianos, norte-vespucianos... A música do Belchior seria “Eu sou apenas um rapaz latino-vespuciano...”. Não faria o menor sucesso!



Durante os dez primeiros anos após a descoberta, a Coroa portuguesa concluiu que não valia a pena colonizar o Brasil, pois aparentemente não havia muitas riquezas por aqui. Nem ouro, nem prata, nem pedras preciosas: aqui só tinha pau-brasil. O pau-brasil é uma árvore da qual se retirava uma resina vermelha bastante usada na manufatura de tecidos. Mas, como o comunismo ainda não havia sido inventado e o PT ainda não tinha sido fundado, o riquíssimo mercado de confecção de camisetas dessa cor ainda não existia e a Coroa portuguesa se desinteressou de explorar o pau-brasil. Arrendou a exploração para um consórcio que tinha à frente o cristão-novo Fernão de Noronha, também conhecido como Fernando de Loronha ou, como garantem alguns amigos mais chegados, Fernando de Lobronha, devido a certos hábitos que tinha. Noronha e seus sócios eram praticamente os donos do Brasil. Mas logo franceses e espanhóis começaram a aportar aqui na

maciota para pegar pau-brasil de graça. O rei de Portugal, cabreiro, resolveu mandar três expedições guarda-costas, todas comandadas por Cristóvão Jaques, para dar uma olhada na terra, cartografar a costa brasileira e dar um pau nos franceses. Mas a francesada não estava nem aí, continuou traficando pau-brasil direto, na maior caradura. Para acabar de vez com essa gracinha dos franceses de ficar pegando pau-brasil dos outros, a Coroa portuguesa resolveu mandar uma poderosa expedição para tomar conta de suas terras de uma vez. A expedição foi comandada por um fidalgo amigo de infância do rei de Portugal, D. João III, de nome Martim Afonso de Sousa.

Os poucos portugueses que habitavam o Brasil naquele tempo eram uma gente da pesada, de baixíssimo nível. Aqui só havia naufragos, degredados e desertores. Imagine os integrantes do Congresso Nacional... Imaginou? A galera que vivia no Brasil era só um pouco melhor que isso. Barra-pesada! Uma das tarefas de Martim Afonso de Sousa era dar um jeito naquela terra selvagem e inóspita. Ele foi incumbido de trazer a lei e a ordem ao Brasil. Para isso, chegou com plenos poderes. Podia mandar e desmandar, fazer o que quisesse, mas não conseguiu muita coisa. Sabe como é, essa parada de “lei e ordem” nunca se deu muito bem nos ares tropicais. Muito calor, muitos mosquitos, dá uma preguiça danada, e a tal da “lei e ordem” não se adaptou bem a este clima. O coitado do Martim tentou um pouco, até se esforçou, mas logo viu que a tarefa era difícil. Aí, em 1532, ele fundou a vila de São Vicente, o primeiro núcleo de portugueses no Brasil, e foi basicamente o que fez por aqui. Ficou apenas três anos no Brasil e depois se mandou. Aparentemente não curtiu muito a estadia.

AS CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Em 1532, quando Martim Afonso de Sousa ainda estava em São Vicente, o rei D. João III teve uma ideia genial: já que era difícil tomar conta daquela imensidão de terra, ele ia dividir a parada em 14 pedaços e oferecê-los para os principais nobres portugueses. Eram as famosas capitânicas hereditárias. Inaugurando uma prática que seria usada em vários momentos de nossa História, a divisão geográfica das capitânicas foi feita pelo método científico conhecido como “nas coxas”. Algum funcionário do rei pegou uma régua e traçou várias linhas retas no mapa do Brasil, e assim foram divididas as capitânicas.

Quando o rei mostrou o prospecto do empreendimento para os principais nobres lusitanos, todo mundo começou a assobiar e fingir que não era consigo. Foi um tal de “Não vai dar, tenho que levar minha avó na aula de funk”, as desculpas mais esfarrapadas. Ninguém queria gastar sua grana para tentar proteger e povoar aquelas terras selvagens. O rei então acabou fazendo uma promoção e doou as capitânicas para alguns nobres menos cotados, burocratas estatais, militares e navegadores. Em resumo, gente que não podia dizer “não” para ele, senão perdia a boquinha. Depois foi feito um sorteio, e os contemplados foram:

PRIMEIRA E SEGUNDA CAPITANIA DO MARANHÃO: doadas à família de Dom José de Sarney.

CEARÁ: Ficou para o fidalgo Dom Ciro de Gomes.

RIO GRANDE: Duque de Calheiros.

ITAMARACÁ: Dom Fernando de Collor.

PERNAMBUCO: Ficou para o Marquês de Arraes, menos em Olinda no Carnaval, época que pertencia a Dom Alceu, Dona Elba e Dom Geraldinho.

BAHIA: Dom Caetano e Dom Gil na região de Salvador. O resto era tudo da família do Conde de ACM.

ILHÉUS: Dividida entre Vadinho e Teodoro.

PORTO SEGURO: Ficou dividida entre OAS e Andrade Gutierrez.

ESPÍRITO SANTO: Odebrecht e Camargo Corrêa, dependendo da obra.

SÃO TOMÉ (corresponde à área de Minas Gerais): Dom Aécio de Neves.

RIO DE JANEIRO: Conde Sérgio Cabral.

SANTO AMARO: Dom Alckmin, depois passou para o fidalgo Dória.

SÃO VICENTE: Dom Luiz Inácio, mas ele nega.

SANTANA: O donatário seria indicado pelo PMDB.

As capitanias não deram muito certo. Vários donatários nunca apareceram para tomar conta de suas terras. Outros vieram, mas foram atacados pelos nativos. Alguns chegaram, deram uma olhada e resolveram que era melhor voltar para Portugal e gastar seu dinheiro investindo em negócios mais lucrativos, como jogo, bebida e mulheres. Dois ou três donatários chegaram às suas terras empolgados, cheios de ideias, com mil projetos na cabeça, mas contrataram arquitetos que cobraram uma fortuna e empreiteiros que roubavam no preço do material de construção, e acabaram desistindo de seus planos. Só a capitania de Pernambuco se deu bem.

Em 1548, Luís de Góis, irmão de um donatário, de saco cheio daquela selvageria, tomou coragem e mandou uma carta para o rei de Portugal tentando alertá-lo sobre o que estava acontecendo de verdade no Brasil. Em resumo, a mensagem dizia:

“Isso aqui tá uma merda, hein! Se cuida aí senão tu vai perder essa terra pros franceses.

#vaidarmerda

#SóTemSelvagemNessaPorra

#AsCapitaniasForamProCaralho

#DaquiAPoucoVaiTerCamembertNoCafédaManhã”

D. João III não só curtiu e compartilhou a mensagem como também tomou providências: nomeou Tomé de Sousa governador-geral do Brasil.

OS GOVERNADORES-GERAIS

A esquadra de Tomé de Sousa chegou ao Brasil em março de 1549 trazendo mais de quinhentos passageiros, entre burocratas, funcionários públicos, soldados e, é claro, um monte de gente que aproveitou a carona. Assim que chegou, sem perder muito tempo, Tomé de Sousa começou a construir a vila de Salvador, contando com a ajuda de algumas tribos de índios empreiteiros que viviam na Bahia: os Odebrechtnambás.

Salvador ficou pronta em dezembro, bem a tempo de iniciar os preparativos para o Carnaval em

fevereiro. Tomé de Sousa criou então o primeiro trio elétrico com abadá e inaugurou o circuito Barra-Ondina com o primeiro show do Chiclete com Banana.

Com Tomé de Sousa, vieram também os primeiros jesuítas. Entre eles, o padre Manuel da Nóbrega, que, assim que chegou a Salvador, sentou-se num banquinho de praça e começou a conversar com uma velhinha surda, inaugurando a Praça da Alegria, evento que passaria de geração em geração até os dias de hoje.

No ano seguinte à sua chegada, Tomé de Sousa mandou trazer de Portugal mulheres ditas de “boa qualidade”, órfãs que deveriam se casar com os colonos portugueses. Era uma tentativa de fazer com que os portugueses parassem de correr atrás das nativas das tribos papaxotas e tupinambundas, que viviam andando nuas pelas ruas de Salvador, fazendo um sucesso danado com a rapaziada.

Em 1553, Tomé de Sousa encheu o saco do Brasil e pediu ao rei para voltar para Portugal. Foi substituído por Duarte da Costa, o primeiro representante de uma escola de governar que virou tradição no Brasil nos séculos seguintes. Duarte da Costa tinha como premissa a ideia de que o papel do governante é o de não fazer quase nada e roubar quase tudo. Ele era muito dedicado a esse princípio e, por conta dos desmandos e da anarquia que tomaram conta da Colônia, acabou brigando com o primeiro bispo do Brasil, D. Pero Fernandes Sardinha. Muito puto da vida, o bispo Sardinha resolveu pegar um navio e voltar a Portugal para reclamar com o rei da sacanagem que estava rolando por aqui. Mas deu o maior azar, e o seu navio acabou naufragando em Alagoas. O bispo caiu nas mãos, e na boca, dos índios caetés, que lamberam os beiços e devoraram Sardinha. Não se sabe ao certo se à escabeche ou cozido no azeite com coentro.

Para substituir Duarte da Costa, o rei D. João III resolveu caprichar um pouco mais em sua escolha e nomeou Mem de Sá para governador-geral do Brasil. Mem de Sá era um sujeito letrado e experiente nas artes da guerra. Além disso, era brother do rei, seu amigo de fé, irmão camarada. Ele já chegou ao Brasil mandando ver. Deu logo um pau em todos os franceses que encontrou pelo caminho, instalou UPP em algumas aldeias indígenas, dizimou outras tantas, botou um monte de vagabundos na cadeia, proibiu o jogo, a vadiagem, a embriaguez, prendeu os maconheiros e acabou com as cracolândias. Fez um montão de coisas, o Mem. O sujeito não era mole, não! Durante o seu governo, foi fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e os franceses foram expulsos do Brasil.

O cara botou pra quebrar na economia também, instalando vários engenhos de cana-de-açúcar no Brasil e dando um jeito nos que não funcionavam. Para implementar a produção dos engenhos, Mem de Sá estimulou o início do tráfico de escravos da África para o Brasil. Aliás, o Mem era tão bom em matéria de economia que acabou ficando milionário durante o seu governo, inaugurando outra escola de políticos que vingou pelos anos vindouros: a dos que ficam ricos no poder. Mas, apesar de ter entrado na lista da revista *Forbes* e de ter se tornado o homem mais rico do Brasil, sendo badalado por todo mundo e convidado para camarotes, Mem de Sá não teve muita sorte na vida pessoal. Perdeu a mulher, dois filhos e uma filha e ficou sozinho, na maior solidão. Sem contar ainda com sites pornôns ou séries do Netflix para passar o tempo, Mem de Sá implorou ao rei de Portugal para voltar à terrinha, onde poderia gastar sua fortuna. O rei D. Sebastião concordou e mandou um novo governador-geral: D. Luís Fernandes de Vasconcelos. Mas a urucubaca de Mem de Sá era grande, e a

frota de seu substituto foi atacada e destruída por franceses no caminho. Mem de Sá não conseguiu realizar o seu sonho de voltar para Portugal e acabou ficando por aqui mesmo. Sem ter o que fazer, vivia contando dinheiro e jogando paciência. Morreu de tédio em 1572.

CAPÍTULO 3

SOLDADOS DE CRISTO

Marcelo Madureira

OS JESUÍTAS SÃO uma espécie de McDonald's da Igreja Católica. Em qualquer lugar se encontra um. No século XVI, então, os jesuítas eram uma praga. Por todo canto do planeta (e da cassetta também), sobretudo no Novo Mundo, lá vinham os jesuítas propagando o evangelho e a pedofilia junto com algumas doenças venéreas. Não necessariamente nessa ordem. Ordem religiosa, é claro. Dizem que os jesuítas também trouxeram consigo a culpa e o pecado. O pecado pode até ser, mas a culpa veio com os judeus, tenho certeza.

Em 1534, o nobre espanhol D. Inácio de Loyola fundou a ordem eclesiástica Companhia de Jesus, também conhecida como Soldados de Cristo. Cavaleiro de sela e armadura, D. Inácio foi ferido gravemente em combate e, por milagre, recuperou a saúde. Loyola, então, largou tudo para dedicar a vida a Cristo, escravizando índios e assassinando os infiéis que resistiam a abjurar as suas crenças pagãs e a abraçar o catolicismo. O catolicismo, aliás, era a única fé cristã verdadeira. Segundo os católicos, é claro.

O papa achou tudo aquilo uma boa, pois precisava dar uma resposta ao Martinho Lutero, excomungado, ex-padre alemão, que concebeu a Reforma Luterana em contradição com as leis da Cúria Romana. Mas isso é um outro assunto. Vai pesquisar, preguiçoso.

A Reforma fez com que a Igreja perdesse muitos fiéis e, por consequência, muito do poder político em vários pontos da Europa. Portanto, precisava correr atrás do prejuízo recuperando almas, principalmente nas novas terras recém-descobertas, além, é claro, de outros lugares remotos da anatomia geográfica.

Quem pensa que os jesuítas chegaram ao Brasil na frota do Cabral muito se engana. Com Cabral vieram oito franciscanos. Os jesuítas só vieram depois, em 1549, na armada de Tomé de Sousa, primeiro governador-geral do Brasil, já como parte de um processo de colonização e exploração da Terra Brasilis. Na capital de então, Salvador, na Bahia, fundaram um colégio, o Provincial Brasileiro da Companhia de Jesus, e uma franquia da Bodytech.

Desde o princípio, os jesuítas tiveram um papel controverso e por vezes ambíguo com relação aos portugueses. Mesmo porque os jesuítas eram prevalentemente espanhóis e recusavam-se a torcer pelo Vasco.

Se, por um lado (o de trás), os jesuítas protegiam os nativos da cobiça escravista dos bandeirantes, por outro tiravam proveito de sua mão de obra gratuita. Em troca, catequizavam (como se isso fosse alguma vantagem) e incutiam hábitos civilizados nos selvagens, como o relógio de ponto, o estudo do latim e, o pior, a tara perversa da monogamia.

Aos jesuítas, além da catequese, cabia a educação formal, as primeiras letras, ao mesmo tempo que procuravam conhecer, registrar minuciosamente e até mesmo incorporar práticas culturais indígenas e alguns hábitos alimentares, com exceção do canibalismo *stricto sensu*. Os jesuítas foram os primeiros a falar o tupi, a língua geral, e o guarani, mais ao sul.

Nossos silvícolas, que de pacíficos nunca tiveram nada, viviam em guerra, devorando-se em disputas territoriais. A vida de índio no Brasil naquele tempo já não era moleza, e vejam bem que isso tudo aconteceu muito antes da criação da Funai.

Para evitar a preagem dos índios para o trabalho escravo, os jesuítas deram força à importação de escravos africanos, pois havia naquela época uma dúvida teológica: os índios teriam ou não alma e, portanto, seriam ou não criaturas de Deus merecedoras de bênçãos, missas e de receber os santos sacramentos? Já os negros, não. Estes, com certeza, não tinham alma e poderiam ser escravizados sem problemas.

Essa questão só foi resolvida mais tarde, quando os cardeais e o papa reunidos chegaram à conclusão de que os pretos tanto tinham alma como poderiam continuar sendo escravizados. Isso também já é uma outra história. Aliás, muito controversa.

Alguns jesuítas se destacaram no seu trabalho missionário. O padre José de Anchieta, apesar de corcunda, introduziu a prática da maratona no Brasil antes mesmo do advento do tênis Nike e dos isotônicos. Em seu trabalho missionário, Anchieta percorria enormes distâncias no litoral do Sudeste, sempre acompanhado de índios.

Padre Anchieta escreveu muitas de suas obras nas areias da praia. Claro, porque não havia papel. Anchieta foi canonizado em 2014 e é considerado o primeiro santo brasileiro. Errado. Como já dissemos, Anchieta era espanhol e, além do mais, está para nascer algum brasileiro santo.

Manuel da Nóbrega também teve grande importância na missão jesuítica, atuando na área da capitania de São Vicente, atual estado de São Paulo. Manuel da Nóbrega criou a Praça da Alegria e fundou o Baú da Felicidade, uma picaretagem que, mais tarde, vendeu para o Silvio Santos.

Outro grande jesuíta foi o padre Antônio Vieira. Nasceu gago e acabou sendo reconhecido como um dos maiores oradores do seu tempo. Seus sermões são famosos. Tornaram-se clássicos da língua portuguesa, daqueles que todos citam mas ninguém leu.

Uma das maiores contribuições dos jesuítas foi a fundação da PUC no Rio de Janeiro, onde, debaixo de seus pilotis, desfilam as mais belas nativas cariocas.

É uma espécie de Snapchat.
Daqui a pouco o mar vem e
apaga o meu poema sobre
os poderes de Deus...

Ainda bem!
Anchieta, já te falei
que esse lance de
monoteísmo não
tá com nada.



Os jesuítas se encarregaram de catequizar as Américas estabelecendo as Missões, cobrindo todo o continente. As Missões aldeavam os índios para a catequese. Isso também facilitava, e muito, o trabalho dos bandeirantes, grandes caçadores de índios. Graças às Missões, os jesuítas, sem querer, ajudaram a ampliar as fronteiras do Brasil para o oeste, atravessando as demarcações do Tratado de Tordesilhas.

A farra dos jesuítas acabou no século XVIII, por ordem do então primeiro-ministro de Portugal, o Marquês de Pombal, o Déspota Esclarecido. Absolutista e anticlerical, o Marquês realizou a Reforma Pombalina, modernizante, que tinha como intenção transformar Portugal numa nação capitalista. A escravidão dos índios foi extinta e eles até poderiam se casar com portugueses.

Quando os índios passaram a ser livres, isso se chocou com os interesses dos jesuítas, pois permitia que a autoridade real interferisse nos assuntos entre eles, os jesuítas, e os silvícolas.

O Marquês de Pombal expulsou os 670 jesuítas que aqui moravam e mandou fechar os colégios. Eles foram acusados de traição, o padre italiano Gabriel Malagrida, missionário no Nordeste, foi queimado em praça pública, e o restante embarcou para Lisboa, onde foram presos.

Como diria Francis Fukuyama, fim da história.

CAPÍTULO 4

BANDEIRANTES, OS PRIMEIROS HOOLIGANS

Helio de La Peña

NO INÍCIO DO século XVII, circulavam pelo Brasil bandos de desordeiros empunhando armas e bandeiras, entoando gritos de guerra. Eram os hooligans brasileiros, com uma diferença para nossos contemporâneos: não torciam por time nenhum, e sim por eles mesmos. Essas torcidas organizadas eram forças paramilitares que avançavam para o interior do país dizimando e escravizando os índios. Contavam com o apoio das autoridades, pois expandiam o território brasileiro e conquistavam riquezas.

Transformaram São Paulo no maior centro escravagista do país. Em apenas três décadas do século XVII, os bandeirantes dizimaram ou escravizaram cerca de 500 mil índios, o que resultou numa profunda crise existencial. “Por que tão poucos? Onde foi que nós erramos?”, perguntavam-se eles. Naquele tempo, trabalhar em São Paulo já era considerado programa de índio.

Nos anos 1920, São Paulo já bombava com a produção de café e assumia o posto de locomotiva do país. Aos poucos ia concentrando a força da grana que ergue e destrói coisas belas, mas quase não aparecia quando contavam a História do Brasil. Até que dois historiadores, Afonso Taunay e Ellis Jr., resolveram puxar a brasa pra sardinha criada no rio Tietê e inventaram o mito dos bandeirantes, que, no início, reinavam absolutos na cidade e, mais tarde, tiveram que dividir o território com a Record e o SBT.

Os bandeirantes andavam descalços e maltrapilhos. Como não podiam entrar para a História tão mal-apresentados, os estudiosos resolveram dar um banho de loja no pessoal, que ficou com uma aparência mais fashion, no estilo “Os Três Mosqueteiros”, com botas, chapéu e jaquetão desenhados por Reinaldo Lourenço e Alexandre Herchcovitch. Ignorantes, falavam mal o português, já que aprenderam a língua com um certo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e desde então passaram a se alimentar de um chopes e dois pastel. A dieta só se diversificou muitos anos mais tarde, com a estreia de *MasterChef*. Os primeiros bandeirantes a ganhar fama foram o locutor

esportivo Luciano do Valle e o jornalista Ricardo Boechat, que toda noite noticiava a matança desenfreada de índios.

Apesar de ter seu auge no século XVII, as bandeiras começaram bem antes, em 1532, quando o tráfico e a matança de indígenas eram promovidos por João Ramalho, o irmão mais violento do Zé Ramalho. Mas em 1571 isso se tornou um negócio de larga escala sob o comando de Jerônimo Leitão, que praticava o chamado “bandeirismo defensivo”, muito criticado pelo radialista Milton Neves por seu esquema de jogo retranqueiro. Leitão, por sua vez, argumentava que era adepto do “bandeirismo de resultado” e que liderou a chacina de silvícolas nos vales do Paraíba e do Tietê para garantir a segurança da cidade. Era a fase do mata-mata. Em 1591, o governador-geral Francisco de Sousa, sob forte influência do técnico Tite, implantou um novo esquema, o “bandeirismo ofensivo”, com pontas de lança abertos, afiados, envenenados e uma zaga carniceira avançada marcando no território do adversário. Sousa instruía sua equipe a matar a jogada dos selvagens na origem, de preferência usando de muita violência. “O juiz é nosso...”, dizia ele, “...do pescoço pra baixo, tudo é canela. Pode entrar rasgando!”

No início do século XVII, os jesuítas estabeleceram uma série de reduções ao sul e a oeste de São Paulo. Eram aldeamentos indígenas administrados pelos padres com o objetivo de catequizar os silvícolas. Apesar do nome, as reduções muitas vezes eram bem amplas e abrigavam mais de 100 mil índios. Os bandeirantes gostavam de atacar esses aldeamentos, dominar e reduzir os indígenas a escravos. Achavam muito mais fácil do que ficar perambulando a esmo. Era como pescaria em pesque-pague, com algumas diferenças. Os índios pescados, digo, caçados, não eram devolvidos no final da brincadeira, como as crianças costumam fazer. Ao contrário, eram aprisionados e escravizados, tudo sem pagar nada.

A ação era completamente ilegal e fora da lei. Os escravizados eram conduzidos coercitivamente para São Paulo, que, naquela época, já ficava distante do litoral e no topo de um planalto. Com isso, a cidade desenvolveu uma mentalidade independente, que seguia as próprias regras. Esse, aliás, é o mal de cidades brasileiras importantes que ficam no alto de um planalto. Mais tarde, Brasília desenvolveu essas mesmas características de cagar na cabeça das leis vigentes.

As reduções foram pouco a pouco reduzidas a pó. Até que os nativos começaram a reagir, pois os jesuítas espanhóis passaram a distribuir armas para que eles se defendessem. Para que não se sentissem em pecado, os padres hispanos entregavam novas cartilhas de catequese com apenas nove Mandamentos. A lista não incluía “Não matar”. Assim, os indígenas podiam detonar os bandeirantes e continuar acreditando que iriam para o céu.

Em 1641, ocorreu a mais feroz das batalhas. Três mil índios guaranis, chefiados pelo cacique Ignácio Abiam e supervisionados por dois padres, mandaram balas e flechas na bandeira de Jerônimo de Barros, composta por trezentos paulistas e seiscentos índios tupis. Foi a maior goleada do Guarani numa equipe da capital paulista. Apenas vinte voltaram para casa, e foram recebidos com vaias pela torcida. A peleja ficou conhecida como o desastre de M'bororé e marcou uma mudança de rumo. Pouco a pouco os bandeirantes desistiram de caçar índios e passaram a caçar ouro, o que era muito mais seguro, já que o ouro não sabia atirar.



No balanço final da aventura bandeirante, o Brasil ganhou milhares de quilômetros quadrados e perdeu centenas de milhares de indígenas. Na caça do ouro, os bandeirantes voltaram a perder feio, dessa vez para a Globo, a Record e o SBT.

FICHA CORRIDA DOS HERÓIS

Os bandeirantes que, na posteridade, viraram estátuas em São Paulo, em vida tinham o status de milicianos. Eram temidos em todo o território nacional. Os feitos épicos que floream suas biografias estão mais para prontuário ou boletim de ocorrência. Conheça a ficha corrida de alguns dos nossos heróis.

Raposo Tavares

Antônio Raposo Tavares, o Rodovia, é um dos mais famosos bandeirantes. Temido caçador de escravos, passou a vida como um típico parlamentar: burlando as leis, cometendo crimes e fugindo de mandados de prisão. Nasceu em Portugal e veio para o Brasil aos 20 anos, com seu pai Fernão Vieira, quando este assumiu o governo da capitania de São Vicente, de propriedade do Conde de Monsanto, o padroeiro dos agrotóxicos. A sanha exterminadora de Monsanto contaminou o espírito do jovem, que costumava pulverizar os indígenas. Raposo acabou se viciando em invadir propriedades. Quando o governo ofereceu anistia aos crimes dos bandeirantes que lutassem contra os holandeses, Raposo partiu para o Nordeste, mesmo sem ter plano de milhagem da Gol, que naquela época ainda não tinha começado a atrasar seus voos para o Recife. Junto com mais mil homens, tomou uma goleada dos patrícios de Maurício de Nassau e voltou a pé do Rio Grande do Norte até a Bahia, percorrendo 2.700 quilômetros sem que nenhum caminhoneiro lhe oferecesse carona na BR-101, que ainda não havia sido construída. Raposo reuniu mais de mil homens (provavelmente outros, já que aqueles não entrariam nessa roubada de novo) e partiu pra conquistar o Itatim, região do Mato Grosso do Sul. Não deu certo. Em vez de voltar pra comer umas pizzas, seguiu caminhando até Belém, no Pará. Seu sonho era conhecer a terra onde Jesus nasceu. Sem conseguir estar com JC, voltou a São Paulo. No fim da vida, isolou-se num sítio, esquecido, desprestigiado e pobre por não receber um tostão dos pedágios da própria rodovia.

Fernão Dias Paes Leme

O mais doidão dos bandeirantes, Fernão Dias viajou por todo o Brasil em todos os sentidos. Aos 64 anos, já tinha massacrado índios em reduções nos quatro cantos do país. Atacou no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso do Sul, nos arredores de São Paulo, e virou celebridade ao trazer mais de 5 mil silvícolas aprisionados para a capital paulista. Para compensar tanta matança e garantir seu lugar no céu (ouviu dizer que lá em cima tinha uma redução lotada de índios), Fernão fez uma doação premiada à Igreja e financiou a construção do Mosteiro de São Bento. Imediatamente ganhou fama de gente boa entre os monges. Os índios não concordavam muito, talvez por não serem devotos do sacrossanto beneditino.

Fernão Dias era um dos homens mais ricos de São Paulo, perdendo apenas para Silvío Santos e Chiquinho Scarpa. Já estava com o boi na sombra quando, depois de fumar uma erva da boa, ouviu falar na lenda indígena de Sabarabuçu, a serra resplandecente que guardava tesouros inestimáveis. Juntou quarenta homens brancos e duzentos nativos, apertou um baseado, depois levou todos para uma viagem “easy rider” pelo vale do Jequitinhonha e o rio das Velhas. Endividou-se com os comerciantes de São Paulo, abandonou as filhas e a mulher doente, deixando a família na miséria para seguir em busca de seu sonho. Por sete anos passaram frio, sede e uma tremenda larica, mas não encontraram as danadas das esmeraldas. Fernão Dias estava tão obcecado pela busca das pedras preciosas que, quando soube de um motim na sua tropa, mandou enforcar o líder. Mesmo ao saber que esse era seu próprio filho, José Dias Paes, não recuou. Disse que o jovem mameluco era meio maluco e não iria fazer falta.

No fim da vida, o bandeirante encontrou umas pedras verdes na lagoa de Vupabuçu, no estado de Minas Gerais, e enviou-as para São Paulo. Aos 73 anos, morreu de malária no sertão do rio das Velhas, aliviado por ter realizado seu desejo. Se existe vida após a morte, ele ficou sabendo que as tais pedras não eram esmeraldas, e sim turmalinas. E quem fez questão de lhe contar foi o falecido filho: “Tá vendo, velho babaca? Se fudeu! Hahaha!”

Manuel Borba Gato

Borba Gato era o típico genro que vivia na aba do sogrão, Fernão Dias, e só passou a pegar no pesado quando este bateu as botas. Ficou pela região do rio das Velhas procurando por ouro e esmeraldas, que o sogro jurava existir por ali. Não encontrou nada, mas ainda assim apareceu um sujeito com o crachá de administrador-geral das minas. Rodrigo Castelo Branco era um nobre de origem espanhola, portanto não estava disposto a se lambuzar de lama para descobrir coisa nenhuma. Mas deu um toque:

– Aí, mané, se encontrar umas minas, a gente racha, falou? Meio a meio.

Borba Gato não gostou da chegada do intruso.

– Qualé, meu camarada, chegou agora e já quer sentar na janela? Pega leve. E relaxa que até agora eu rodei tudo por aqui e não vi mina nenhuma que preste. Só tem mocreia aqui na área. Hahahaha.

Castelo Branco não gostou da gracinha.

– Que papo é esse, rapá? Tá me tirando de otário? Vamos parar de caô, você não vai me passar pra trás.

– Não vou mesmo. Aliás, vou é te passar pra frente. Vai ver se eu tô lá embaixo, vai!

Borba empurrou o fiscal do rei, que caiu morto no fundo de um buraco. O bandeirante achou melhor se esconder nos sertões do rio Doce e por lá ficou por quase vinte anos, vivendo no meio dos mapaxós sem Facebook nem WhatsApp, portanto sem contato com a civilização. Um dos grandes mistérios desse caso é como conseguiu sobreviver tanto tempo sem receber vídeos pornôs dos amigos.

Manuel Borba Gato voltou a São Paulo quinze anos depois da morte de D. Rodrigo com o rosto totalmente liso, sem rugas de expressão, prova de que andara mesmo entre os botocados, digo, botocudos.

Séculos mais tarde, Borba Gato conquistou a imagem de herói destemido e audacioso, símbolo da independência de São Paulo. Apenas no século XX foi feita justiça. Borba Gato foi eternizado na cidade na forma de uma estátua toda em pastilhas de ladrilho, um monumento tão escroto quanto sua trajetória.

Domingos Jorge Velho

Os livros contam que Domingos Jorge Velho era carniceiro, sanguinário e assassino, mas ele também tinha alguns defeitos. Latifundiário, possuía enormes propriedades que tomara na mão grande no sertão do Piauí e do São Francisco. Não adianta recorrer ao Google para saber como era a cara desse bandeirante. O pintor Benedito Calixto exagerou no photoshop ao retratar o herói criminoso nos anos 1930 e forjou-lhe a imagem de super-herói da Liga da Justiça do século XVII, o que não tinha nada a ver com o sujeito que vivia maltrapilho no meio do mato, sem sequer falar o português – se comunicava em tupi muito antes da fundação da emissora de TV. Possuía uma milícia particular, composta de 11 mil índios armados com espingardas e arco e flecha. Dizimou o Quilombo dos Palmares, o maior e mais importante quilombo da nossa História e símbolo da resistência à escravidão. Foi responsável pela decapitação do líder negro Zumbi dos Palmares. Parafraseando o apresentador bandeirante Boris Casoy, Domingos Jorge Velho “era uma vergonha!”.

Anhanguera

Bartolomeu Bueno da Silva é uma das figuras mais lendárias entre os bandeirantes. Partiu de São Paulo para a região do Araguaia, a preferida dos guerrilheiros amigos de Gabeira e Dilma Rousseff. Chegando próximo ao rio Vermelho, em Goiás, encontrou a tribo dos... goiás, que viviam tranquilamente ouvindo duplas sertanejas. Bartô se meteu no meio da plateia e viu que as mulheres se enfeitavam com peças de ouro, o que ele estranhou, já que na capital paulista ninguém tinha coragem de ostentar joias em público. Perguntou às mulheres onde tinham achado aquele ouro. Desconfiadas de que ele pudesse ser um agente de Polícia Federal investigando lavagem de dinheiro, elas se recusaram a responder. O bandeirante encheu uma cabaça com aguardente, tomou um gole, deu outro pro santo e ateou fogo no resto. Todos ficaram chocados. Ele então ameaçou tacar fogo em todos os rios e lagoas. Os goiás, assustados, passaram a chamá-lo de Anhanguera, que significa Diabo Velho na língua dos Bruno-e-Marrones. Tal lenda correu o país, mas muitos não acreditaram e atribuíram seu apelido à tribo dos índios inhangueras, da região do Tocantins, que tinham sido capturados e escravizados por ele. Esses sabiam que Bartô havia posto fogo não em água, mas em cachaça. Entre eles, Bartolomeu não era conhecido como Diabo Velho, e sim como Velho Barreiro.

CAPÍTULO 5

BRASIL À FRANCESA

Hubert Aranha

QUEM IMAGINA QUE a nossa Pindorama tupiniquim poderia ter sido colonizada pela França? Se isso tivesse acontecido, o Brasil seria um outro país, bem diferente e *très exotique*. Em vez de feijoada, iríamos comer cassoulet. O futebol, esporte nacional, seria substituído pelo ciclismo. Até os canibais caetés iriam comer o bispo Sardinha seguindo uma receita do Claude Troisgros, sempre exigindo uma perfeita crrocância. E o que é melhor: não iríamos perder a final da Copa de 98 depois do piripaque de Ronaldô no Stade de France.

Os gauleses, se tivessem nos colonizado, também iriam acabar com o hábito de tomar banho, que herdamos de nossos indígenas e que nunca foi totalmente aceito na França. Como todo mundo está cansado de saber, os franceses, por conta dessa aversão higiênica, criaram a perfumaria cosmética. E o banho obrigatório só foi instituído por De Gaulle na década de 1960, o que resultou na Revolta Estudantil de maio de 1968.

Em 1494, Espanha e Portugal assinaram o Tratado de Tordesilhas depois de subornarem o papa Alexandre VI, o Duvidoso, e dividiram o mundo entre si. Portugal ficou com o Brasil, mas não estava nem aí para a Terra de Vera Cruz. Depois que Vasco da Gama se mandou de São Januário, ao lado de Eurico Miranda, e descobriu o caminho marítimo para as Índias, os portugueses só pensavam nas especiarias, que, na época, valiam uma fortuna. Pimenta no cu dos outros, gengibre, Gabriela, cravo e canela transformaram o pequenino Portugal num país rico e cheio da grana, uma potência mundial. Como não encontraram ouro nem especiarias por aqui, os galegos cagaram solenemente pra nossa terrinha e só vinham aqui de vez em quando para extrair o pau-brasil, árvore de duplo sentido que era usada para tingir de vermelho as roupas dos nobres europeus. Sim, porque naquela época Portugal podia ser considerado parte da Europa.

A descoberta do pau-brasil logo chegou aos ouvidos da Corte francesa e deixou com água na boca as cortesãs da nobreza que queriam segurar aquele rombudo e perfumado tronco arroxeadado. Num bate-boca com um diplomata espanhol, o rei da França, Francisco Buarque I, se queixou:

“Gostaria de ver a cláusula do testamento de Adão que me afastou da partilha do mundo...” Mas não adiantou nada: o espanhol não entendia francês e o rei não sabia falar espanhol.

Imediatamente, Francisco Buarque I resolveu que era hora de sair de Paris e dar um pulo naquelas terras longínquas onde o pau-brasil dava mais que chuchu na serra. Em seguida, mandou que os famosos corsários e piratas da França zarpassem em direção ao Novo Mundo, onde, por mais de cinquenta anos, extraíram a árvore na mão grande e se tornaram os maiores traficantes do pau no mundo. O pau brasileiro se tornou um sucesso na Europa e até hoje desfruta de grande prestígio no Velho Mundo, graças aos nossos travecos. A primeira expedição francesa ao Brasil, em 1503, liderada por Binot Paulmier de Gonneville, fracassou: primeiro ele chegou a Santa Catarina, onde deu de cara com os índios carijós, e, na volta, naufragou na costa da Normandia. Injuriado, Gonneville jamais voltou ao Brasil, assim como Francisco Buarque I. Mas as notícias de que aqui o pau-brasil abundava (com trocadilho, por favor) se espalharam entre os costureiros de Paris, que fizeram uma vaquinha (*La vache qui rit*) e financiaram uma nova expedição ao Brasil. Como só queriam saber de pau (brasil, é claro), os franceses logo estabeleceram alianças vantajosas com várias nações indígenas: os caetés, os potiguaras e os tamoios. Os índios arrancavam o pau-brasil e, em troca, recebiam dos franceses bolsas Louis Vuitton, relógios Cartier e garrafas de Moët & Chandon. Graças aos seus presentes de luxo (que encantariam o governador Sérgio Álvares Cabral), em pouco tempo a francesada ocupou várias porções do litoral brasileiro – principalmente na Paraíba, no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e, mais tarde, no Rio de Janeiro. Os franceses “estavam podendo” e praticamente mandavam e desmandavam no Brasil. Os portugueses morriam de medo de chegar perto deles, até por causa do mau cheiro que os descendentes de Asterix exalavam.

Revoltado com aquela situação, o rei D. João III, o Flatulento, enviou uma expedição ao Brasil, comandada por Martim Afonso de Souza, para reprimir os traficantes gauleses. Munidos de toneladas de desodorante, os portugueses atacaram os fedorentos invasores. Mas só em 1548 estabeleceram no Rio de Janeiro um governo-geral do Brasil, tornando a colonização da América portuguesa uma responsabilidade da Coroa. A coroa, no caso, era a esposa de D. João III. Só Mem de Sá, em 1555, conseguiu expulsar os franceses de vez de nossa terra, aonde só voltariam no final do século XX para comandar programas de culinária na TV. Esses chefs, apesar de morarem há décadas no Brasil, nunca perderam o seu sotaque carregado, mesmo porque iriam acabar perdendo o emprego.

Depois de ficarem mais de cinquenta anos destruindo a Mata Atlântica e patolando o pau-brasil alheio, os franceses concluíram que era a hora de estabelecer um império ultramarino no Brasil. Para se meter numa roubada dessas, no entanto, era necessário achar o homem certo. Esse homem era Nicolas Durand de Villegaignon. Villegaignon fazia de tudo um pouco: era militar, navegador, diplomata, historiador, erudito e filólogo. Era também formado em Direito e amigo de Calvino, criador do calvinismo, uma doutrina religiosa baseada na calvície e na oposição à Igreja Católica, que mandou vários jesuítas para o Brasil desde o Descobrimento. Entre eles, José de Anchieta, Antônio Vieira e Manoel da Nóbrega, que fundou a Praça da Alegria em São Paulo. Nomeado vice-almirante da Bretanha, Villegaignon arrumou encrenca com o governador bretão e resolveu se mandar da França e fundar uma colônia no Brasil. A viagem do navegador francês foi cheia de

perrengues, e ele só conseguiu chegar à baía de Guanabara no dia 10 de novembro de 1555, com cerca de 130 homens e nenhuma mulher! Tava na cara que ia dar ruim...

Villegaignon montou seu acampamento numa ilhota onde fica hoje a Escola Naval e começou a planejar a construção de Henriville, vilarejo assim batizado em homenagem ao rei da França, Henrique II, o Cabuloso. Ali, perto da atual Glória, Ville começou a construir a colônia França Antártica, onde pretendia fabricar cerveja. Mais tarde, a Antártica foi comprada pela Ambev. A França ainda não tinha sido adquirida pelo grande conglomerado cervejeiro. As condições eram terríveis, e os homens de Villegaignon tiveram que comer a baguete que o diabo amassou. Não havia víveres, e eles eram obrigados a se alimentar de raízes e beber água em lugar de vinho. Também não havia mulheres para comer e a única saída foi partir para o canibalismo sexual entre os “soldados”. Moralista e homofóbico *avant la lettre*, Villegaignon reagiu despoticamente a *la viadage* que comia solta na cidade e reprimiu com mão de ferro os seus “homens”.

Mesmo com tantas broncas, os franceses conseguiram solidificar suas posições na Cidade Maravilhosa. Receberam reforços da França, entre eles um sabonete que durou de 1555 até 1560, e estreitaram sua aliança com os índios tamoios, que eram os que mandavam no pedaço. Construíram também o Forte Coligny, uma fortaleza praticamente inexpugnável. Mas os franceses, sempre mal-humorados e bufando, viviam às turras uns com os outros. Um belo dia Villegaignon exigiu que um marinheiro gaulês, que era casado com uma índia havia sete anos, se separasse da mulher. O tempo fechou e o marujo armou uma conspiração para matar o vice-almirante. Mas o plano foi descoberto, e os conspiradores, mortos cruelmente pelos milicianos de Villegaignon.



Depois de atacar a mídia golpista pelos acontecimentos, Villegaignon tornou-se cada vez mais despótico, desconfiado e paranoico, e acabou transformando a vida na fortaleza numa rotina de conspirações, torturas e prisões. Em 1557, chegou ao Rio de Janeiro Bois-le-Comte, sobrinho de Villegaignon, com três navios e 290 homens. Mais uma vez, sem nenhuma mulher! A expedição também trouxe 14 pastores calvinistas que logo começaram a brigar com os católicos, na época o esporte mais popular do mundo. Irritado, Villegaignon fez as malas e saiu à francesa, deixando o Rio nas mãos do seu sobrinho.

Em 1560, o governador-geral Mem de Sá adentrou a baía de Guanabara para expulsar os invasores. Bois-le-Comte não se rendeu porque contava com o apoio de mil índios tamoios. Mas os

portugueses estavam mancomunados com os tupiniquins e os temiminós, que eram inimigos ancestrais dos tamoios. Depois de uma luta encarniçada, Mem de Sá expulsou os franceses da fortaleza e assumiu o poder no Rio de Janeiro. Mesmo assim, Mem de Sá largou a cidade e voltou à Bahia, onde permaneceu num resort na Praia do Forte.

Somente cinco anos mais tarde o sobrinho de Mem de Sá voltou à cidade, onde encontrou franceses remanescentes e seus aliados, os tamoios, entrincheirados. Estácio de Sá tinha um sonho: construir no Rio de Janeiro uma universidade. O pau-brasil comeu! Os portugueses e os dissidentes franceses logo começaram uma guerra, sempre com o auxílio luxuoso dos tamoios. Ao saber desse barraco, Mem de Sá, que não estava nem aí, retornou ao Rio de Janeiro com mais de duzentos homens (e nenhuma mulher!), distribuídos em seis caravelas e três galeões. Após uma batalha feroz, os portugueses acabaram vencendo a peleja, mesmo enfrentando o terrível cacique Arariboia, prefeito de Niterói. Estácio de Sá morreu sem ver realizado o sonho de sua própria universidade, mas acabou virando um bairro carioca, o Estácio, berço do samba, onde morava a famosa Tia Negociata. Na verdade, nessa guerra franco-lusitana toda quem morreu mesmo foram os indígenas, coitados, mais de mil, segundo a Wikipédia. Os europeus que sucumbiram foram apenas trinta.

A França Antártica foi um experimento histórico fracassado, mas poucos conhecem um episódio menos difundido. Inconformados com os banhos diários dos nossos silvícolas, os franceses tentaram mais uma vez estabelecer uma nova colônia no Brasil: a França Equinocial. E no Maranhão, território pouco explorado pelos lusos, que, na época, estavam mais ocupados plantando cana e dizimando indígenas nas Entradas e Bandeiras. Os corsários franceses sabiam tudo sobre as perigosas águas maranhenses e as melhores rotas entre as correntes marítimas traiçoeiras da costa local. O pioneiro dessas investidas foi o aventureiro Jacques Riffault, que fez uma rifa na França para arregimentar uma esquadra e colonizar o Maranhão porque teve notícia de que os tupinambás queriam se converter ao catolicismo e fazer uma aliança com os portugueses. Em 1612, partiram da França com destino ao Maranhão três navios e quinhentos homens (e, mais uma vez, nenhuma mulher!). Assim que chegaram, os franceses fundaram a cidade de São Luís, em homenagem ao rei-menino Luís XIII, o Dengoso. Assim que soube da invasão gaulesa, Filipe II, o Phoderoso, que acumulava os reinos de Portugal e Espanha, mandou atacar as tropas francesas. Mas foi graças aos esforços do donatário José Sarney, que já era vivo na época, que os franceses resolveram abandonar definitivamente o Brasil. Mesmo porque Sarney não admitia que ninguém mais além dele mandasse naquela terra arrasada e atrasada.

CAPÍTULO 6

O BRASIL LOURINHO DE OLHOS AZUIS

Claudio Manoel

ANTES DE CAIR de cara no que ficou conhecido como o período/projeto Brasil Holandês, vamos dar uma rápida passada nos episódios anteriores.

Tudo (pode-se dizer que) começa em 1494, quando portugueses e espanhóis, sem convidar mais ninguém pra festa, celebraram o Tratado de Tordesilhas. Como, nessa época, os grandes Descobrimientos ainda estavam na fase de lançamento, parece que a coisa levou um tempo pra viralizar.

Quando outros se deram conta do mundão que era o Novo Mundo, bateu a vontade de surfar na onda, tirar uma casquinha ou um pedaço. Principalmente os franceses e ingleses, que não foram convidados a participar da partilha, mas também queriam entrar na farra e, portanto, mandaram lusos e espanhóis enfiarem o tal tratado lá no estreito de Gibraltar.

Primeiro, eles vieram de passagem pra fazer uns contrabandozinhos (umas 4 mil peles de onça aqui, umas centenas de araras e papagaios acolá, junto com um punhado de índios pra exibir “lá fora” e cobrar ingresso, sem falar no cobiçado pau-brasil, é claro), praticar uns saques, dar uma bronzada, pegar umas índias, mas depois, vendo que não era tão difícil assim tomar pra si o que não era defendido por (quase) ninguém, as ambições foram ficando maiores.

A trama ficou mais complicada com a morte de D. Sebastião, o mitológico menino-rei, que em 1578, aos 16 anos, desapareceu no Marrocos, deixando, além de lendas, sambas-enredos e muita sociologia de botequim, uma baita barafunda na sucessão do trono português.

Encurtando a história: Filipe II, rei da Espanha, botou seu pinto real na mesa e anexou o trono vago de Portugal, criando a União Ibérica. Não contente com isso e se achando o pica das galáxias, também resolveu incorporar a Holanda, e aí... começou a dar ruim.

Os holandeses reagiram, partiram pra dentro, declararam guerra aos espanhóis e, em 1581,

(re)proclamaram a Independência. Dom Filipão se magoou e, em represália, fechou todos os portos ibéricos para os rebeldes.

Sem alternativa, o pessoal dos Países Baixos resolveu radicalizar e decidiu criar seu personal Império. Para isso, recorreram à sua arma mais poderosa: os banqueiros!

Estes aceitaram a missão e criaram, em 1621, junto com outros investidores, a (futuramente famosa) Companhia das Índias Ocidentais. Se era guerra o que o inimigo queria, eles iriam conhecer a pior de todas: a guerra comercial.

Mesmo contando apenas com as planilhas da época, não foi difícil para os financistas perceberem que a bravata luso-hispânica de que o novo continente tinha dono e ninguém tascava era insustentável, em todos os sentidos. Como é que eles iam fazer pra tomar conta daquilo tudo? Cercar de arame farpado? Botar muro com caco de vidro? E cadê money, cadê bufunfa pra isso?

Naquele momento, isso é o que não faltava para a Companhia, que saiu escolhendo dentro da sua jurisdição (África e Américas. A coirmã, Companhia das Índias Orientais, cuidava do resto do mundo) os pontos que iria pegar na mão grande, e, entre os mais apetitosos, estava o Brasil, uma imensidão (mal) administrada e (pessimamente) guardada logo pela parte mais fraca da União Ibérica: Portugal.

Nós não conseguimos
emplacar a moda dessas golas
rendadas, mas deixamos um
legado: milhões de brasileiros
chamados Wanderley!



Maurício de Nassau

Target decidido, *budget* aprovado, arregimentaram 26 navios, 3.300 homens, 450 bocas de fogo (canhões e similares) e partiram para seu destino, a cidade de Salvador, capital da maior colônia portuguesa, aos gritos (dizem) de “Arrá, urru! o Brasil é nosso! Arrá, urru! o Brasil é nosso!”.

“Vim, vi e venci” foi aquilo ali, um verdadeiro passeio. Era dia 8 de maio de 1624 quando a frota holandesa pintou na baía de Todos-os-Santos e, 24 horas depois, já tinha tomado conta geral.

Como não era Carnaval, os baianos ou estavam na rede ou não eram páreo mesmo, mas o fato é que, em apenas um dia, a cidade da Bahia já exibia a placa: “Sob nova administração”.

A facilidade inicial foi tanta, e o butim arrecadado, tão farto (além do açúcar e do pau-brasil lotando os porões dos navios, os saques encheram os bolsos até da tropa), que os invasores amoleceram, deitaram em cima dos louros, ou melhor, os louros, qual novos baianos, ficaram deitados na sombra, tomando água de coco, e jamais conseguiram dominar o interior (há quem diga que eles é que não viam graça em sair do litoral). Resultado: um ano depois da chegada, foram postos pra correr. E o que era pra ser uma importante anexação territorial ou o início de um processo de colonização, acabou sendo só um rolezinho.

Mas holandês é um povo persistente, que não desiste nunca. Não é à toa que eles aprenderam a gostar de andar naqueles tamancos. Em 1630, depois de uma espetacular apreensão em Cuba do carregamento anual da prata espanhola, resolveram usar a grana do inimigo para financiar mais uma grande invasão.

Juntando o útil ao agradável, escolheram um alvo ainda mais lucrativo, para só de sacanagem dar mais uma pancada na cambaleante economia ibérica: a maior região produtora de açúcar do mundo, a capitania de Pernambuco, que, por ser propriedade particular, e não da Coroa, era ainda pior aparelhada para se defender.

Mesmo achando que tudo seria mamão com açúcar (como era época da nossa primeira monocultura, posteriormente conhecida como ciclo da cana, o mais correto talvez fosse dizer “açúcar com açúcar”), só pra garantir, os holandeses não deram mole e, no dia 15 de fevereiro de 1630, 77 navios e cerca de 7 mil homens chegaram para frevar em Olinda.

Apesar da resistência inesperada do governador casca-grossa Matias de Albuquerque, que conseguiu incendiar quase um terço (24 navios) da esquadra invasora, o Recife caiu, os holandeses chegaram e se instalaram. E, dessa vez, a estadia seria bem longa: eles ficariam por quase um quarto de século.

Mas, nos primeiros anos, a coisa não foi nada fácil. O calor dos trópicos veio tanto do clima quanto das escaramuças criadas pelos resistentes luso-brasileiros, que queriam mandar os gringos de volta pra casa ou pra PQP, tanto fazia, a escolha era deles.

O pau comeu, as guerrilhas proliferaram, mas, com a chegada do novo mandachuva, Maurício de Nassau, em 1637, as coisas foram se acalmando, tudo foi ficando na boa e o tal Brasil Holandês finalmente aconteceu.

Se a experiência holandesa teve algum sucesso e é, miticamente, fantasiada até os nossos dias, isso se deve a Johan Mauritis van Nassau-Siegen, vulgo Maurício de Nassau, o primeiro mauricinho (muito antes do Collor e do Dória) a governar algum lugar do Brasil. O cara era o cara!

Ele já chegou causando logo no desembarque, acompanhado de 3 mil soldados, oitocentos marinheiros e seiscentos indígenas e negros. Como se não bastasse, ainda trouxe na comitiva 46

artistas, cientistas e estudiosos, encarregados de pesquisar, retratar e catalogar o máximo possível de nossa fauna, flora e costumes. O sujeito era muito chique. Não sendo bobo nem nada, tratou de conceder empréstimos aos senhores de engenho, que, diante de tão generoso argumento, foram logo bandeando pro seu lado.

Além disso, investiu em infraestrutura, criou a bela Cidade Maurícia, em frente ao porto do Recife. Essa, por sua vez, de uma acanhada vila, passou a ser a mais cosmopolita e avançada cidade das Américas, com ruas bem calçadas, um zoológico, a maior ponte (318 metros) do Novo Mundo, de cuja inauguração até um boi voador participou (empalhado e com fios camuflados pela noite, para dar a impressão de que o bovino voava de verdade).

O “governador, capitão e almirante-general das terras conquistadas ou por conquistar” também mandou plantar 2 mil coqueiros, combateu a monocultura incentivando o plantio da mandioca (saudando-a, quase quatro séculos antes da Dilma, como o pão do Brasil), proibiu a derrubada dos cajueiros, que já estavam quase extintos (salvando não só a popular castanha como o tradicional “caju amigo”), mandou ladear as ruas com diversas árvores frutíferas, inclusive mamoeiros (talvez interessado em criar a famosa e já citada expressão que junta esse fruto com o açúcar pra indicar algo fácil), proibiu o lançamento do lixo dos engenhos nos rios para evitar mortandade de peixes, permitiu a construção de sinagogas e convocou a primeira assembleia legislativa democrática do continente. Só não fez mais porque bateu de frente com a matriz, pediu as contas e, logo depois de fazer o boi voar, picou a mula de volta pra casa.

A partir daí, foi tudo ladeira abaixo.

Nem bem Seu Maurício fez as malas, a Companhia resolveu cobrar os empréstimos feitos, o que levou os até então apaziguados senhores de engenho a entrar na luta contra o credor... quer dizer, invasor holandês. Além disso, as últimas safras tinham sido uma titica, o preço do açúcar desabou por causa da concorrência e aí... o pau comeu!

A primeira batalha (do Monte das Tabocas) aconteceu em 1645. As mais famosas foram as duas de Guararapes (a primeira em 1648, a outra no ano seguinte), quando os luso- pernambucanos ganharam de 10 a 1 na proporção de mortes infligidas ao adversário (mil holandeses contra cem nacionais).

Mas foi só em 1654, depois de passarem anos resistindo, mas sitiados, sem poder sair do Recife, quando os “bons tempos” em que chegaram a controlar sete das dezenove capitânicas já estavam bem distantes, que os holandeses, finalmente, desistiram do sonho de ter um Brasil pra chamar de seu e se mandaram.

De todo o período de ocupação, o maior legado talvez seja a ideia (baseada nos sete anos de Nassau ou em baseados fumados em Amsterdã) de alguns de que o Brasil estaria melhor hoje se tivéssemos permanecido em mãos holandesas em vez de termos voltado aos nossos antigos donos lusitanos.

Tirando o desejo de ter um colonizador louro, de olhos claros, para que as futuras gerações pudessem economizar em água oxigenada, clareadores, tinturas e lentes de contato na busca eterna da louritude perdida, a crença numa qualidade maior, uma espécie de colonização golden platinum plus made in Netherland, não se sustenta.

A Holanda, entre outros, se meteu na Indonésia e na África do Sul (onde ficaram conhecidos

como bôeres, com uma folha corrida e uma fama nada elogiáveis), sem falar que, se fôssemos holandeses, poderíamos ser hoje o maior Suriname do mundo.

O fato é que esse negócio de ficar escolhendo, ou discutindo, quem seria, ou deveria ser, o melhor dono não pega bem nem pra cachorro. Melhor não.

CAPÍTULO 7

É OURO, BRASIL!

Beto Silva

CONTA A LENDA que, quando os portugueses aportaram por aqui em 1500, um índio aproximou-se da comitiva, apontou para o peito de Cabral e, em seguida, mostrou as montanhas distantes. Cabral não entendeu o gesto e perguntou para um companheiro que estava ao seu lado:

- O que será que esse índio está querendo dizer?
- Ah, chefe, acho que ele apontou pro seu peito pra elogiar o seu tórax malhado e definido.
- Será? Bom, eu andei puxando uns ferros antes de sair de Portugal... Mas por que será que depois ele apontou para as montanhas?
- Ah, isso eu não sei. Acho que ele estava só se espreguiçando.
- Nada disso! – contestou outro português. – Ele não apontou pro tórax do chefe, ele ficou impressionado foi com o colarção de ouro do chefe.
- Também acho! – concordou outro tripulante. – E provavelmente com um colar desse o capitão pode conseguir fazer qualquer coisa por essas terras.
- Qualquer coisa? Como assim? – Cabral procurou entender.



**QUERO
OURO**

E VAI PASSANDO TUDO:
RELÓGIO, COLAR
E PULSEIRA!

BORBA
GATO

R.

– Ah, qualquer parada, chefia. Com esse colarão aí deve dar pra conseguir de tudo por aqui, bebida, comida, mulheres...

– E por que ele apontou para as montanhas?

– Ah, provavelmente é lá que fica o lugar onde dá para conseguir essas coisas. Lá é que deve ter vinho e é lá onde deve ficar a mulherada!

A tese animou os portugueses, que já estavam comemorando e fazendo planos para ir até as montanhas quando Pero Vaz de Caminha tratou de acalmá-los. A sua interpretação dos gestos do indígena, que ele depois descreveu em sua famosa carta, era diferente. Para ele, o índio estava querendo mostrar que nas montanhas havia mais daquele metal que ornava o pescoço de Cabral, que lá certamente se encontraria ouro.

– Estraga-prazeres! – gritou a tripulação de Cabral.

Haveria ou não ouro no Brasil? Esse foi o assunto principal nas mesas de bar portuguesas da época. Como não podiam conversar sobre a performance do Vasco no Brasileirão, pois o clube ainda não existia, os lusitanos discutiam o que poderia haver no Brasil lá para os lados das montanhas. Seria ouro? Ou o índio só dera o mapa da mina de um local cheio de gatas e vinho para a tripulação do Cabral se entreter?

Até o final do século XVII, quase não se achou ouro no Brasil. No máximo uma pulseirinha perdida aqui, um colar arreventado ali. No entanto, em 1674, Portugal estava numa crise econômica de fazer gosto e só a descoberta de ouro no Brasil poderia salvar a situação. O rei português, desesperado, mandou uma carta aos “homens bons” de São Paulo incentivando-os a procurar ouro. De bons, os “homens bons” de São Paulo não tinham nada. Era uma cambada de sujeitos barbudos e barrapessadas que topavam qualquer parada. E esses “homens bons” paulistas obedeceram ao rei e se embrenharam mato adentro tentando descobrir algum filão do nobre metal.

Não se sabe quem foi o primeiro a encontrar ouro no Brasil. Dizem que foi Borba Gato, mas não é comprovado. Provavelmente várias pessoas acharam ouro ao mesmo tempo. Uma das únicas certezas que se tem sobre esse episódio de nossa História é que Borba Gato, um cara sujo, feio e com barba descuidada, não fazia jus ao nome – ele não era nem um pouco gato. A outra certeza histórica no que se refere a Borba Gato é que a enorme estátua que fizeram em sua homenagem na cidade de São Paulo também é feia de doer.

As minas de ouro ficavam para além da serra da Mantiqueira, nas regiões de São João del-Rei, Ouro Preto/Mariana e Sabará/Caeté, locais difíceis de se alcançar naquela época. Levava-se cerca de dois meses e meio para se chegar lá, por caminhos complicados, tortuosos e perigosos. As estradas eram horríveis, cheias de buracos e quebra-molas e, na travessia das Minas Gerais, os bandeirantes ainda eram obrigados a escutar um monte de cantores de barzinhos achando que eram o Milton Nascimento. Uma jornada difícilíssima.

AS MINAS GERAIS

As condições de vida na região de Minas Gerais onde havia ouro não eram nada boas. As cotações no Trip Advisor eram baixíssimas. Não havia comida nem água, e achar um wi-fi gratuito era uma

guerra. Sem contar os insetos esquisitos e a dificuldade de encontrar um local onde se pudesse comprar um repelente. Com a escassez de comida, os mineradores traçavam o que aparecesse pela frente: alimentavam-se de sapos, cobras, baratas... Formiga frita era considerada uma iguaria. Em suma, comia-se de tudo por ali. Estamos nos referindo aqui a comida de verdade, se bem que podemos dizer o mesmo no sentido sexual: comia-se de tudo por ali. E matava-se também por qualquer motivo. A insegurança era total. Nenhuma cabine de polícia, não havia UPP na área, dava muito medo andar por lá. Mas, mesmo com todas essas dificuldades, muita gente se aventurou a enfrentar a viagem na busca por ouro. E, quando dizemos que foi muita gente, estamos falando mesmo de multidões. Foram mais de 150 mil pessoas que se deslocaram para Minas entre 1700 e 1720. Isso era gente pra cacete naquela época. Foi como se estivesse acontecendo em Minas um enorme festival de música com shows de Anitta, Luan Santana e Wesley Safadão, e tudo de graça! A galera ia mesmo! E ainda havia a possibilidade de se voltar rico de lá.

A GUERRA DOS EMBOABAS

O ouro encontrado em Minas estava praticamente à flor da terra. Era fácil demais de ser retirado, bastava sair catando. Quando essa notícia se espalhou, várias pessoas de todos os cantos do Brasil partiram para aquelas bandas a fim de realizar o sonho do ouro próprio. Eram principalmente portugueses, que achavam ter mais direito que os brasileiros e resolveram que podiam pegar uma parte do ouro para eles. Os paulistas, que haviam sido os primeiros a chegar, não curtiram essa onda. Exigiram exclusividade na exploração do metal precioso; não aceitavam a concorrência desses forasteiros, que eram chamados de emboabas.

Muitos estudiosos, sem ter mais o que fazer, discutem bastante qual seria a origem da palavra emboaba. Existem várias explicações. Alguns afirmam que a palavra emboaba vem do tupi “amô-abá”, que significa forasteiro. Já outros discordam dessa teoria e garantem que emboaba vem da expressão “em boa aba”, pois os não paulistas também queriam viver na aba do ouro de Minas, numa boa.

A situação entre paulistas e emboabas foi ficando cada vez mais complicada. Os paulistas, muito putos com a invasão dos forasteiros, começaram a fazer merda. Primeiro, não respondiam quando os emboabas davam bom-dia, não os chamavam para completar o time de futebol e não ofereciam gole da cerveja. Até que a coisa foi piorando, a tensão foi crescendo e acabaram rolando uns assassinatos de emboabas. E pior: os assassinatos aconteciam por motivos fúteis. Os paulistas matavam e davam as desculpas mais esfarrapadas, tipo “Orra, o cara olhou pra minha mina, meu!” ou “O emboaba falou mal do timão, meu!”. Aí o bicho pegou de vez. Os emboabas reagiram e, liderados pelo baiano Manuel Nunes Viana, incendiaram Sabará e expulsaram os paulistas dali. Os paulistas voltaram e o pau quebrou. A Guerra dos Emboabas durou três anos e terminou sem que os paulistas conseguissem expulsar os forasteiros de Minas Gerais.

O QUINTO, O SEXTO E O SÉTIMO

Se, durante a sua história, o Brasil já foi o maior produtor mundial de café, de borracha, de jogadores de futebol, de maracutaias e de corrupção, no século XVIII o país foi o campeão mundial em produção de ouro. E Portugal, que andava numa crise de dar gosto, resolveu cair de boca no ouro encontrado no Brasil. Desde 1521, por lei, um quinto de todo o minério encontrado pertencia à Coroa portuguesa. Era o chamado quinto. Pois, além do quinto, os gulosos portugueses resolveram cobrar diversas outras taxas sobre o ouro de Minas. E, para conseguir cobrar esses impostos, Portugal mandou para Minas Gerais uma cacetada de fiscais, guardas-mores, oficiais e policiais, que patrulhavam a região fazendo blitzes, dando duras e incertas nos incautos caçadores de ouro. Tinha imposto para todos os gostos: os “direitos de passagem”, tributo para que o ouro pudesse passar; os “direitos de entrada”, taxa para que os produtos de fora pudessem entrar em Minas; além de várias outras taxas e contribuições, porque, se tem um tipo de gente criativa, é burocrata do governo na hora de criar novos impostos. Cobrava-se até uma espécie de pedágio aos que queriam entrar nos rios para procurar ouro. E, quando o sujeito saía do rio, cobrava-se imposto sobre o aluguel da toalha que o cara usava para se enxugar.

Mas mesmo com toda essa sanha arrecadadora, mesmo com esse verdadeiro exército de fiscais em cima, a brazucada conseguiu praticar o seu esporte favorito, por sinal um dos mais difundidos até hoje no Brasil: enganar o governo. Para tentar combater o contrabando, a Coroa portuguesa tentou de tudo: botou o Exército na rua, chamou a Força Nacional, transferiu até a capital de Salvador para o Rio, que ficava mais perto de Minas, mas nenhuma medida adiantou muito e calcula-se que 35% do metal encontrado em terras mineiras foi contrabandeado.

Muito ouro saiu do Brasil em direção a Portugal durante o século XVIII. No entanto, esse ouro não parou na terrinha nem para comer um bacalhau com batatas ao murro. Ele cruzou Lisboa de passagem, engatou uma terceira e partiu direto para a Inglaterra. Tudo por conta de um acordo assinado entre Portugal e Inglaterra, o Tratado de Methuen, em que Portugal levou a pior e acabou tendo que entregar praticamente todo o ouro brasileiro para os ingleses. Dizem inclusive que o tratado levou esse nome porque o objetivo dos ingleses era Methuen na bunda de Portugal (e, por tabela, na do Brasil). Alguns historiadores garantem que o ouro brasileiro ajudou a financiar a Revolução Industrial.

A exploração do ouro de Minas Gerais durou até 1780. Mais do que o esgotamento dos veios, foi a taxaçoão abusiva que provocou a decadência das minas de ouro brasileiras. Era difícil correr tanto risco, passar tanto perrengue, para no final ter que deixar um pedaço de ouro nas mãos do guardinha.

DIAMANTINA

Em 1727, chegou a Portugal a notícia de que foram encontrados muitos diamantes num local de Minas chamado Arraial do Tijuco. A mina de diamantes era grande mesmo, era pedra preciosa a dar

com o pau. O rei João V ficou felizão e saiu comemorando. Os diamantes do Brasil viraram o assunto do momento, só se falava sobre isso na Corte. Os diamantes chegaram a ser tema do *Globo Repórter* e reportagem no *Fantástico*. Festas homéricas com DJs estrangeiros e bebida grátis foram organizadas em Lisboa para comemorar o achado.

Ao contrário do que se deu na descoberta do ouro, a Coroa portuguesa resolveu que ela mesma controlaria a exploração e a saída dos diamantes do Arraial do Tijuco, que a essa altura já era chamado de Diamantina. A extração de diamantes foi declarada monopólio da Coroa, e a zona de Diamantina foi mantida fechada. Era ruim de alguém entrar ali sem autorização, e conseguir sair era pior. Foi proibida a presença de quem estivesse de bobeira. Negros, desocupados ou pedintes, nem pensar. Quem não estivesse de serviço tinha que se mandar rapidinho, senão tomava chumbo.

Em 1740, a Coroa portuguesa resolveu vender o direito de extração de diamantes para um contratante privado. O processo correu tranquilamente, porque naquela época ainda não se faziam manifestações de esquerda contra a privatização de qualquer coisa nem existiam black blocs para quebrar tudo. Depois da privatização, a produção de diamantes ficou mais eficiente e até aumentou.

A Coroa portuguesa ficou tão animadinha com as cascatas de diamantes encontradas no Brasil que achou que podia ficar rica rapidamente. Foram tantos diamantes que Portugal empurrou para os europeus que o preço do quilate da pedra caiu a níveis baixíssimos. Depois de um tempo, já tinha gente pagando cafézinho com um anel de diamantes.

Entre os vários personagens desse período que entraram para a História, podemos destacar Xica da Silva, que ficou famosa após a sua novela ser reprisada mais de mil vezes em vários canais de TV. E também o escultor Aleijadinho, que, se hoje vivesse, não seria chamado por essa alcunha politicamente incorreta, mas provavelmente por Escultorzinho-com-dificuldades-motoras ou Artistazinho-com-necessidades-especiais.

CAPÍTULO 8

ESCRAVIZADOS NO BRASIL

Helio de La Peña

A VIAGEM

O traficante Fernandinho Ultramar fez fortuna com o comércio de africanos escravizados. Irritado por ser visto como o responsável por todo o tráfico entre aquele continente e o Brasil, Ultramar, que cumpre pena em regime fechado desde 1888, resolveu abrir o bico em delação premiada, numa tentativa de aliviar seu fardo. Ele afirma que há muito exagero nessa história e que nunca valorizaram o lado positivo de sua atividade, até porque ainda não se sabe qual seria. Vamos deixar que o próprio Fernandinho dê sua visão dos fatos:

“Não me considero um traficante. Sou um comerciante, um importador de mercadorias e principalmente um empreendedor. Muitas vezes minhas diversas atividades são distorcidas pela mídia, daí eu ser sempre visto como o grande vilão da sociedade. Não inventei nada. Como dizia Simpson – não o O. J., mas o Homer – ‘Quando cheguei, já estava assim’. Agora a culpa é toda minha. A verdade é que tudo isso começou há muitos anos. Houve época em que todos traficavam escravos na boa, e ninguém falava nada. Escravos brancos, escravos pretos, nas mãos de traficantes de todas as nacionalidades. Portugueses, holandeses e ingleses eram os campeões. Só fiz colocar o negócio num outro patamar.

“No início do século XVI, o Brasil ainda não era uma nação, mas, de acordo com as descrições do blog de Pero Vaz de Caminha, já era um destino incrível para se passar as férias. Clima quente, muitas praias desertas de areia fina, árvores frutíferas por toda parte e umas indiazinhas muito bem-feitas de corpo que, se plantando, todas davam. Quem chegava aqui, de propósito ou por acaso, só tinha elogios a fazer. Foi então que resolvi criar uma empresa turística que foi muito bem-sucedida. Fundei uma linha de cruzeiros entre o Oeste da África e o Nordeste do Brasil, com uma frota de navios negreiros, pejorativamente chamados de ‘tumbeiros’. Começamos a atuar quando as praias de Canoa Quebrada, Porto de Galinhas e até Trancoso ainda eram desertas e não tinham sido

detonadas por esse turismo predatório da classe C, promovido por empresas tipo CVC e aparentadas.

“Até então, as tribos africanas nunca haviam tido a oportunidade de visitar outros continentes. Gente vindo de Benin, Guiné, Congo e Angola, graças a mim, pôde conhecer o Nordeste brasileiro. Muitos exploraram o litoral, outros foram explorados nos canaviais e, mais tarde, nas minas de ouro. É verdade que poucos voltaram à sua terra natal. Mas aí já não era problema meu. Meu papel era providenciar tudo para que as viagens corresse com tranquilidade e segurança. Infelizmente nem sempre era possível.

“O sucesso do empreendimento gerou um boca a boca em todo o continente africano e a procura se tornou bem maior do que havíamos previsto inicialmente. Os turistas vinham de longe, trazidos por portugueses ou, muitas vezes, por seus irmãos de cor. Facções rivais, ou tribos, como eram chamadas na época, iam à cata de seus adversários e os levavam, contra a vontade, aos portos de Angola, Guiné e Moçambique. Alguns, por ignorância, se recusavam a embarcar. Os agentes de viagem eram obrigados a usar de violência para que eles tivessem o prazer de conhecer o Novo Mundo.

“Os viajantes se amontoavam nos navios negreiros. Era comum ocorrer overbooking e, como não queríamos privilegiar uns em detrimento de outros, deixávamos que todos viajassem. Com isso, a tripulação não dava conta de manter as instalações convenientemente higienizadas. Recebíamos frequentes reclamações sobre o serviço de bordo, sobretudo no que dizia respeito à alimentação. O excesso de passageiros impedia que pudéssemos oferecer barrinhas de cereal para todos. Vendo por uma ótica positiva, muitos turistas perdiam peso durante a viagem. Alguns não resistiam ao balanço das ondas e faleciam de enjoo antes de chegarem ao destino.



Quando é que
essa merda
vai acabar?

O projeto da Abolição
ainda está na fase de
captação de recursos e
isso vai demorar muito.
Tinha que pintar um
José do Patrocínio...

“A operação foi extremamente bem-sucedida por séculos. As viagens eram financiadas com carregamentos de cachaça e tabaco brasileiros, que eram comercializados na África. Mas a inveja e o olho grande dos concorrentes acabaram por me arruinar. A Inglaterra foi a primeira a chiar. Eu sempre disse: se não quer fazer negócio, não estrague o dos outros. De nada adiantou. Em 1815 esse tipo de turismo foi proibido no Brasil e minha empresa caiu na ilegalidade. Os ingleses passaram a reprimir meu trabalho. Alegavam que os africanos trabalhavam de graça e, sem salário, não podiam consumir seus produtos. O que se revelou uma falácia, já que, passados mais de cem anos, poucos assalariados de origem africana consomem mercadorias importadas, tirando as provenientes da China ou do Paraguai.

“Para dinamitar minha atividade, os ingleses montaram batidas policiais no oceano Atlântico, algo semelhante às blitzes da Operação Lei Seca. Nossos navios eram abordados por patrulhas, que revistavam as embarcações. Caso encontrassem alguma irregularidade, como algum passageiro sem passaporte, o navio era rebocado para um depósito do Detran, de onde só era retirado mediante o pagamento de pesadas multas ou depois do acerto de umas cervejinhas. Por conta dessa repressão, prejuízos incalculáveis foram causados.”

Fernandinho Ultramar lamenta até hoje o pouco incentivo ao empreendedorismo no Brasil.

SHOPPING

A repressão ao tráfico de escravizados atizou as variáveis da lei da oferta e da procura. Quanto menos “peças” disponíveis, maior o seu valor. Apesar de clandestino, o comércio prosperou no país. O Rio de Janeiro se tornou o principal polo de compra e venda. As bocas de escravos funcionavam escancaradamente no centro da cidade e eram frequentadas não só por senhores de engenho, mas também por madames da alta sociedade, que faziam das compras um programa. Iam bem-vestidas e cobertas de joias, examinavam os mais fortes, os mais jovens, os mais saudáveis e, no caso dos mais bem-apegoados, levavam para casa para fazer um test-drive. Algumas “peças” mais bem servidas eram escolhidas a palmo.

O DIA A DIA

Os africanos escravizados eram responsáveis por todos os trabalhos manuais na Colônia. A coisa mudou quando o Brasil se tornou Império. Passaram a ser responsáveis por todos os trabalhos manuais no Império. Eram agricultores, pescadores, mineradores, marceneiros, ferreiros, pedreiros e qualquer outra profissão que fosse inventada na época. Hoje em dia, o brasileiro que consegue juntar uma graninha compra logo um carro. Na época, comprava um escravo. Mesmo alguns escravizados possuíam escravos. Era uma tradição trazida pelos portugueses já na primeira caravela. “Trabalhar é para os fracos”, diziam eles. Na verdade, era para os fortes. Os africanos ralavam de sol a sol, sem direito a férias ou décimo terceiro. Aliás, não ganhavam nem décimo segundo, décimo primeiro, décimo, nono... Recebiam rosca todos os meses. Joaquim Manuel, um português que não quis se identificar, afirma que não era bem assim: “Ao se aposentar, eles continuavam a receber os salários integrais, sem nenhum desconto. Ou seja, estavam muito melhor do que os trabalhadores de agora. Isso pouca gente reconhece, ó pá!” Ele só não conta que poucos desfrutavam de suas aposentadorias, já que a maioria morria sem alcançar os 65 anos.

Os nobres lusitanos tinham alergia à labuta. E a alergia era transmitida geneticamente para todos os seus descendentes, agregados e amigos. Quando um português sentia vontade de trabalhar, ele se deitava e esperava a vontade passar. Deu certo por mais de três séculos. Do século XVI ao XIX, o jovem de origem lusitana que fosse pego trabalhando era deserdado pela família e sofria bullying dos amigos. Diante de tanta pressão, quem ousaria?

MAMÃE, EU QUERO MAMAR

Os escravizados não se restringiam aos trabalhos pesados do campo e das cidades. O serviço doméstico também era executado por eles. Com o tempo, o número de mulheres importadas da África aumentou e boa parte delas era encaminhada para a casa-grande, onde serviam às madames. Lavavam, passavam, cozinhavam, faziam a faxina e dormiam no emprego. Nada muito diferente de

hoje em dia. Uma nova tarefa foi acrescentada à lista dos afazeres. A escrava passou a ser a ama de leite. Ou seja, amamentava os filhos das patroas para que eles não estragassem os peitos siliconados de suas mães. Os sinhozinhos se habituaram a se alimentar nos seios das escravas. O período de amamentação na época era mais longo, e o bebê costumava mamar na mãe preta até os 25 anos. A partir daí, começava o assédio.

O bebê não era o único a mamar nas escravas. O pai do bebê também tinha esse hábito. Era uma prática usual. Na falta de delegacias da mulher e sem o apoio das feministas, que só surgiram no século XX, as mulheres negras eram abusadas sexualmente por todos os homens brancos da casa.

A amamentação em seios negros serviu de desculpa esfarrapada para que várias gerações de patrões forçassem a barra para obter favores sexuais de suas escravas. E, não raro, tinham filhos com elas, mestiços sem direito a herança ou a um quarto na casa-grande. Muitas esposas ciumentas, que não aceitavam o relacionamento do marido com as subalternas, castigavam e torturavam as escravas. Outras, mais práticas, preferiam ir à forra, escolhendo na senzala um funcionário bem-dotado pra chamar de seu. O fato é que tanto o escravo quanto a escrava que tivessem o azar de cair nas graças do patrão ou da patroa acabavam mal. Era comum a moça ter os olhos arrancados, assim como o rapaz podia perder preciosos centímetros da sua cobiçada anatomia.

A LUTA CONTINUA

Durante muitos anos, os historiadores acreditaram que os africanos se adaptaram bem ao Brasil, já que o clima era quente e os patrões, gente boa. Segundo os estudiosos, os negros trabalhavam cerca de 25 horas por dia, com direito a 15 minutos de almoço. O tempo era curto porque a comida era pouca. Não tinham férias, o que tinha seu lado bom – eles não perdiam horas engarrafados nas estradas para o litoral. E não ganhavam mal, já que não ganhavam nada. A falta de camas macias evitava dores na coluna. A baixa expectativa de vida também era vista por um prisma positivo: eram menos anos de açoites e chibatadas. Apesar de todas essas vantagens, alguns ingratos se revoltavam. Por serem iletrados, não se manifestavam com textões no Facebook; preferiam fugir.

Os escravos em fuga se embrenhavam nas matas. Em liberdade, se organizavam em comunidades independentes, conhecidas como quilombos. Ali encontravam tempo e tranquilidade para resgatar e cultivar traços da herança cultural africana. Assim, puderam desenvolver o samba, a capoeira, a feijoada e a moqueca.

Havia quilombos espalhados por todo o país. Até mesmo regiões hoje consideradas nobres já foram quilombos. É o caso do bairro do Leblon, no Rio de Janeiro. Na época, ficava distante e isolado, servindo assim de esconderijo para os negros insurretos. Com o crescimento da população, a cidade se expandiu e o Leblon tornou-se uma área nobre. O escritor Manoel Carlos transformou o bairro em cenário para suas novelas. Com isso, veio a especulação imobiliária, que mudou a cara dos moradores. Hoje apenas uns poucos negros moram no Leblon. Conquistaram esse direito pelo sistema de cotas raciais.

O Quilombo dos Palmares foi o mais famoso do Brasil. Localizado no interior de Alagoas, começou a ser construído no início do século XVII e resistiu por mais de noventa anos, até Fernando

Collor de Mello se tornar governador do estado. Palmares era liderado por Ganga Zumba, até este cair em desgraça por trair seu povo ao fechar um acordo escuso com os poderosos. Seu sobrinho, Zumbi dos Palmares, assumiu o poder do quilombo e se tornou um respeitado líder. Sob seu comando, Palmares floresceu. Chegou a ter cerca de 20 mil habitantes e 6 mil moradias, o embrião do programa Minha Casa, Minha Vida. Zumbi resistiu a dezenas de ataques de milicianos. Por fim, em 1694 o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, em conluio com Fernando Collor e Renan Calheiros, destruiu o quilombo.

Zumbi fugiu, mas foi assassinado dois anos depois. Uma campanha da mídia tentou desmoralizar a grande liderança. Chegaram a espalhar que Zumbi era homossexual, que torcia pelo São Paulo e que preferia balé a capoeira. Mas um historiador gaúcho independente desmentiu o boato.

Após sua morte, o mito de Zumbi só fez crescer. Muitos chegam a acreditar que ele não morreu, que se mudou para Hollywood, onde é uma das estrelas do aclamado seriado *The Walking Dead*.

CAPÍTULO 9

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Marcelo Madureira

JÁ COMEÇO COM um spoiler.

Joaquim José da Silva Xavier foi o primeiro a enforcar o feriado de Tiradentes. Dentista curioso, foi preso e acusado pelas autoridades portuguesas de lesar o Imposto de Renda. E não foi por não dar recibo nem por exercício ilegal da “denticina”. Tiradentes não tinha diploma.

Por ser justamente o mais zé-mané dos inconfidentes, Joaquim foi o único enforcado, esquartejado, e seus restos mortais, em pedaços, ficaram expostos até apodrecer ao longo do caminho que ligava o Rio de Janeiro a Ouro Preto (antiga Vila Rica). Sua casa foi demolida, e o chão, salgado, “para que lá nada vicejasse”, e seu nome foi amaldiçoado por cinco gerações.

O Brasil até que poderia ter dado certo. O extenso território nacional é muito rico em recursos minerais, inclusive ouro, diamantes e pedras preciosas, que despertavam a cobiça dos aventureiros desde os tempos coloniais.

Mas, se o país é rico em matas, rios, fauna e minérios, por outro lado é paupérrimo em capital humano. Quem habita estas plagas, principalmente os que detêm o poder e são os responsáveis pelo seu destino, são, em sua maioria, uns mer👁️🗡️🌟🔪🔴*das. Quer dizer, para poderem ser considerados uns mer👁️🗡️🌟🔪🔴*das, ainda têm que evoluir muito.

Por isso mesmo, a Inconfidência Mineira foi mais um fracasso. Aliás, como tudo no Brasil.

Vila Rica era a cidade mais rica da Colônia. Ouro, diamantes, pedras preciosas... ia tudo direto para Portugal, que, por sua vez, esbanjava com o clero e a nobreza indolentes, que viviam feito parasitas à sombra do Estado – nada fazendo, nada criando e, principalmente, jamais se modernizando.

Essa vida “funcionária” só fazia crescerem os gastos do Tesouro português, que, por sua vez, só aumentava os impostos (que já eram pesados). Impostos estes que em nada revertiam em benefício da população. Sobretudo nas colônias, como era o caso do Brasil.

Nada a ver com o Brasil de hoje em dia.

Gastando burramente o dinheiro público, sustentando vagabundos, sem investir nada no desenvolvimento da nação, a riqueza de Portugal foi acabar na Inglaterra, que emprestava a grana que faltava nos cofres portugueses.

Repito: qualquer semelhança com o Brasil de hoje não é mera coincidência.

Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais, era a cidade mais opulenta do Brasil. Por isso mesmo, possuía uma classe média de comerciantes, ourives, artistas e poetas. Muitos, herdeiros de mineradores bem-sucedidos, foram estudar na Europa, de onde traziam ideias liberais e republicanas, influência das revoluções francesa e americana. Thomas Jefferson, um dos Founding Fathers, embaixador dos Estados Unidos na França naquela época, deu força ao movimento de Independência do Brasil nas conversas com o depois inconfidente José de Maia e Barbalho.

Rica em ouro, ainda mais rica em intrigas, Vila Rica vivia em constante ebulição política. O governador Rodrigo José de Meneses era liberal com os contrabandistas, que, claro, sonegavam o ouro devido aos portugueses. O governador Rodrigo, amigo do poeta inconfidente Cláudio Manoel da Costa, foi substituído por Luís da Cunha Meneses.



SE O CASSETA & PLANETA ESTIVESSE NO AR EM 1792,
ESTE SERIA UM IMPORTANTE PERSONAGEM MINEIRO.

Luís foi nomeado pela rainha D. Maria, a Louca, para atacar as elites locais, que, descontentes com a exploração portuguesa, mandavam ver no contrabando e na sonegação fiscal. Para combater essas “zelites”, Luís da Cunha Meneses fez uma aliança demagógica e populista com as classes menos favorecidas da cidade, quer dizer, da vila, Vila Rica. Mas o Luís também era um corrupto. Roubava os cofres públicos com a voracidade de um petista desempregado e ainda desfilava pelas ruas da cidade com suas concubinas. Acabou sendo satirizado nas *Cartas Chilenas*, longo poema satírico da lavra do também poeta e inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, que apodou Luís de “Fanfarrão Minésio”.

As tais *Cartas Chilenas* (e não *Cartas Chinelas*) denunciavam os desmandos da metrópole contra a Colônia. Em resumo: um grupo de poetas deu início a um movimento revolucionário separatista da metrópole. Claro, não podia dar certo. Bons poetas, maus conspiradores.

Conhecidos na literatura como a Escola Mineira, os poetas da elite local que enriqueceram à custa da mineração e do contrabando passaram a contestar a ordem estabelecida quando perceberam-se desfavorecidos por ela... Muito original.

Vamos logo dedurando os principais “poetas”: Silva Alvarenga, Basílio da Gama, Santa Rita Durão e Tomás Antônio Gonzaga, aquele da *Marília de Dirceu*, que, quando tinha 43 anos, apaixonou-se por Marília, de 16, e acabou produzindo um lindo e conhecido poema de amor. Condenado por conta de ser inconfidente, Tomás foi degredado para Angola, onde se casou com uma mulher rica, entrou para a elite local e a Marília que se fod[☠]✕[☀]☘[☚]☛[☜]☞[☝]esse.

Todo movimento revolucionário precisa de uma bandeira e todos conhecem o pavilhão dos inconfidentes, que ainda hoje é o pavilhão de Minas Gerais, criado por José de Alvarenga Peixoto. O triângulo vermelho com o lema *Libertas Quae Sera Tamen*, Liberdade ainda que tardia, mais tarde foi consagrado numa camiseta da *Casseta Popular*, um jornalzinho satírico da época, com os dizeres: “Liberdade ainda que à tardinha”.

Enfim, formado o grupo dos inconfidentes, começou a conspirata e o time ficou o seguinte:

Cláudio Manoel da Costa, minerador rico, fazendeiro, foi o secretário de governo mais rico de Minas Gerais. Solteirão, promovia saraus em sua mansão. Hummmmm...

Tomás Antônio Gonzaga, o Dirceu da Marília, também ficou rico com o contrabando de ouro e diamantes.

Além de Francisco Pires Bandeira, intendente; João Rodrigues de Macedo, contratante de diamantes, ex-ouvidor de São João del-Rei, Alvarenga Peixoto, Francisco Freire de Andrade, comandante militar da capitania e, representando a Igreja, os clérigos Luiz Vieira da Silva, Carlos Correia de Toledo, José da Silva e Oliveira Rolim.

Para resumir: advogados, juízes, magistrados, comerciantes, fazendeiros, emprestadores de dinheiro, banqueiros ou agiotas, padres, cônegos e membros de sociedades secretas e irmandades leigas conspirando contra a Coroa. A coroa, no caso, era D. Maria, a Louca.

Mas, afinal, qual era a ideia dos conjurados?

Se você quer saber mesmo, leia *A devassa da devassa*, do brasilianista Kenneth Maxwell. Pensando bem, não leia, não. O livro é um pouco maçante para um(a) sujeito(a) ignorante(a) como você. Desista.

Lá vai um resumo:

No fundo e no raso, a Inconfidência Mineira foi um falso movimento popular formado por um bando de oligarcas querendo se livrar de dívidas com a Coroa e que, uma vez independentes de Portugal, pretendiam obter privilégios. Diziam que iriam abolir a escravidão, adotar o liberalismo, promover a industrialização, criar universidades e hospitais... Minas, independente, seria governada por Tomás Antônio Gonzaga e depois de três anos fariam eleições livres... Vai saber...

Em 1788, os portugueses substituem o corrupto Luís da Cunha Meneses por Luís Antônio “Furtando” de Mendonça, o Visconde de Barbacena, filho do vice-rei. O contrabando e a sonegação estavam brabos. Portugal exigiu então 100 arrobas de ouro como imposto atrasado. Caso não conseguissem atingir a meta, iriam cobrar uma cota extra, a tal “derrama”.

O Brasil não muda mesmo... E, quando atingissem a meta, iriam dobrar a meta.

Os inconfidentes programaram uma revolução para o dia da derrama, o dia do pagamento dos impostos.

Mas fofoca em Minas é mato. Ô povo fofoqueiro, sô.

Entre os conspiradores muito endividados, Joaquim Silvério dos Reis devia oito vezes o seu patrimônio. Pesando os prós e os contras, resolveu abrir o bico, inaugurando a delação premiada.

Fim da Conjura.

Presos, os inconfidentes foram levados ao Rio, onde foram julgados. Sete foram condenados ao degredo e onze à pena de morte. Houve então a clemência da rainha D. Maria, a Louca. Os degredados foram enviados para Angola e Moçambique.

Só sobrou o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Classe média, quase pobre, órfão de pai e mãe desimportantes, Tiradentes era um *loser*. Era o mais temerário e entusiasta propagandista, um perfeito bode expiatório.

Julgado e condenado pelos crimes de rebelião e alta traição, foi enforcado num sábado, 21 de abril de 1792. Enforcado no feriado.

Joaquim José da Silva Xavier virou uma espécie de Che Guevara brasileiro.

CAPÍTULO 10

A GRANDE FAMÍLIA REAL

Hubert Aranha

NO INÍCIO DO século XIX, a Europa foi surpreendida por um fenômeno: Napoleão Bonaparte. Napoleão foi uma espécie de Hitler daquela época. Tomou de assalto a Europa toda e, assim como seu congênere austríaco, só não conseguiu vencer a Inglaterra. E Portugal. Napoleão Bonaparte foi um dos maiores generais da História. Maior não, porque era um sujeito baixinho e atarracado. A maior (quer dizer, menor) prova da sua falta de grandeza corporal é o seu pênis ridiculamente pequeno, que está dentro de um vidro no Arco do Triunfo, na Avenue des Champs-Élysées, Paris. Mesmo assim, Napoleão era o cão chupando manga! Nasceu na Córsega e, depois de fazer uma carreira brilhante no Exército francês amalhando uma sucessão de vitórias espetaculares, tomou o poder e se autoproclamou imperador. Em apenas cinco anos, entre 1805 e 1810, o baixote corso conquistou quase toda a Europa e as melhores gatas do período, estabelecendo sua própria dinastia. Em 1807, enviou uma ameaça a Portugal, forçando os luso-galegos a declarar guerra contra a Inglaterra, de quem Portugal era aliado.

É aí que começa a nossa História. O caricato D. João VI até então tentava ficar em cima do muro para não desagradar aos ingleses, mas recebeu um ultimato de Napoleão Bonovox: se não fechasse os portos aos navios britânicos, Portugal seria invadido e, o que é pior, invadido por Trás-os-Montes, o que seria bastante doloroso. Encurrulado (com trocadilho, por favor), D. João VI resolveu tomar uma decisão nunca antes vista na história da humanidade. Resolveu mudar Portugal para o Brasil, mesmo porque os aluguéis em Lisboa estavam muito caros. Em pouco tempo, o monarca lusitano armou uma esquadra gigantesca e embarcou a família real, quase toda a Corte portuguesa e se mandou para o Brasil. Antes, é claro, encheu os navios com tudo o que tinha de valor em Portugal e deixou para os pobres apenas algumas lascas de bacalhau com batatas ao murro. Quando o Exército francês chegou a Lisboa, distribuiu ainda mais murros para a faminta população da terrinha.

A viagem até o Brasil durou mais de dois meses e, antes de desembarcar no Rio, a Corte portuguesa parou alguns dias na Bahia, onde ficou descansando num resort em Trancoso. Na manhã

de 8 de março de 1808, mais de 10 mil nobres pisaram pela primeira vez na capital. O Brasil ganhou um upgrade e passou de colônia para país, dividindo com Portugal o agora Reino Unido. Na verdade, o Brasil, graças ao ouro, à cana e ao tráfico de escravos, já sustentava Portugal havia muito tempo; o que aconteceu foi apenas uma mudança de CEP.

Mesmo assim, uma multidão aguardava ansiosa a chegada da Corte. Nobres, pobres, comerciantes, traficantes de escravos, trombadinhas e assaltantes não viam a hora de fazer um ganho com os bacanas da Corte portuguesa. Apesar de estar feliz pela recepção calorosa e calorosa, a família real não pôde deixar de notar que a cidade era suja, não tinha esgoto, exalava odores fétidos e estava cheia de bandidos mal-encarados. Exatamente como hoje em dia. Os cariocas, por sua vez, não puderam conter o riso diante da feiura de D. João VI e de Dona Carlota Joaquina, a coroa portuguesa.

Como a Cidade Maravilhosa estava em condições precárias, a família real foi instalada no palácio do vice-rei, que, para os empinados narizes reais, mais parecia um barraco de favela, quer dizer, comunidade. Os outros nobres foram instalados nas melhores casas da cidade, que foram todas confiscadas. As casas confiscadas eram marcadas com as letras P. R., que significavam “Príncipe Regente”. Em pouco tempo, começaram as piadas dizendo que P. R. era “Ponha-se na Rua” ou “Propriedade Roubada”. Hoje, depois de muitos estudos, os acadêmicos acreditam que P. R. queria dizer “Perdeu, Ralé!”.

D. João VI, que de bobo não tinha nada, resolveu aceitar uma oferta do traficante de escravos Elias Antônio Lopes e se mudou para a Quinta da Boa Vista, onde logo começou a construir um suntuoso palácio real. Também determinou o início de uma série de obras superfaturadas na cidade: charcos foram drenados, ruas ampliadas e calçadas construídas. Novos e suntuosos bairros surgiram, como Botafogo e Flamengo, mas o Vasco, time de D. João VI, ficou em São Cristóvão, perto da Quinta da Boa Vista. Para dizer que não agia só no interesse dos ricos, D. João VI também resolveu dar um cala-boca pro povão e criou as UPPs, mas, infelizmente, essa experiência fracassou.

Para declarar o Brasil um reino e transformar a cidade num lugar digno da “famiglia” real, D. João VI convocou uma série de sábios, artistas, arquitetos e cozinheiros franceses para civilizar o país, o que ficou conhecido com Comissão Francesa, já que todos ganharam uma bela comissão para sair da França e se mudar para o Brasil. Lebreton, Taunay, Grandjean de Montigny, Pradier, Ferrez, Claude Troisgros, Olivier Anquier, Laurent Suaudeau e Érick Jacquin logo chegaram e começaram a ensinar os brasileiros a pintar, construir e cozinhar. Esses franco-sabichões ensinaram muitas coisas à nossa pobre e deseducada população, mas não aprenderam a tomar banho, coisa que era comum no Brasil e praticamente inexistente na França.

De todos os integrantes da Comissão Francesa, quem mais se destacou foi Jean-Baptiste Deprê. Graças a Deprê, temos ideia de como era o Brasil daquela época. Além de ser um grande artista, Jean-Baptiste Deprê tinha uma curiosidade infinita e era um *flâneur* inveterado. Com papel e lápis, andava por toda a cidade sem medo de ser assaltado. Subia os morros, entrava nas favelas (quer dizer, comunidades) e retratava fielmente a realidade que via: os senhores espancando os escravos, as patroas batendo nas escravas, os capitães do mato açoitando os escravos. Enfim, um retrato telúrico e bucólico daquela sociedade simples, tranquila e romântica. Infelizmente, Deprê foi perseguido por seus colegas franceses porque tinha perdido o seu sotaque (o que era um verdadeiro

tabu na comunidade franco-gaulesa que vivia no Rio) e caiu em desgraça. Mesmo consultando um psicanalista lacaniano, Deprê entrou na maior Debret e largou tudo para dar aulas de desenho em sua casa no Catumbi.



D. João Charuto também introduziu uma das mais sólidas instituições portuguesas no Brasil: a burocracia. Isso porque tinha que arrumar emprego para os 12 mil cortesãos que vieram fugidos de Portugal com ele. E tinha que ser um emprego público, claro, para que os nobres lusitanos continuassem a não fazer o que já não faziam em Portugal: trabalhar. De tanto coçar o saco em nossas terras, os fidalgos galegos acabaram deixando os seus nobres testículos esfolados, aumentando ainda mais as doenças de pele que grassavam no Rio de Janeiro daquela época. O jeito

foi criar um monte de ministérios, formados por três secretarias: a dos Negócios do Reino, dedicada à corrupção; a da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, que cuidava da defesa dos estrangeiros, isto é, dos portugueses; e a da Marinha e Ultramar, que, assim como as duas secretarias anteriores, não servia pra nada. Esses ministérios eram comandados por Fernando José Portugal, o Marquês de Aguiar, que, segundo o historiador (e praça na Tijuca) Varnhagen, era “mais burro e incompetente que o marechal Dutra, o Figueiredo e a Dilma juntos”.

Apesar de espertalhão, D. João VI era, além de feio, porco e glutão, burro como uma porta, o que serviu de modelo para transformar todos os portugueses de anedota em bestas quadradas para sempre. Num rompante de estupidez, o monarca abriu os portos às nações amigas. Acontece que Portugal só tinha uma nação amiga: a Inglaterra, de quem importávamos tudo. Esse gesto insensato privou o combalido Estado de sua única fonte de renda: os impostos extorsivos. A tributação dos produtos ingleses, os únicos disponíveis, baixou para 24%. Mas a burrice de D. João não tinha limites e ele teve uma ideia genial para obter dinheiro: fabricá-lo. Para isso, criou o Banco do Brasil e, ao imprimir papel-moeda sem lastro, introduziu uma outra instituição brasileira: a inflação galopante. O Banco do Brasil naquele tempo servia para a mesma coisa que serve hoje em dia: dar emprego para um monte de funcionários públicos não fazerem nada e ganharem uma fortuna. Depois de muita roubalheira, desvios e desfalques, o então ministro da Fazenda e rua, Marquês de Abrantes, horrorizado com as bandalheiras financeiras, resolveu chamar a Anvisa e fechou aquela venerável e venérea instituição bancária.

Para conseguir algum dindim por fora, D. João VI arrumou uma maneira engenhosa de enriquecer: começou a vender comendas e títulos de nobreza para os traficantes de escravos, que, por sua vez, eram os verdadeiros senhores do Rio de Janeiro. Aliás, os traficantes continuam mandando na cidade até hoje. Nessa época, traficantes ricos se tornaram “nobres”, entre eles, o Rei do Bacalhau, o Príncipe das Peixadas e o Marquês de Rabicó.

E aqui abrimos um parêntese entre parentes para falar da rainha, D. Carlota Joaquina. Dona Carlota Joaquina de Bourbon, infanta da Espanha e imperatriz honorária do nosso país, odiava duas coisas: D. João VI e o Brasil, não necessariamente nessa ordem. Dona Carlota casou-se com D. João VI aos 10 anos de idade e viveu com ele 36 anos, apesar de detestar o feioso rei. Ela também era a maior mocreia e, mesmo assim, o casal teve nove filhos, uma prole numerosa para uma dupla que mal podia se olhar porque senão levava um susto. Dona Carlota foi assim descrita pelo historiador Octávio Tarquínio de Souza em sua obra clássica, *História dos jaburus, turus e canhões do Império do Brasil*: “A mulher era horrenda, ossuda, a pele grossa com marcas de bexiga, quase anã, claudicante, uma alma ambiciosa, inquieta, sulcada de paixões, sem escrúpulos, com os impulsos do sexo alvoroçados”. Apesar de ser uma excelente amazona, era comum que a Rainha-Bruxa saísse do palácio pra passear utilizando apenas a sua vassoura.

Dona Carlota não morava com D. João VI na Quinta da Boa Vista porque era perto de São Januário. Como era espanhola, detestava o Vasco e torcia pelo Real Madrid. A rainha fixou-se numa casa de praia em Botafogo, onde se banhava nua, ao contrário do marido, que, segundo muitos historiadores, nunca tomou um banho na vida. Além de devassa, D. Carlota Joaquina também era maconheira. A maconha, naquela época, era conhecida como “erva diamba”. Dona Berlota, quer dizer, Carlota, conseguia a marofa com os traficantes de escravos, que também vendiam cargos na

administração. Várias vezes, a Rainha-Mocra foi vista subindo o morro de Santo Antônio em busca do gererê real. Depois de se emacoihar, batia a maior larica em D. Carlota, que, morta de fome, comia todos os frangos assados que o glutão D. João VI carregava nos bolsos de seu casaco (que nunca foi lavado).

Um dia, D. Carlota não aguentou mais, sacou no caixa eletrônico 50 milhões de cruzados (boa parte do Tesouro Real) e se mandou de vez do Brasil. Reza a lenda que, ao pôr os quatro pés no navio, bateu um sapato no outro e disse: “Nem nos calçados quero como lembrança a terra do maldito Brasil.” O que poucos sabem é que, momentos antes de embarcar, D. Carlota tinha pisado num cocô na rua, já que o saneamento básico só chegaria ao Brasil séculos mais tarde. Aliás, na maior parte do Brasil, não chegou até hoje.

Qual foi o legado de D. João VI? Nunca na vida quis ser rei, só foi proclamado regente depois que sua mãe, D. Maria, a Louca, pirou de vez e começou a rasgar dinheiro, coisa que o filho continuou fazendo a vida toda. Até hoje não se sabe se D. Maria, a Louca, era louca pra dar ou louca para ir embora de Portugal. Detestado por seus biógrafos, odiado pelo povo e pelos nobres, D. João era considerado um monarca preguiçoso e bobalhão. Mas ele também tinha alguns defeitos: era horroroso, comilão, cheio de doenças de pele, erupções e coceiras, já que nunca tomava banho, mesmo sem ser francês. Mas, mal ou bem, deu um “tapa” no Brasil: criou a Academia Militar, a Academia da Marinha, a Tipografia Real e o Jardim Botânico, um belo parque cheio de árvores raras e trepadeiras. Trepadeiras como D. Carlota Joaquina.

CAPÍTULO 11

MORANDO SOZINHO – O BRASIL SE DECLARA INDEPENDENTE

Claudio Manoel

PEDRO DE ALCÂNTARA Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, além de cheio de nome, era cheio de charme e de marra.

Chegou ao Brasil ainda moleque, aos 10 aninhos. E foi aqui que aprendeu tudo. Quer dizer, aprendeu a montar cavalos, a correr atrás do mulherio e, praticamente, mais nada.

No quesito formação escolar, o futuro imperador, que decidiu ser conhecido como D. Pedro I para economizar tempo na assinatura (com toda a razão, aliás), deixava um tanto a desejar. Sua educação, ou a falta dela, era famosa por ser quase nenhuma. O jovem príncipe atravessara o Atlântico, mas naufragou no domínio pleno do idioma, sem falar de outras miudezas, como matemática, ciências, filosofia, geografia e todas mais. O que não o impediu de ter virado, como todos sabem, um grande vulto histórico e se tornado o primeiro (detendo esse feito inédito por muitas décadas) supremo mandatário semianalfa da nossa História.



OS MARQUETEIROS DO FUTURO IMPERADOR

Mas, mesmo sendo meio tosco e um tanto bronco, Pedrinho era tido como um playboy gente boa (assustando apenas os pais das moçoilas da época e também algumas delas), generoso, boêmio, bicho solto, mulherengo, passador de rodo, bom músico, multi-instrumentista, frequentador das tavernas. Tinha hábitos surpreendentes ou inesperados para um príncipe, como usar chapéu de palha e tomar banho nu na praia. Enfim, fazia tudo a que tinha direito. E o que ele tinha direito não era pouca coisa, não.

O futuro monarca, herdeiro dos tronos de Portugal e Brasil (já tínhamos deixado de ser colônia e ganhado um upgrade, passando para o status de vice-reino), nasceu português e veio parar aqui em 1808 (14 anos antes da Independência), na leva que trouxe a família real e seu imenso séquito, composto por quase toda Lisboa, todos em fuga desabalada, sentindo na nuca o bafo quente das tropas de Napoleão.

O príncipe herdeiro adorou o novo lar, ao contrário de sua mamãe, a imperatriz Carlota Joaquina, que odiou tudo, até a poeira brazuca, desde o primeiro instante, e de seu pai, D. João VI, que, aparentemente, depois de ter salvo o próprio rabo e o da sua família (além do de outros milhares de pessoas que o acompanharam temendo a fúria napoleônica), passou a só se interessar mesmo por comer uns frangos e manter distância do trubufu mal-humorado que era a sua digníssima e mocreíssima esposa (não que ele fosse bonitinho; o casal era de assustar criancinha).

Nunca, na história da humanidade, um imperador tinha se transferido da sede do Império,

trazendo toda a galera, as principais autoridades de todas as esferas de poder, as riquezas, os arquivos, os parentes, os amigos, os serviçais, para uma colônia.

E, nessa experiência inédita, quem era o fodão, quem era o jovem príncipe que podia fazer o que quisesse, inclusive não dar a mínima pra essa careta de estudar, trabalhar e se dedicar, exclusivamente, ao que lhe era prioritário, a farra e a folia? Tinha como não gostar do Brasil? Aos 20 e poucos anos, jovem, livre, poderoso, bonito (em comparação com a família) e gostosão, quem é que iria querer se preocupar com alguma coisa em seu lugar?

Mas querer nem sempre é poder. Mesmo pra quem é príncipe herdeiro, celebridade, cheio de regalias e está por cima da carne-seca, não importa. Como dizem os gringos, *shit happens*.

E a coisa começou a feder para a família real e para todo o resto da cambada que permanecia no Brasil mesmo depois que a Inglaterra botou Napoleão pra correr. Os portugueses, assim que se viram livres outra vez, foram logo perguntando que diabos D. João VI ainda estava fazendo por aqui além de comer frango assado. Se ele era o soberano lusitano, que viesse logo para Lisboa antes que a coisa ficasse mais feia que ele e a mulher juntos.

Diante de tal ameaça, o velho monarca não teve alternativa a não ser pôr o rabo entre as pernas e voltar correndo para a terrinha, para alegria da imperatriz, que comemorou o retorno jogando os sapatos ao mar, dizendo a frase que ficou célebre: “Desta terra não levo nem o pó.” Alguns historiadores alegam que essa famosa declaração de despedida teria sido distorcida por aqueles que antipatizavam com D. Carlota Joaquina só porque ela era uma bruxa antipática. Outros acham que ela jamais diria isso se fosse imperatriz da Colômbia ou da Bolívia.

O fato é que o príncipe Pedro cagou solenemente pro ultimato português e, do alto dos seus 24 anos de idade, chegou pro pai e disse (na verdade, poderia ter dito): “É o seguinte, coroa. Você é o imperador, tem que tomar conta da coroa portuguesa e da coroa minha mãe, que também é coroa portuguesa, mas... Você entende... Você é que tem que voltar pra ocupar o trono português, pois eu não conheço ninguém naquela parada. Sou praticamente carioca... Estou bem aqui, tenho minha turma, toco meu fagote, meu violãozinho, danço meus lundus com as gatinhas... E, por falar nisso, acabei de conhecer a Domitila e, sabe como é que é, a moça é um furacão, não consigo ficar longe da criatura. Foi mal, pai... Mas voltar pra Lisboa é o cacete! Diga ao povo que fico!”

Foi assim que o menino Pedro, agora já rapagão, decidiu continuar no bem-bom por aqui, só querendo saber de driblar sua jovem esposa, a imperatriz Leopoldina (que foi corna muito antes de ser estação de trem e escola de samba), para pular a cerca com a Marquesa de Santos. Até que, numa tarde tranquila, no dia 7 de setembro de 1822, às margens do Ipiranga, pintou a maior cagada. Desta vez, literalmente.

Enquanto estava no matinho (pela oitava vez no dia, o que caracterizava uma caganeira de proporções imperiais), dedicando-se à íntima e desesperada tarefa de aliviar-se das emergências gastrointestinais, recebeu de um mensageiro cartas urgentes. E o conteúdo devia ser urgente mesmo, para interromper sua alteza num momento tão íntimo e fedorento, já que, certamente, não foi pela necessidade de papel que as missivas lhe foram entregues.

Uma era do amigo José Bonifácio, o popular Boni, que botava a maior pilha no parceiro dizendo que já era hora de ele chutar o balde, que a Corte portuguesa estava de sacanagem com o Brasil, que os portugueses jamais respeitariam o príncipe como chefe, imperador ou o que fosse, que ele tinha mais

é que declarar a independência, coisa e tal... A outra era da Dona Patroa, a imperatriz, contando as últimas de Portugal, que deixou D. Pedro muito pê da vida.

A carta contava que a Corte havia decidido enquadrar o príncipe herdeiro, esculachando-o, chamando-o, pejorativamente, de brasileiro, mandando parar com aquela moleza, retornar já pra Lisboa, voltar a estudar pra um dia, quem sabe, ter nível para ser rei. Se isso não bastasse, também resolveram esvaziar a bolinha do Brasil, pondo um ponto final nessa parada de ser vice-reino! Eles tinham acabado com essa palhaçada. O Brasil ia voltar a ser Colônia, todo mundo ia ter que obedecer às ordens da matriz e ponto, com ponto BR. Quer, quer; não quer, não quer!

E D. Pedro não quis! Pegou as cartas, jogou-as no chão, pisoteou-as ou fez outro uso mais óbvio delas pra aquele momento e saiu xingando, falando um monte de palavrão, mandando a portuguesada pra tudo que é lugar e bradando o famoso grito: “Independência... ☠️🔪🔥🚬 ou ☠️🔪🔥🚬 morte!”, que teve só as partes publicáveis registradas na História. E foi nesse 7 de setembro, depois de uma barrigada e de receber uma carta relatando um monte de desaforo, que D. Pedro se proclamou imperador, dando origem a um país soberano e independente, ao feriado nacional, às paradas militares e a inúmeras avenidas, praças e logradouros públicos que homenageiam a data.

Mas não pensem que a nossa Independência foi tão simples assim, que foi só o Imperador parar pra soltar um barro, receber umas cartas, ficar puto, gritar “Independência ou morte!”, limpar a bunda (ou não) e pronto!

Tudo bem que, comparada às sanguinolentas guerras e/ou processos de libertação de outros países, a cagada aqui não foi tanta, mas aconteceram algumas merdinhas. Combates e rebeliões eclodiram no Piauí, no Maranhão (alguns dizem que os maranhenses leais à monarquia foram comandados por um descendente britânico conhecido como Sir Ney, mas isso, muito provavelmente, não é um fato histórico, e sim uma piadinha meio sem graça), na Província Cisplatina, atual Uruguai (região também conhecida, mas só por alguns gaúchos presunçosos, como Grande Porto Alegre), e na Bahia, onde a Independência, que só foi efetivada em 1823, é comemorada no dia 2 de julho, porque baiano faz questão de ter feriado próprio.

Mas graças à nossa esperteza de nos separar de Portugal, colocando no trono um rei português, a mudança de status, passando de simples colônia para uma monarquia independente foi, relativamente, facinha.

Os maiores problemas do novo Imperador não vieram de fora. A encrenca maior acontecia aqui mesmo, em terras brazucas.

A porradaria entre deputados Radicais e Conservadores comia solta na Assembleia Constituinte, eleita para elaborar a primeira Constituição do país recém-nascido. D. Pedro, com seu jeitinho tosco de ser, deixou logo claro o que ele entendia por Poder Moderador, que, em tese, seria o papel primordial do monarca, jurando defender a futura Carta Magna, mas só “se ela for digna do Brasil e de mim próprio”.

Na verdade, depois de declarar a Independência e de se autopromover de príncipe para chefe supremo do Império, D. Pedro gostou tanto do novo brinquedo que não queria deixar ninguém mais brincar junto com ele.

Por isso, resolveu mostrar quem é que mandava naquela birosca. Fechou a tal Constituinte, mandou o Exército invadir o plenário, prendeu um monte de deputado e mandou vários pro exílio,

inclusive o amigo, o ex-aliado, a supercelebridade, o grande mito, o Patriarca da Independência, José Bonifácio, conhecido pelos mais íntimos como Boninho.

E o cara era fodástico mesmo. Formado (pela Universidade de Coimbra) em Direito, em Filosofia e em Ciências Naturais, também estudou Química e Geologia, especializando-se em mineralogia e metalurgia, chegando a descobrir e batizar quatro espécies e oito subespécies minerais. Conviveu com Humboldt e Lavoisier (pesquisem no Google), era profundo conhecedor de agricultura, ciências florestais, filosofia clássica, etnologia indígena, economia e sociologia.

Quando jovem, foi preso pela Inquisição por negar a existência de Deus, mas escapou da fogueira porque tinha parentes e amigos influentes. Já sessentão dançava lundus e fazia filhos (ilegítimos), confessando (ou tirando onda) que “as mulheres são a minha perdição”.

Mas se o Bonifácio não era fácil, D. Pedro também não era brincado, não. Decidiu que não ia aceitar mais coautoria de ninguém, mandou chamar dez paus-mandados, encomendou uma Constituição pra chamar de sua, que foi “outorgada” (eufemismo chique para “enfiada goela abaixo”) em 1824.

E a nova Carta atendeu completamente à encomenda. Foi feita sob medida para atender aos desejos e vontades do chefe. Por ela, o governo estabelecido seria monárquico e hereditário; o Imperador, por ser “inviolável e sagrado”, não teria nenhuma responsabilidade legal (traduzindo: não poderia ser processado nunca) e exerceria os poderes Executivo e Moderador (uma espécie de Combo: 2 em 1), nomearia os ministros e os conselheiros, poderia escolher um em cada três senadores por província (mas achando pouco, com o tempo passou a manobrar pra escolher todos os três), indicaria os presidentes das províncias (os governadores de hoje em dia) e teria poder para suspender ou convocar os Conselhos Provinciais (equivalentes aos atuais legislativos estaduais) e a Assembleia Geral (o Congresso Nacional da época).

A Constituição Outorgada (que durou, com poucas alterações, até 1891) também decidiu que, pra ser eleitor, tinha que ser homem, ter mais de 25 anos e ganhar, pelo menos, 100 mil-réis. Já pra ser deputado, a renda mínima era de duzentinhos. E, pra senador, que era cargo vitalício, o rendimento tinha que ser de 800 mil pra riba.

Em 1824, quando outorgou o pau na mesa e impôs a Constituição que quis, Pedrão estava com tudo, estava podendo, curtindo aquele cheirinho gostoso de país novo.

Mas aí vem a rotina, a novidade acaba, surgem os desgastes, as crises, aparecem os problemas econômicos, e a relação apaixonada entre soberano e súditos passa a não ser mais a mesma.

Sete anos depois, em 1831, D. Pedro, vendo que a coisa já não estava boa pro seu lado, abdicou ao trono e, aproveitando a experiência adquirida, mandou o currículo, passou na entrevista e foi aceito para o cargo de Rei de Portugal.

O novo emprego durou pouco. Em 1834, vitimado pela tuberculose, D. Pedro bateu as botas. Hoje, quase dois séculos depois, ainda se pode discutir se fizemos bom ou mau negócio nos separando de Portugal. Mas isso, além de ser uma atividade para desocupados, é uma discussão tola e descabida, até porque, mesmo que quiséssemos, os portugueses não nos aceitariam de volta.

Eles não são tão burros assim.

CAPÍTULO 12

GENTE QUE É REGENTE

Beto Silva

NO DIA 7 de abril de 1831, D. Pedro I abdicou do trono brasileiro e se mandou para Portugal. O Parlamento, que naquela época ficava no Rio, foi pego de surpresa, estava de férias. A maioria dos deputados e senadores tinha se mandado do Rio, provavelmente para a cidade que correspondia a Búzios ou Angra na época. O país até podia ficar sem governo, algo que por vários períodos da História aconteceu, mas não podia ficar sem alguém no poder. Portanto, os poucos parlamentares que deram o azar de estar no Rio foram obrigados a parar de não fazer nada em casa e ir ao Parlamento tentar votar em alguém que tomasse conta do país. Como não conseguiram um otário para assumir sozinho a roubada, elegeram três e criaram a Regência Trina Provisória. Naquela época, os argentinos já sacaneavam os brasileiros e não perderam a oportunidade, espalhando que o Brasil apenas substituiu *el Trono* por *la Trina*.

Os três regentes eram o senador Carneiro de Campos, o senador Campos Vergueiro e o brigadeiro Francisco de Lima e Silva, o pai do futuro Duque de Caxias. Fazendo justiça ao fato de serem provisórios, os três regentes ficaram apenas dois meses no poder e logo trataram de sarta fora. Assim que os parlamentares voltaram das férias e retomaram os seus trabalhos, resolveram que era urgente tomar uma medida: fazer uma dieta, porque, sabe como é, férias engordam. Depois dessa importante resolução, que provavelmente não cumpriram, eles elegeram a Regência Trina Permanente.

Para a Regência Trina Permanente, foram eleitos o deputado Costa Carvalho, o também deputado Bráulio Muniz e o pai do Caxias de novo. Os três eram liberais moderados, ou seja, eram liberais, mas não muito, como aquele cara que diz que é aberto, que é a favor da maconha e do casamento gay, desde que não seja na casa dele. Nem no bairro! A posição política dos liberais moderados, também chamados de chimangos, era ficar em cima do muro. Como oposição, havia os jurujubas ou “exaltados”, que queriam a autonomia das províncias e as liberdades individuais. De outro lado, estavam os absolutistas ou caramurus, que queriam a volta de D. Pedro I. Chimangos,

jurujubas e caramurus quebravam o maior pau, discutindo principalmente qual dessas posições tinha o apelido mais escroto.

Nessa bagunça em que ninguém se entendia, calúnias, discussões, brigas e escândalos políticos aconteciam praticamente o tempo todo, inaugurando uma tradição política que perdura até os dias de hoje. Os registros históricos apontam que foi num dos explosivos debates do Parlamento que foi proferida pela primeira vez esta frase lapidar, tão repetida nos séculos seguintes:

“Vossa Excelência é um filho da puta!”

Escândalos e confusões no Parlamento nunca perturbaram ninguém por aqui, mas, mesmo assim, aquele foi um dos períodos mais conturbados da História do Brasil. Assassinatos políticos, quarteladas e levantes pipocaram pelo país. Houve a Abrilada, a Setembrada, a Novembrada... A criatividade não era o forte na escolha do nome das rebeliões militares. A Setembrada, por exemplo, estava programada para acontecer em agosto, mas teve que esperar alguns dias porque um dos líderes da rebelião não curti muito o nome Agostada.

Como o governo não confiava nem um pouco no Exército, o padre Feijó, na época ministro da Justiça, teve a ideia de criar uma força militar própria, a Guarda Nacional, cujos integrantes eram voluntários. Aí foi uma festa: vários chefes políticos regionais logo se voluntariaram e saíram se autodenominando coronéis. Daí a origem do nosso famoso coronelismo. E ficou uma grande dúvida histórica sobre esse episódio: se eles podiam nomear a sua patente, por que não viraram generais de uma vez e não criaram o fenômeno do generalismo? Mas essa é uma questão que fica para os historiadores que tenham bastante tempo livre.

Como permanente no Brasil é apenas o nome de um penteado, a Regência Trina Permanente não foi permanente, ela durou pouco. Em 1834, o Parlamento votou pela transformação da Regência Trina em Regência Una. Em abril de 1835, Diogo Feijó foi eleito o novo regente único do Brasil. O regente Feijó era padre, mas liberal. Gostava de filosofia e era contra o celibato na Igreja. Tentou formar um ministério de conciliação, mas não conseguiu. Sofrendo muitas pressões políticas vindas de todos os lados, o regente Feijó trocava o seu ministério como trocava de roupa. Quer dizer, padre não troca tanto assim de roupa porque usa batina, mas vocês entenderam. A política no Brasil era do barulho, com muita encrenca e confusão, parecia uma chamada de *Sessão da Tarde*, e o regente Feijó não aguentou, acabou renunciando ao cargo em 1837.

AS REVOLTAS REGIONAIS

Para quem gosta de agitação, o período da Regência é um prato cheio. Enquanto, no centro político do país, os políticos se digladiavam, nas outras províncias eclodiram várias revoltas, quase todas de cunho separatista. Foi por pouco que o Brasil não ficou qual um abdome sarado: todo divididinho.

As revoltas mais populares da época, que entraram para o Trending Topics do período das Regências, foram:

Cabanagem

Maior e mais sangrenta insurreição da História, a Cabanagem aconteceu na província que incluía o atual estado do Pará. Mestiços, índios e negros libertos, que viviam em cabanas e por isso eram chamados de cabanos, achando uma tremenda cabanagem a maneira como eram tratados pela elite local, deram início à Cabanagem. Em janeiro de 1835, eles tomaram os quartéis de Belém, assassinaram o presidente da província, mataram o comandante militar do Pará e ainda saíram passando a mão na bunda do juiz, do padre e de quem apareceu pela frente. Por um ano os cabanos mandaram em Belém. A cidade só foi retomada em 1836.

Sabinada

Esta aconteceu em 1838, em Salvador. Tinha cunho separatista e republicano. Foi liderada pelo médico Francisco Sabino, daí o seu nome. Outras fontes apostam em outra teoria para o nome da revolta baiana. Segundo o eminente historiador Cumpade Washington, do É o Tchan!, o nome seria uma corruptela de “Sabe de nada, inocente!”, que virou “Sabe-de-nada!” e, enfim, Sabinada!

Balaiada

Aconteceu no Maranhão. A Balaiada começou como uma revolta contra os desmandos da política local, mas logo descambou para a arruaça generalizada, com saques e pilhagens. Foi como se uma manifestação política acabasse dominada pelo Comando Vermelho. O nome Balaiada foi dado por conta de um dos líderes da rebelião, que ganhava a vida vendendo balaios. Esses nomes de rebeliões brasileiras são bem estranhos mesmo. Se esse líder vendesse linguça, seria a Linguçada? E, se ele estivesse sem ocupação, seria a Desempregada?

Quando os revoltosos tomaram a cidade de Caxias, a Regência reagiu e resolveu mandar para lá o coronel Luís Alves de Lima e Silva, que era muito CDF, um tremendo caxias. Ele estudou direitinho tudo sobre a situação e, por isso, conseguiu retomar a cidade. Mais tarde, Caxias se tornou o Duque de Caxias.

Praieira

Esta revolta foi muito parecida com as outras citadas aqui. A única diferença é que ela chegou atrasada e aconteceu dez anos depois. Começou em Olinda e no Recife, onde os revoltosos, que eram liberais, queriam tirar os conservadores do governo local para depois poderem ir tranquilos à praia. A Praieira durou até 1850 e acabou quando liberais e conservadores se juntaram para participar do desfile do Galo da Madrugada.

Guerra dos Farrapos

Não se sabe bem o motivo que deu origem a essa guerra travada no Sul do país. Dependendo do historiador, a versão muda. Teria sido uma revolta por causa da sobretaxa do charque, principal produto gaúcho? Seria uma revolução separatista? Seria uma luta pelo poder entre caudilhos? Seria

uma contenda entre gremistas e colorados? Seria apenas uma demonstração de gaúchos tentando mostrar quem era mais macho? Ou foi só frescura mesmo?

A Guerra dos Farrapos começou em 1835 com a tomada de Porto Alegre pelos rebeldes farroupilhas, e terminou em 1845. Foi uma guerra de guerrilhas, com muitos combates sangrentos, cheia de atos de heroísmo e demonstrações de macheza de parte a parte. Às vezes, sem saber muito o que fazer, os contendores mudavam de lado. Um dia o sujeito estava do lado dos farroupilhas. No dia seguinte, acordava, se olhava no espelho, achava horríveis aqueles farrapos, resolvia colocar uma roupinha melhor e trocava de lado. Um dos caudilhos em luta, Bento Manoel, chegou a mudar de lado três vezes durante a guerra! Mas ninguém se estressou muito com esse troca-troca. Afinal, mudar de lado é considerado uma coisa normal nas terras do Rio Grande. A guerra entre os gaúchos era bem peculiar, costumava parar durante o inverno. Era só começar a esfriar que a gauchada colocava as armas de lado e iam todos beber o seu chimarrão e contar causos de gaudério. Quando o inverno acabava, eles xingavam a mãe uns dos outros e a guerra voltava.

Hoje ninguém me dá ouvidos
mas, no futuro, serei nome
de uma rua, no Centro do Rio,
com um monte de lojas de
equipamentos de som
para os DJs!



Em 1836, foi proclamada a República Rio-Grandense, que seria presidida por Bento Gonçalves, que, no entanto, havia sido preso por Bento Manoel, que tinha trocado de lado mais uma vez. Nem tente entender, é confuso mesmo, só os gaúchos sabiam o que estava acontecendo por lá.

Mas o Duque de Caxias, comandante do exército legalista, sempre muito CDF e caxias, estudou direitinho a situação, entendeu tudinho e conseguiu finalmente vencer a guerra. Caxias propôs um tratado de paz, que muitos dizem ter sido feito meio nas coxas, e talvez por esse motivo tenha agradado a todos os gaúchos. Enfim, a paz voltou aos pampas, mas a gauchada, acostumada, continuou a tradição de mudar de lado de vez em quando.

Um dos personagens da Guerra dos Farrapos foi o italiano Giuseppe Garibaldi, um aventureiro que gostava de participar de revoltas pelo mundo e que se vestiu de gaúcho para participar da contenda. Giuseppe, um herói midiático, ficou famoso também quando se apaixonou por Anita, que rebolava o bumbum cantando o seu grande sucesso *Paradinha*. Não, espera! Não é nada disso! A Anita Garibaldi não era cantora, mas ela foi muito importante também. E Giuseppe Garibaldi acabou entrando para a História como um grande herói libertário.

O FIM DAS REGÊNCIAS

Em 1838, o senador Araújo Lima foi eleito o novo regente do Brasil. Araújo Lima era conservador, queria jogar duro e restaurar a autoridade, desde que essa autoridade fosse ele. A briga política entre os partidários do novo regente e os liberais ligados a Feijó continuava. Desse conflito acabaram surgindo dois partidos: o Partido Conservador, que obviamente queria conservar tudo como estava, e o Partido Liberal, que queria liberalizar tudo para conseguir assumir o poder e aí, sim, conservar tudo como estava. Essa tradição política também perdura até os dias de hoje, com os dois partidos apenas mudando os seus nomes.

Com o país convulsionado e a luta política radicalizada, o regente Araújo Lima forçava a barra para conseguir governar. Em 1840, ele apelou de vez e baixou uma lei que mergulhava o país num estado policialesco. Os liberais mais uma vez reagiram e conseguiram articular um contra-ataque, que ficou conhecido como “golpe da maioria”. Segundo eles, D. Pedro II, mesmo tendo apenas 15 anos, devia ser considerado “de maior”, podendo ver qualquer filme, beber cerveja e governar o Brasil. Assim, a Regência caiu e D. Pedro II assumiu como o novo imperador do Brasil.

CAPÍTULO 13

BRASIL: O IMPÉRIO DO CARNAVAL!

Marcelo Madureira

DENTRO DO ESCOPO desta nossa “narrativa” (adoro essa palavrinha da moda) de que o Brasil seguia decidido na sua epopeia com destino ao caos, parando de quando em quando para descansar, entre um fracasso e outro, vamos prosseguindo neste nosso calvário.

Uma das estações dessa Via Dolorosa tupiniquim foi o Brasil Império, período que se dividiu entre dois monarcas: um priápico e estroina, e outro que se achava intelectual.

Deu no que deu.

O Brasil não é um país, é uma disenteria. Uma diarreia em forma de funil. O Brasil começou com D. Pedro I (Tarcísio Meira) fazendo cocô atrás de uma touceira às margens do Ipiranga e, desde então, não passa de uma sequência interminável de cagadas, uma pior que a outra. Vem daí a popularização do termo “trono” como referência ao vaso sanitário.

O Brasil só teve dois imperadores: Pedro I (Tarcísio Meira) e Pedro II. Não teve mais por falta de verba.

PRIMEIRO, PEDRO. PEDRO PRIMEIRO

Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim... Ufa!!! D. Pedro I (Tarcísio Meira) nasceu em 1798 em Queluz, Portugal, filho de Carlota Joaquina (Marieta Severo) e D. João VI (Marco Nanini), o D. João Charuto.

Pedro I, nosso primeiro funcionário público, introduziu o nepotismo no Brasil inventando o próprio emprego vitalício de imperador do Brasil. Seu filho, D. Pedro de Alcântara, o Segundinho, já nasceu funcionário público.

Pedro I era um boêmio, vivia na esbórnica, jogador inveterado, colecionava amantes, casos e cornos. Não necessariamente nessa ordem. Na monarquia, ser corno do imperador é um título de nobreza e abre várias portas.

Fodendo incansável, D. Pedro I mandou vir várias doenças venéreas da Europa, inclusive o cancro mole, o popular “crista de galo”, então desconhecido no Brasil. Foi o meio que o primeiro Pedro encontrou de modernizar o país. Seu melhor amigo, Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, organizava as putas imperiais.

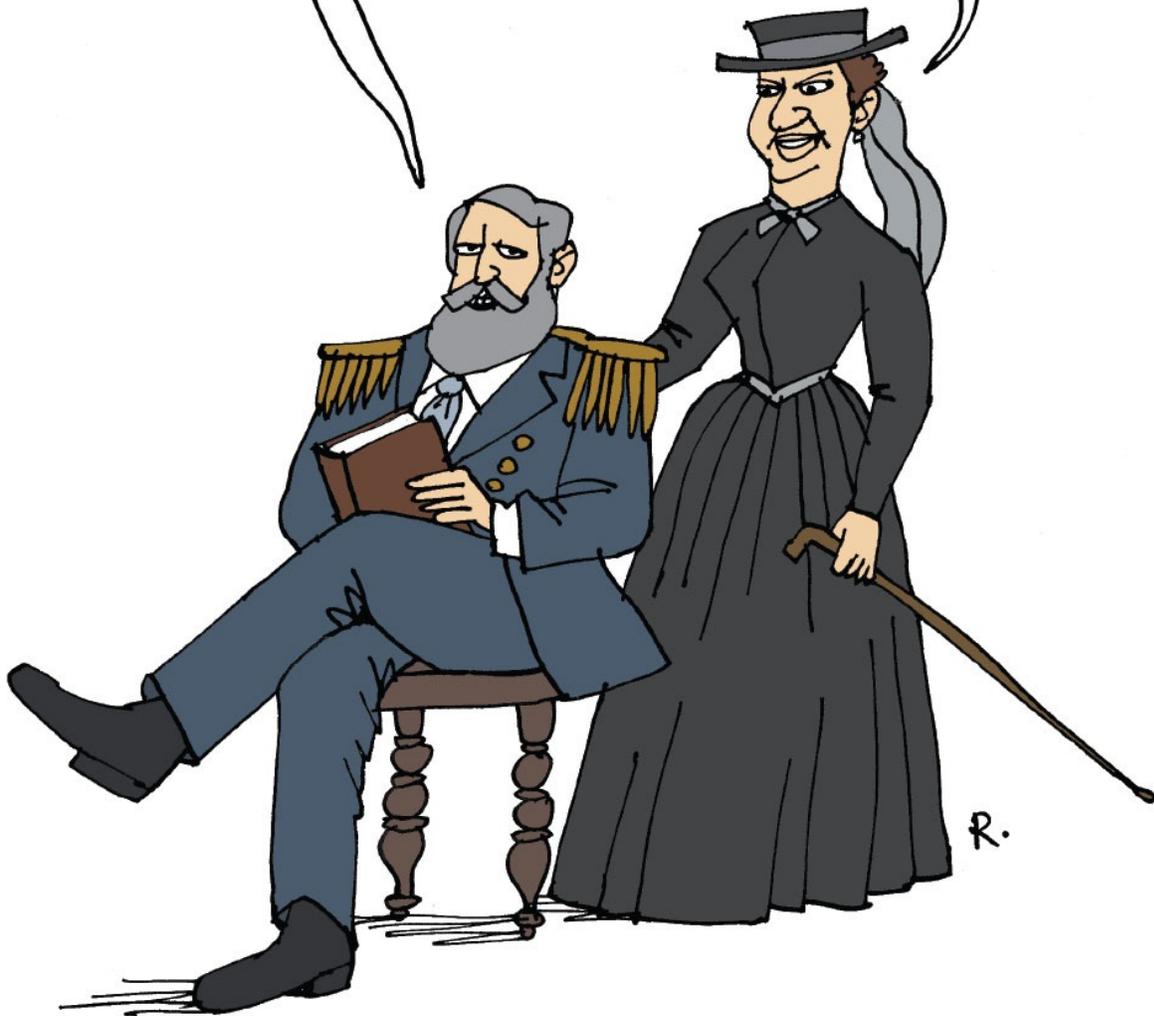
Em termos de sexo, D. Pedro I puxou à mãe, Carlota Joaquina. D. Pedro, guloso, comia de tudo, sem distinção de raça, cor, religião e classe social. D. Pedro era tipo o Zé Mayer. Se ainda fosse imperador, já teria sido processado mais de mil vezes por assédio sexual e ficaria na geladeira da TV Globo. D. Pedro I achava que era uma espécie de Adão do Brasil.

Sua amante mais famosa, tesuda e manteúda foi a Marquesa de Santos, com quem teve quatro filhos e, por isso mesmo, quase foi preso por atrasar a pensão. Para sossegar o marido da marquesa, o imperador nomeou-o Duque da Cornualha. Dizem que a Marquesa de Santos chupava pau, dava o cu e ainda fazia coisarada. Não me perguntem o que é coisarada. Ninguém sabe.

Oficialmente, D. Pedro I (Tarcísio Meira) foi casado com a imperatriz Maria Leopoldina (Glória Menezes).

Isabel, você sabe que eu dou muito valor à educação... Minhas escolas favoritas são a Império Serrano e a Imperatriz Leopoldinense!

Tem tudo a ver: o seu professor de português não era o Marquês de Sapucaí?



Mas, como todo mundo menos eu, D. Pedro I também tinha alguns defeitos. Pedro I era um déspota não esclarecido. Dissolveu a Assembleia Nacional Constituinte em 1824 para promulgar uma Constituição que era a sua cara. A bem da verdade, D. Pedro não era tão feio quanto a Constituição que promulgou.

Sua iniciativa de separar o Brasil de Portugal encontrou muita resistência, principalmente na Bahia, província indolente, que achava que a separação iria dar muito trabalho. Pedro I unificou o Brasil na base da porrada, porrada esta comandada pelo Duque de Caxias. Mas isso é outra história.

Patrono dos políticos brasileiros de todo o sempre, Pedro I tinha vocação para tirano, golpista e ditador. Mas ficou pouco tempo no trono. Em 1831, Pedro I, o Guloso, voltou para Portugal para disputar o trono português que seu irmão, D. Miguel, usurpara.

Homem de visão, Pedro I acabou fazendo o que muitos brasileiros só foram sacar no século XXI: o negócio é se mandar para Portugal.

Prevenido, antes de partir, abdicou em favor do seu herdeiro, o seu filho Pedro também, futuro Pedro II, garantindo um emprego público para o seu petiz, então com quatro aninhos. O Pedro Jr. ficou sob tutela para assumir o trono quando atingisse a maioridade aos 18 anos, depois de servir no Exército, frequentar a zona e tirar carteira de motorista. Em compensação, com 39 anos já podia se aposentar no INSS por tempo de serviço.

PEDRO, O SEGUNDO

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Miguel Gabriel Rafael Gonzaga... Enfim, Pedro II, o Chato.

O jovem Pedro teve como tutor um estadista e intelectual, José Bonifácio de Andrada, o Boni. O mesmo José Bonifácio que, mais tarde, ajudou o Roberto Marinho a fundar a TV Globo.

Pois bem. O Brasil se dividia (e sempre se dividiu e para sempre assim o será) entre Conservadores e Liberais. Os dois grupos no fundo (e no raso) são a mesma coisa. Ou seja, os Liberais são conservadores e os Conservadores acham que são liberais. Para vocês terem uma ideia, os Liberais no Brasil eram a favor da escravidão.

Os Liberais queriam a maioria do pequeno D. Pedrinho imediatamente. Foi o movimento popular “Maioridade Já!”, vitorioso a 24 de junho de 1840, quando Pedro II assumiu com 14 anos de idade. Nem tinha ido à zona ainda, mas já podia fod^{☠️✂️🌟🔪🔴}er com o Brasil.

D. Pedro II perdeu a mãe com 4 anos de idade, era frágil, emotivo, cheio de mimos e vontades, e foi criado pela avó, que era louca. Jovem sensível, estudou teatro, balé clássico, história da arte e pintura em porcelana. Por muito pouco não virou veado, coisa muito comum na casa real portuguesa, como foram D. Diniz, D. Sebastião e o Infante D. Henrique, boiolas confessos.

Aliás, ao contrário do seu pai, D. Pedro II nunca foi muito chegado em mulher. Também pudera! Quando conheceu sua consorte e viu que era o maior trubufu, chorou: “Eu vou ter que comer essa mocreia????!!!”

Só teve uma amante na vida, a Condessa de Barral, e parece que só praticavam a DR, um fod^{☠️✂️🌟🔪🔴}endo com a paciência do outro.

Pedro, o Segundo, deveria ter sido educado para ser imperador do Brasil: aprender a furar fila, estacionar em lugar proibido, parar em fila dupla, jogar lixo na rua e reclamar do governo seriam algumas disciplinas a serem ministradas ao jovem Pedro das seis da manhã às dez da noite.

Mas Pedro II estudou de verdade e não adiantou muito. O Brasil continuou sua trajetória em direção ao fracasso.

Percebendo que o país não tinha jeito, Pedro preferia se dedicar aos livros e à Ciência. Falava várias línguas (até mesmo tupi e hebraico) e era amigo de escritores, inventores, literatos e poetas. Exercia o Poder Moderador: nunca se declarou flamenguista nem corintiano nem gremista ou colorado, mas já achava Galvão Bueno um mala sem alça, o que mostra sensatez e capacidade de julgamento.

Durante seu reinado, o Brasil conheceu o seu segundo grande surto de riqueza, o café.

O CAFÉ

O café foi o único preto a se dar bem no Brasil naquele tempo.

O Brasil disseminou a vagabundagem no mundo. A ideia universal de parar o que se está fazendo para tomar um café é tipicamente brasileira.

Francisco de Mello Palheta, o Café Palheta, trouxe o café da Guiana Francesa em 1727. Palheta ganhou as mudas de presente de despedida da mulher do governador, a madame D'Orvilliers. Dizem que foi uma troca. Palheta fornecia mandioca para a madame quando o governador da Guiana saía para pescar. E o governador pescava muito.

O café pegou no Brasil tal e qual a zica, a dengue e a chicungunha. Tal e qual a cana-de-açúcar, o café ajudou a devastar a nossa mata atlântica nativa como se fosse uma depiladora na Cláudia Ohana.

O café também intensificou a importação de escravos da África. E sem os escravos afronativos jamais teríamos o Pelé, o samba e o candomblé. Mas, em compensação, não teríamos o funk, o pagode e o axé music. Na vida nada é tudo de bom nem tudo de ruim.

O cultivo do café também deu início às grandes correntes migratórias, que deram origem à classe média brasileira, para ódio da Marilena Chauí.

O Brasil chegou a ter 50% da produção mundial de café, o que propiciou a formação de fortunas enormes dos barões do café, principalmente em São Paulo, gerando aquilo que os marxistas chamam de acumulação primitiva de capital e os esquerdistas acham que é o Pato da Fiesp.

Foi aí que apareceu um cara legal. Tão genial, mas deu o azar de nascer no Brasil. Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá, o primeiro self-made man brasileiro. De caixeiro órfão a homem mais rico do Brasil e uma das maiores fortunas do mundo. Como não poderia deixar de ser, fod👹✂️🌟🌩️🔪🌪️*eram com a vida dele. Empreendedor, visionário, não dependia do Estado. Ao contrário, chegou a financiar o Estado brasileiro e foi fundador e dono do Uruguai, onde introduziu o plantio de maconha.

Durante o reinado de D. Pedro II, também teve a Guerra do Paraguai, vencida pelo Brasil com um Batalhão de Sacoleiras, mas o Hubert vai tratar desse assunto. O Brasil também teve o Visconde do

Rio Branco, que conseguiu anexar o Acre ao nosso território para que os nossos seringueiros pudessem continuar na floresta tirando leite do pau, sempre com o diligente auxílio dos diplomatas do Itamaraty.

Nas artes, o Brasil também conheceu Gonçalves Dias, José de Alencar, Pedro Américo, Vítor Meireles, Carlos Gomes e muitas outras praças, avenidas e logradouros públicos.

O Império do Brasil terminou com a deposição de D. Pedro II, em 15 de novembro de 1889, por meio de um golpe de Estado encabeçado por um grupo de líderes militares que culminou com a adoção de uma forma republicana de governo.

Foi golpe.

CAPÍTULO 14

PARAGUAI: UMA GUERRA QUE DEU NO CHACO!

Hubert Aranha

O MAIS LONGO, DESTRUTIVO e sanguinolento conflito armado jamais visto na América Latina provocou a morte de centenas de milhares de soldados, índios, mestiços, civis, inocentes e gaúchos também. Na verdade, as origens dessa guerra suja, travada em pântanos lodacentos e charcos imundos, tiveram início séculos antes. Como todos os leitores deste livro estão cansados de saber, no século XVI a Igreja Católica dividiu o mundo através do Tratado de Tordesilhas: Portugal ficou com o Brasil e a Espanha, com o resto. Mas as duas maiores impotências queriam mesmo era o Peru, onde, segundo a lenda, havia montanhas de ouro, prata e Viagra.

Naqueles tempos longínquos, para se chegar ao Peru (que não passava de um trocadilho infame, remoto e desconhecido), era preciso controlar o rio da Prata. Desde o início, portugueses ambiciosos e espanhóis sem escrúpulos começaram a se estranhar para colocar a mão no Peru. O bicho começou a pegar quando Portugal reconquistou sua independência e, em 1679, enviou uma expedição ao local comandada por Manuel Lobo com ordens para fundar um povoamento português nas margens do grande rio prateado. No dia 20 de janeiro de 1690, numa pequena ilhota chamada São Gabriel, surgiu a aldeia de Sacramento. Para não chamar a atenção dos espanhóis, os portugueses fundaram a aldeota na frente de Buenos Aires, que ficava na outra margem do rio da Prata. Resultado: os portenhos partiram pra dentro e, depois de um terrível combate, conhecido como a Noite Trágica, tomaram de assalto o vilarejo, mataram mais de oitenta portugueses e devastaram a nascente povoação. Mas isso foi apenas o primeiro dos sangrentos episódios que marcaram a história da Colônia. Por mais de um século, lusos (quer dizer, *losers*) e espanhóis lutaram para estabelecer, naquela região inflamada, uma espécie de Zona Franca, o que só iria se concretizar na década de 1970 do século XX em Manaus durante a ditadura militar.

Mas vamos dar um salto no tempo e tentar entender essa chacina sangrenta que inspirou belos e imponentes quadros de Pedro Américo (autor da *Batalha do Avaí*, onde documenta a vergonhosa

derrota do time catarinense) e de Vítor Meireles (que pintou a *Batalha do Riachuelo*, que retrata a luta pela tomada da grande loja e magazine). Passados 150 anos do conflito, a Guerra do Paraguai ainda desperta paixão e polêmica. Os paraguaios têm a sua “aversão”. Os brasileiros contam outra história, completamente diferente. E os argentinos, sempre arrogantes, acham que venceram a guerra graças ao gol de mão do Maradona, que, naquela época, ainda não tinha nem nascido. Nos livros escolares brasileiros, “quem começou” a guerra foi o ditador paraguaio Mateus Solano López, megalomaniaco e expansionista, que queria transformar o Paraguai numa China e inundar o mundo com bugigangas *Made in Paraguai*. Ainda segundo nossos compêndios, o Brasil ganhou a guerra graças à bravura e ao heroísmo destemido de nossos líderes militares: Duque de Caxias, almirante Barroso, general Osório e almirante Tamandaré, que, mais tarde, foram recompensados pelo imperador Pedro II e se tornaram praças, avenidas e estátuas equestres. Nesses monumentos equinos, geralmente nossos bravos militares ficam na parte de cima do animal.

Esta não será uma guerra paraguaia, uma guerra falsificada! Será uma guerra autêntica, com muita boçalidade, muito sangue e muita gente morrendo estupidamente!

Como diria o Sr. Creysson, eu agarrântio!



Duque de Caxias

O ditador paraguaio certamente não foi o único a cometer atrocidades na Guerra do Paraguai, mas acabou acendendo um fósforo num paiol de pólvora e transformou a bacia do Prata num grande churrasco humano, até hoje muito apreciado na região dos pampas. Abusado, Solano López resolveu bater de frente com o Império Brasileiro, a jovem República Argentina e o Uruguai, que era uma espécie de Rio Grande do Sul sem gaúchos.

Por incrível que pareça, o Paraguai era, para os padrões da época, um lugar avançado: em 1816 foi o primeiro país a se tornar independente da Espanha e de Buenos Aires, sede do vice-reinado do Prata (que continha o Uruguai, a Bolívia e uma parte do Peru, o Chaco, para ser mais exato). Seis anos após a Independência do Brasil, Argentina e Brasil reconheceram o Uruguai como um país independente. Mas o Brasil sempre se meteu na política uruguaia, ora apoiando os colorados, ora os gremistas, num conflito sangrento que se estende até os dias atuais. Essa ancestral rivalidade entre colorados e gremistas está na raiz da Guerra do Paraguai porque os colorados eram os donos do poder na Argentina, e os gremistas, mesmo sendo uruguaios, sonhavam em ser portenhos, ainda que fossem gaúchos enrustidos. O argentino é um italiano que fala castelhano e acha que é inglês. Já o gaúcho não passa de um uruguaio que mal fala português e pensa que é argentino. O uruguaio, por sua vez, é um paraguaio falsificado (sic) que mal sabe falar as duas línguas.

Porém, se quisermos analisar esse conflito de identidade entre os povos da fronteira, talvez seja aconselhável recorrermos a Sigmund Freud, o Pai da Psicanálise. Segundo o psicanalista austríaco, os gaúchos da fronteira têm uma fixação na fase anal retentiva, talvez devido ao uso abusivo do chimarrão, uma erva-mate amarga que eles passam o dia todo tomando na cuia. Por conta desse hábito arraigado no fundo de suas almas (e em outras partes de suas anatomias), esses “homens” da fronteira fazem questão de passar o tempo exercendo o machismo misógino e se dedicando a disputas bárbaras, vendetas sanguinolentas e brigas de torcida violentas.

Mas chega de psicanálise e historiografia barata! Em 1841, o ditador argentino Juan Manuel de Rosas, colorado roxo (quer dizer, vermelho), e os caudilhos uruguaios Frutuoso Rivera e Manuel Oribe deflagraram a Guerra Grande, que conduziu ao famoso cerco de Montevideu que durou dez anos e transformou a capital uruguaia na “Nova Trolha”, quer dizer, Troia, segundo o romancista francês Alexandre Dumas. O Brasil não fez nada para acabar com aquela carnificina, embora a carnificina seja muito apreciada pelos povos daquela região churrasqueira. Mas havia uma razão para que o Império brazuca virasse as costas para aquele conflito: D. Pedro II, um déspota esclarecido (se é que isso é possível...), estava muito ocupado em não fazer nada, o que o deixava completamente exausto depois de um dia inteiro dedicado ao ócio e à vagabundagem real.

Acontece que os uruguaios de Oribe, gremista até a medula, acabaram vencendo seu rival argentino, Rosas, depois de muitas atrocidades em que era rotineira a degola de mais de oitocentos homens. Injuriado com a indiferença do Brasil, o ditador Oribe e seus asseclas atacaram as estâncias do Rio Grande do Sul com violência inaudita, o que custou muitas vidas de inocentes e de alguns gaúchos também, sem falar no roubo de mais de 800 mil cabeças de gado e cabeças de bagre, que existiam em número muito superior na região.

Foi aí que, em 1851, entrou em ação o Conde de Caxias, que, na época, ocupava a presidência da província do Rio Grande do Sul. O Conde de Caxias, que mais tarde se transformaria no mitológico Duque de Caxias, foi o mais certinho e batalhador militar que o país já teve. Caxias acordava de

madrugada, antes de todos os soldados, limpava todos os canhões, espadas e baionetas do batalhão e removia um a um os cocôs dos cavalos da tropa. Era sempre o último a sair do trabalho e ficava até altas horas bolando estratégias militares, sempre com o paletó da sua farda pendurado na cadeira. Não bebia, não fumava, era católico devoto, vegano (quando isso ainda nem sequer existia) e só fazia sexo e guerra para fins de reprodução. Sua única diversão era jogar War. Pois bem, depois de muita insistência, Caxias conseguiu do imperador autorização para invadir o Uruguai com um exército de 16 mil homens em que o marechal, sempre caxias, dava banho pessoalmente antes da batalha. Guerreiro, Caxias logo derrotou Oribe e firmou uma aliança com o argentino general Urquiza e com o general uruguaio Venâncio Flores, que, assim que a Guerra do Paraguai terminou, se mudaram para o Leblon.

Enciumado com aquela aliança entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai, o ditador paraguaio Solando López resolveu que havia chegado a hora dessa gente paraguaia mostrar seu valor e, num gesto de heroísmo altruísta, decidiu dizimar a população de sua amada terra jogando o país numa guerra que deixou mais de 300 mil mortos.

Mateus Solano López era filho do ditador Carlos Antônio, que modernizou o Paraguai transformando aquele paiseco arcaico num pujante e vibrante desmanche de carruagens roubadas no Brasil. Como sabia que, se a embocadura do Prata fosse fechada, a soberania do Paraguai iria rio abaixo, López resolveu se defender atacando. Aprisionou um navio brasileiro em Assunção, que, de tão pobre, nem mar tinha, coitada. Em seguida, invadiu a província de Mato Grosso, onde só existia o Pantanal, que, mais tarde, se transformou em novela na TV Manchete.

Coincidentemente, foi no Pantanal que, anos mais tarde, foi travada uma sangrenta batalha entre a Manchete e a Rede Globo por conta daquele ecossistema dramático e dramaturgico. O Paraguai, no entanto, apesar de seu tamanho, estava bem aparelhado para a guerra: tinha 64 mil homens em armas e 28 mil reservistas. O Brasil só dispunha de 18 mil soldados; a Argentina, de 8 mil; e o Uruguai, só de mil.

Numa espécie de Taça Libertadores da América *avant la lettre*, a Argentina, o Uruguai e o Brasil assinaram o Tratado da Tríplice Aliança, uniram suas equipes e deram um chocolate no Paraguai. Quarenta dias depois de assinado o tratado, a Marinha brasileira destroçou a paraguaia e essa vitória decidiu a guerra. Mesmo assim, os paraguaios resistiram por cinco anos até que Chorando López, em 1870, foi morto por tropas brasileiras. Suas últimas palavras foram: “*Muero com mi patria!*”, inaugurando uma tradição de frases idiotas ditas por líderes latino-americanos desde então.

A Guerra do Paraguai permanece ainda hoje no nosso imaginário por duas razões: não só porque foi a primeira guerra na qual o país se engajou de verdade (a Segunda Guerra, vamos combinar, não conta: o Brasil só resolveu participar aos 45 minutos do segundo tempo), mas também por causa de suas antológicas batalhas, onde o pau comia solto, especialmente a Retirada da Laguna (seguida pela Colocada da Laguna e assim sucessivamente, num ritmo frenético até a guerra atingir seu ápice).

Outra que também bombou foi a Batalha de Tuiuti, região pantanosa localizada na confluência dos rios Paraná e Paraguai. De um lado estavam as tropas aliadas chefiadas por Bartolomeu Mitre, comandante-geral da Tríplice Aliança, que contava com 21 mil brasileiros, 10 mil argentinos e 1,2 mil uruguaio. Do outro lado, Soldando López liderava um incrível exército de 24 mil homens! Mas quem

deu o tom da batalha foi o general Osório, que botou os paraguaios pra correr e acabou batendo de frente com Bartolomeu Mitre, a quem acusou de hesitante. Os dois nunca mais se falaram: Bartolomeu Mitre foi morar no Leblon, e o General Osório, em Ipanema. A partir desse incidente, quem assumiu o comando da Tríplice Aliança foi o Duque de Caxias, que, depois de uma série de batalhas vencedoras, tomou Assunção de assalto, saqueando milhares de produtos *Made in China*. Quem também participou da batalha no fim da guerra foi o Conde d'Eu, mas apenas como trocadilho infame. Presente ao teatro de operações, a crítica teatral Barbara Heliadora considerou o espetáculo deprimente, a dramaturgia e a produção pobres, a direção lamentável e os atores uns canastrões.

A Guerra do Paraguai não foi um bom negócio pra ninguém. Foi um péssimo negócio. O Paraguai perdeu mais da metade da sua população masculina. Para o Brasil também deu ruim: o país contraiu uma dívida gigantesca com os bancos ingleses, e seus soldados contraíram várias doenças venéreas. A Argentina ficou toda endividada, e o Uruguai só hoje em dia está se recuperando dos efeitos desse conflito inútil e irracional graças à plantação de maconha liberada pelo presidente José Mujica, o Zé do Caixão.

CAPÍTULO 15

A ABOLIÇÃO AINDA QUE À TARDINHA

Helio de La Peña

Artigo 1º: Declaro extinta a Escravidão no Brasil.

Artigo 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Rio de Janeiro, 13 de maio de 1888.

PRINCESA ISABEL

Vista desse jeito, a abolição da escravatura no Brasil parece simples e facilmente aplicável. Bastou a princesa Isabel, a Redentora, assinar a folha com duas frases e pronto, os negros estavam livres. Agora, só tinham que ir para casa, tomar um banho e descansar. No dia seguinte, dariam uma olhada nos classificados, vestiriam suas melhores roupas e partiriam em busca do primeiro emprego remunerado; de preferência, por um bom salário, para compensar o período trabalhado na base do 0800.

Mas a coisa não foi bem assim. Acabar com a escravidão no único país independente em que ela persistia foi uma longa batalha. Começou oitenta anos antes e parece que até hoje a guerra não terminou. Em 1807, a Inglaterra aboliu a escravatura e o comércio de escravos. A Revolução Industrial precisava de consumidores e, sem salário, nenhum trabalhador podia ir às compras. Isso tornou os ingleses imediatamente piedosos e de bom coração, combatendo o tráfico de escravizados nos mares. No ano seguinte, D. João VI, se cagando de medo de Napoleão, reúne família, amigos e puxa-sacos e pula fora de Portugal. Resolveu dar um tempo na sua principal colônia. Assustado com a possibilidade de ser abordado por piratas do Caribe (D. João não mantinha boas relações com Johnny Depp), o monarca pediu escolta à Inglaterra para sua viagem ao Brasil. Como não existe almoço grátis, D. João se viu obrigado a assinar um tratado em que se comprometia a cooperar com a Coroa britânica na abolição gradual do comércio de escravos. O príncipe levou a sério o acordo, sobretudo no que dizia respeito ao ritmo da extinção do tráfico. Mais gradual, impossível. Assinado

em 1810, ninguém tomou conhecimento do tratado e a coisa seguiu normalmente. O compromisso era só pra inglês ver.



Como os ingleses não viram compromisso nenhum ser honrado, em 1815 forçaram os lusitanos a assinar outro acordo. Portugal estava proibido de traficar ao norte da linha do equador. O resto estava liberado, afinal o tratado de 1810 fora firmado em 19 de fevereiro, véspera de Carnaval, quando todos sabem que não existe pecado do lado de baixo do equador.

O tiro saiu pela culatra. O tráfico aumentou entre o Brasil e os reinos de Benin e Daomé, que ficavam a 5 graus de latitude norte, portanto na zona proibida. Os negreiros argumentavam que não estavam fazendo nada contra a lei: “E a margem de erro, não conta, não? Cinco graus pra mais ou pra menos não é nada, pergunta lá no Ibope.”

A família do príncipe Charles fez nova tentativa de enquadrar os escravocratas. Em troca do reconhecimento da nossa Independência, forçou a assinatura de um novo tratado proibindo os súditos do Império do Brasil de praticar o comércio de escravos da costa da África. A partir de 1830, o tráfico de escravizados não era mais legal. Porém continuou sendo maneiro. A proibição só

aumentou os negócios. Para apertar o cerco, outra lei. Em 1831, o ministro da Justiça, Diogo Feijó, decretou que todo escravo que entrasse no país a partir daquela data seria livre.

– Então quer dizer que eu sou um homem livre? – perguntou um africano recém-chegado ao porto do Rio, ainda com o passaporte na mão.

– Sim, claro – respondeu o agente alfandegário. – Só que, pra comer e dormir, você vai ter que trabalhar de graça vinte horas por dia.

– E quanto eu vou ganhar?

– Vai ganhar o direito a comer e a dormir.

– Não vou ter folga?

– Folga? Como assim? Você não vai comer todo dia? Essa negada tem cada pergunta... Próximo!

Diante de uma oferta de emprego tão atraente, natural que o número de africanos que chegavam ao país fosse cada vez maior. Alguns juizes cobravam a propina de 10% do valor do escravo para fazer vista grossa. Outros preferiam ser honestos – eram aqueles que não faziam questão de continuar vivos.

A repressão britânica fez os preços dos escravos despencarem. Por outro lado, as plantações de café cresciam e demandavam mais mão de obra. A “mercadoria” adquirida por preços baixos em Cabinda e Benguela era vendida no Brasil por valores altamente inflacionados. Quem iria abrir mão de um negócio tão lucrativo?

Em 1850, o ministro da Justiça, Eusébio de Queirós, finalmente baixou uma lei que pegou. Naquele ano, a chegada de africanos caiu de aproximadamente 40 mil anuais para 700. O tráfico estava sob relativo controle. A próxima etapa era libertar 1,5 milhão de escravizados que viviam no Brasil. E essa campanha não contava apenas com a princesa Isabel, que não era a funkeira Valeska Popozuda, mas ficou conhecida como a mãe louca da Abolição. Ao contrário do que ensinam os tradicionais livros de História, além de outros brancos, a negada black teve uma participação efetiva no movimento.

JOSÉ DO PATROCÍNIO

A Abolição não teria existido sem Patrocínio. Assim como diversos grupos de teatro e produtoras nacionais de cinema, desde os tempos da Monarquia até hoje, a cultura do país depende de Patrocínio. Afinal, quem foi esse homem, precursor da Lei Rouanet?

José do Patrocínio era filho de um padre branco com uma escrava. Viveu em liberdade, porém cheio de contradições. Quando levava uma surra do pai, não sabia se apanhava porque havia feito alguma coisa errada ou se seu pai batia nele só porque ele era negro.

José do Patrocínio nasceu em Campos dos Goytacazes em 1853. Aos 14 anos, mudou-se para o Rio, onde fez jus ao sobrenome. Descolou uma grana e bancou seus estudos. Formou-se em Farmácia, mas não se destacou dando injeção em ninguém. Descobriu sua vocação ao fundar um jornalzinho satírico, *Os Ferrões*, imitando um grupo de jovens que, anos mais tarde, fundou a *Casseta Popular*. O jornal *Os Ferrões* era “contra tudo que está aí”, principalmente a escravidão.

A publicação durou pouco. Patrocínio adquiriu o diário *Gazeta da Tarde*, em que escrevia artigos a

favor da Abolição. Também ajudava na fuga de escravizados e coordenava campanhas para levantar verbas para comprar alforrias, por meio de peças de teatro com Lázaro Ramos, filmes com Antônio Pitanga e Ruth de Souza, e passando o chapéu na plateia do programa *Esquenta*, da Regina Casé.

Patrocínio conheceu a princesa Isabel e se encantou por ela. Essa amizade logo caiu na boca do povo e a fofoca correu solta no Rio. Chegaram a espalhar que os dois viveram um tórrido romance com direito a noitadas sadomasô, em que a princesa pedia para ficar no tronco do Zé levando madeira. Nunca se soube se o fato realmente aconteceu. Ainda assim a notícia viralizou na época.

Quando a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, Patrocínio, imensamente grato, ajoelhou-se a seus pés e beijou-lhe as mãos. Mas, a partir daí, a coisa começou a ficar preta, digo, afrodescendente, para ele. Sua fidelidade a Isabel o levou a defender a monarquia, já em franca decadência. Patrocínio não era uma unanimidade. O escritor Lima Barreto, por exemplo, nunca foi com a cara do Zé, a quem considerava um vendido e puxa-saco dos monarcas.

Os republicanos ganhavam força na sociedade, e José do Patrocínio foi acusado de formar a Guarda Negra, uma espécie de organização black bloc formada por negros libertos vândalos que se infiltravam nos comícios e desciam o cacete nos manifestantes republicanos.

Em 1889, vendo que estava numa canoa furada, Patrocínio virou a casaca e passou a apoiar o movimento republicano. O tiro saiu pela culatra: não convenceu seus adversários e ainda perdeu o respeito dos seus ex-aliados. Em plena República, atacou o ditador Floriano Peixoto e foi exilado na Amazônia. O grande Rui Barbosa saiu em sua defesa num texto memorável: “Que sociedade é essa que obriga uma personalidade brilhante a viver no meio dos seringueiros tirando leite do pau?” Mais tarde, o humorista Bussunda, em apoio a José do Patrocínio, condenou o trocadilho espúrio.

Em 1893, voltou ao Rio e continuou fazendo oposição ao Marechal de Ferro. Sem patrocínio, Patrocínio morreu desamparado e cheio de dívidas.

ANDRÉ REBOUÇAS

André Rebouças nasceu em 1838 na cidade de Cachoeira, na Bahia. Era filho de um mulato que era advogado, deputado e conselheiro de D. Pedro II. Aos 4 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se formou em Engenharia – claro que não imediatamente. Outros dois de seus seis irmãos também foram engenheiros, Antônio e José. Mas somente André e Antônio, que realizaram grandes obras, como a ferrovia Curitiba-Paranaguá, as docas do Rio e vários portos do Nordeste, viraram túneis no Rio de Janeiro. Convocado para a Guerra do Paraguai, André logo contraiu varíola e foi dispensado, sem ter tido tempo sequer de comprar umas muambas.

A partir de 1872, ele se dedicou exclusivamente ao abolicionismo. Ajudou a criar a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e participou da Confederação Abolicionista, entre outras entidades. As reuniões ocorriam nos engarrafamentos do seu túnel, tão longos e arrastados que dava tempo para ele convencer os demais da importância da causa.

Em 1888, a escravidão foi juridicamente abolida. Mas os problemas de André Rebouças não acabaram. Era amigo de D. Pedro II, da princesa Isabel, do seu marido boiolo, o Conde D’ava, quer dizer, Conde d’Eu, e monarquista por convicção ou gratidão. Com a Proclamação da República,

André Rebouças ficou com o filme queimado – a fotografia tinha sido recém-inventada e estava se popularizando. Por essa razão, decidiu pelo autoexílio, deixando o país no mesmo navio que a família imperial.

André Rebouças estava morando na Europa e pirou com a morte de D. Pedro II, em 1891. Partiu para Moçambique, depois para Zanzibar e suicidou-se solitário e amargurado na ilha da Madeira.

LUIZ GAMA

Luiz Vasco da Gama nasceu em 1830 na cidade de São Januário, na Bahia. Filho de um pobre fidalgo português com uma negra africana livre, foi uma das figuras mais emblemáticas do movimento. Vendido aos 10 anos como escravo por seu pai, o inescrupuloso Eurico Miranda, nunca o perdoou e por isso não torcia pelo time da Cruz de Malta.

Conseguiu fugir da casa de seus donos em Santos. Autodidata, foi jornalista, poeta e, como advogado, conquistou juridicamente sua liberdade. Bem-sucedido no Tapetão, passou a advogar por outros negros e conseguiu libertar mais de quinhentos escravizados, com base na lei de 1831 que dizia que todos os africanos que entrassem no país a partir daquela data seriam livres.

Apesar de toda a sua importância, Luiz Gama é até hoje pouco conhecido pela maioria da população – incluindo aqui o historiador que vos escreve. Abolicionista, de religião cristã e republicano, Gama morreu em 1882. Não teve, portanto, a oportunidade de ver assinada a Lei Áurea nem proclamada a República. Muito menos acompanhou as reiteradas passagens do Vasco pela série B do Campeonato Brasileiro.

JOAQUIM NABUCO

Nabuco era branco, da elite açucareira, monarquista e... abolicionista. Sua formação conservadora não o impediu de ser uma das vozes mais vigorosas contra a escravidão. Só tomava café preto com açúcar mascavo, que ele mesmo plantava para não utilizar a mão de obra escrava. Fundou, junto com André Rebouças, a Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Joaquim Nabuco, antes de se tornar rua em diversas cidades do Brasil, escreveu obras importantes em defesa da liberdade dos trabalhadores africanos cativos, como *Minha formação* e *O Abolicionismo*. Condenou a postura omissa da Igreja em discursos na Câmara e artigos em jornais. Para dar o exemplo, jamais aceitou ter empregadas domésticas e sempre arrumava a própria cama e lavava a louça depois dos banquetes da família.

Nabuco decepcionou-se com o destino dos escravizados após a assinatura da Lei Áurea. E percebeu em Londres que nossa tardia abolição era apenas pra inglês ver, ou seja, um caô que maquiava a real situação (que se tornou republicana situação a partir de 1889) e não dava perspectiva de uma vida mais digna para os negros. Morreu em 1910, aos 60 anos, sem ouvir o CD *Noites do Norte*, de Caetano Veloso, feito em sua homenagem.

AS LEIS DA ABOLIÇÃO

Antes de se chegar à famosa Lei Áurea, várias leis foram criadas para uma transição lenta e gradual até o fim da escravidão.

1850 – Eusébio de Queirós

Na tentativa de combater o tráfico de escravizados, esta lei tornava livre todo africano que chegasse ao Brasil a partir daquela época. Só que eles não eram avisados disso. Os africanos livres se cadastravam no LinkedIn, mas não arrumavam emprego e voltavam a trabalhar como escravos.

1871 – Ventre livre

Esta lei tornava livre todo bebê nascido do ventre de uma escravizada a partir dessa data. Só funcionava mesmo quando a criança era fruto de uma pulada de cerca do patrão com a mucama. Em alguns casos, nem assim.

1885 – Sexagenários

Vista de longe, parece uma lei boazinha. Dava liberdade aos escravizados acima dos 65 anos. Mas, se considerarmos que a expectativa de vida de um cativo não ultrapassava os 50 anos, servia para os donos de escravos se verem livres dos (poucos) velhinhos que não tinham mais serventia nas fazendas. Eles não tinham pra onde ir nem onde morar. Em compensação, aposentavam-se com 100% do salário, que era zero.

1888 - Abolição

Assinada com uma pomposa pena de ouro pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea acabava com a escravidão no Brasil. Será?

E DEPOIS DA LEI ÁUREA...

No dia 14 de maio de 1888, o recém-ex-escravo Benedito Tião foi chamado por seu ex-dono no escritório da casa-grande.

- Pois não, dotô. O sinhô mi chamô?
- Grande Bené! Como vai essa força?
- Vô indo...
- Ah, deixa de fingimento. Hoje é um grande dia! Você não é mais escravo, sabia? Você agora é um trabalhador livre!
- Que bão, dotô! Então agora o sinhô vai me pagá salário?
- Foi pra isso que eu te chamei aqui. Você sabe, essa história de fim da escravidão não foi boa

pros meus negócios. Nós estamos passando por uma crise. Por isso, não vou poder contratar os seus serviços. Você está livre pra ir ao mercado.

– Mas, dotô, quem vai ao mercado é minha mulé com a sinhá madama...

– Você não entendeu, meu caro. Você agora é um profissional liberal, pode ir em busca de novas oportunidades. Prepara o seu currículo que eu vou postar no Facebook. Logo, logo vão chover ofertas de emprego.

– Eu não tenho currículo. Só tenho cupobre.

– Ora, Bené, deixa de mimimi. O Brasil é um grande país, você é jovem, trabalhador, com certeza conseguirá uma boa colocação. Se não for na roça, pode arrumar um lugar numa empresa no Rio ou em São Paulo. Já pensou em trabalhar com computador?

– Dotô, esses ano tudo, eu venho trabaiano com puta dô nas costa e nos joelho.

– Então já tem experiência. Pode fazer as malas e partir.

– Mas eu não tenho pra onde ir.

– Então eu tenho uma proposta. Você fica aqui com a gente. Mas não é mais escravo, tá? Só que, no momento, eu não posso pagar salário pra você.

– Num tem pobrema. Quando o senhor puder...

– Ótimo, ótimo. Só precisamos acertar uns detalhes. É que agora você é um profissional, o esquema é outro. Você vai ter que pagar um aluguel.

– Pagá como, se eu não tenho dinheiro?

– Aí é com você. E tem também a despesa com as refeições, entende?

– Mas, dotô...

– Tá bom, tá bom, nego chorão. Vou quebrar teu galho. Você fica por aqui, ajudando a gente na lavoura. Quando puder, você acerta as contas com a gente. Mas não acostuma não, hein!? Só tô fazendo isso porque você é como se fosse da família!

– 'brigado mesmo, dotô.

A situação de muitos negros não foi muito diferente da que o nego Benedito viveu. Não tiveram nenhum apoio oficial para começar uma vida melhor. Sem preparo, sem terras para cultivar, teve quem preferisse continuar nas fazendas servindo ao mesmo senhor em troca de casa, comida e um salário miserável. Uma enorme quantidade dos que optaram por viver nas grandes cidades foi morar em barracos em favelas, vivendo de subempregos, bicos ou mesmo caindo na marginalidade. Passados 130 anos da abolição da escravatura, um grande contingente de negros vive assim, se virando como dá. A diferença é que eles não estão mais sozinhos. Receberam a companhia de nordestinos, descendentes de índios e de diversas outras populações marginalizadas. Revoguem-se as disposições em contrário.

CAPÍTULO 16

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Claudio Manoel

SE, PARA NOS tornarmos um país independente e nos livrarmos do domínio português, precisamos de um príncipe nascido em... Portugal, não foi nenhuma surpresa quando o basta à monarquia foi dado por um... monarquista!

Deodoro da Fonseca, que era marechal e coisa e tal, poucas semanas antes da Proclamação, tinha declarado em alto e bom som que era amigo do peito do imperador (D. Pedro II, não o Adriano), que essa tal de república nunca daria certo em nossas latitudes, que esse negócio de deixar o povo escolher os governantes por meio do voto era só modinha passageira e que ele não tinha nada a ver com a galera que queria derrubar o velho monarca.

E a galera republicana vinha crescendo a cada dia. Tinha desde senhor de escravo almadichoando a monarquia por ter, um ano e meio antes, acabado com a moleza (para eles) da mão de obra escrava até intelectuais que torciam o nariz para essa coisa de governo hereditário, família real, filho do rei de Portugal que proclama independência, pega o cargo de imperador pra si e, depois que cansa, passa pro filho. Sem falar dos muitos militares que estavam de mimimi desde a Guerra do Paraguai.

Na verdade, a “questão militar” era tão séria que passou para a História assim mesmo: a “questão militar”, com aspas e tudo.

Isto não é uma proclamação!
É uma Reclamação! Estou doente
e me tiraram da cama pra pagar
esse mico! Logo eu que
sou monarquista...

E você aí,
acaba logo de
pintar esse
quadro! Eu
tenho que voltar
pra cama!



R.

E o problema era, mais ou menos, o seguinte: os oficiais do Exército, além de ganharem mal, ficavam no maior recalque com o fato de os oficiais da Marinha terem salários mais altos, por estes serem, supostamente, mais aristocráticos. (Obviamente, a tropa das duas Forças era só a ralé mesmo e não foi chamada pra dar palpite sobre assuntos tão complexos.) A raiva aumentou ainda mais depois da Guerra do Paraguai, quando a disparidade salarial permaneceu, mesmo que o trabalho mais duro, por motivos geograficamente óbvios, tenha ficado todo com as tropas de terra, já que a marujada não teve muito o que fazer com seus navios por total ausência de mares, oceanos e similares, tendo sua atuação reduzida a uma batalha num riozinho aqui, um transporte de cargas num riacho acolá.

Além disso, aqueles que eram a elite dos nossos batalhões já estavam de saco cheio de uma lei que os proibia de se manifestar em público, principalmente sobre política. Várias rebeliões ocorreram por conta de punições e censuras, e a insatisfação contra os políticos (sempre eles), que seriam responsáveis por tudo, foi crescente, levando vários oficiais a antagonizar o Império, cair nos braços dos ideais republicanos e, principalmente, entrar na onda do momento: o Positivismo.

Ao contrário do que se pode pensar, o Positivismo não é um tipo de meditação que usa o pensamento positivo para alcançar o nirvana do saldo bancário positivado. É uma escola filosófica, criada pelo francês Auguste Comte, que inventou uma tal “religião da humanidade”, em que Deus seria substituído pelo culto aos seres humanos racionais e evoluídos, que seriam governados pelos homens “mais esclarecidos”, que alcançariam a “ordem e o progresso” através da forma ideal de governo: a “ditadura republicana”, exercida (claro) no “interesse do povo”.

Pois é, essa maluquice ficou tão popular que, além de contagiar diversos intelectuais e muitos militares, virou lema da nossa bandeira e até samba de Noel Rosa e Orestes Barbosa, que compuseram (só em 1933) *Positivismo*, cuja letra contém os versos:

“O amor vem por princípio, a ordem por base
O progresso é que deve vir por fim
Desprezaste esta lei de Augusto Comte
E foste ser feliz longe de mim”

Um dos maiores fãs do movimento/filosofia era republicano de carteirinha e milico amargurado (tanto que odiava usar farda): Benjamin Constant, que detestava o Império Brasileiro por pagar uma merreca para a milicada e sonhava com o dia em que os militares detivessem as rédeas da nação e ninguém se meteria a besta de chamar os valorosos membros das nossas Forças Armadas de milicos e milicada. Mas o revoltado Benja era só tenente-coronel e não tinha nem patente nem moral pra mandar a tropa fazer nada além de cair árvores e aparar grama.

Foi aí que apareceu o jornalista e conspirador Quintino Bocaiúva (este, sim, um legítimo, e provavelmente o primeiro, representante da mídia golpista), que também queria acabar com a monarquia, porque ele achava uma coisa atrasada, cheia de príncipe, princesa e presepada. Bocaiúva dizia que o Brasil tinha que entrar na modernidade através da Revolução Republicana, e convenceu o tenente Benjamin a ir junto com ele fazer a cabeça do Deodoro, que, como era marechal e coisa e tal, podia mandar as tropas darem um tempo na rotina de cair árvores e aparar

grama dos quartéis para tomar o poder, depor o imperador e proclamar a República, não necessariamente nessa ordem.

Deodoro achou a proposta meio *over*. Gostou da parte que fazia dele o futuro presidente, o novo mandachuva do Brasil, mas o lance da traição era difícil de encarar. D. Pedro II tinha sido um amigo, ao qual ele mesmo confessava que devia inúmeros (e talvez inconfessáveis) favores. O marechal pediu um tempo pra pensar.

Enquanto isso, na noite de 9 de novembro, quando os convidados, a nata da elite carioca, chegavam para o baile que celebrava as bodas de prata da princesa Isabel com o Conde d'Eu (certamente, um dos vultos históricos que mais sofreu com trocadilhos e piadinhas de duplo sentido), ninguém ali imaginava que, além da boca-livre e da balada super VIP, estava também nascendo uma das metáforas mais clichês da nossa História: o Baile da Ilha Fiscal, a versão brazuca da orquestra-tocando-no-naufrágio-do-Titanic (que só iria acontecer 23 anos depois, o que nos torna pioneiros nas analogias de festas bacanérrimas, em locais idem, com convidados aristocráticos, bailando e se divertindo, enquanto afundam para as profundezas sem nem perceber).

E ninguém percebeu nada naquele dia, nem mesmo quando cadetes bem animados, já com uns gorós a mais na cabeça, fingindo homenagear membros da Marinha chilena, gritaram: “Viva a República... do Chile!” Como eles, logo em seguida, emendaram com o corinho: “Arrá, urru! Ô Princesa, eu vou comer seu bolo...”, todos levaram na brincadeira.

Quem não estava para brincadeira era o marechal Deodoro, doente, de cama, passando mal pra cacete, sem o menor ânimo pra sair proclamando muita coisa por aí. Mandou dizer pro Benjamim e pro Quintino que topava a quartelada, mas o máximo que ele ia fazer era juntar a tropa de manhã bem cedo, ir até o Campo de Santana, que era pertinho da casa dele, botar pra correr o tal do Visconde de Ouro Preto, presidente do Conselho de Ministros, e só.

Como é melhor meia titica do que titica nenhuma, os dois conspiradores concordaram, ou fingiram concordar, com a condição marechalica, e a dupla virou trio.

No dia 15 de novembro de 1889, às seis da matina, o marechal, à frente dos seus comandados, botou o visconde no olho da rua, deu um tapa na orelha de um soldado otário, que gritou “Viva a República!” e voltou à sua cama quentinha, pra ver se melhorava do dodói.

Quando estava debaixo das cobertas, tomando sua canja, um companheiro de farda, provavelmente a mando ou articulado com os outros chefes republicanos (Benjamim e Quintino, claro), veio com a notícia, na verdade fofoca, de que o imperador tinha nomeado para a vaga do recém-deposto Visconde de Ouro Preto ninguém mais, ninguém menos que Gaspar Silveira Martins.

Deodoro da Fonseca virou macho, ficou puto dentro das calças. Aliás, do pijama. Assim como ele, o tal Gaspar, além de ter sido presidente (cargo correspondente ao atual governador) do Rio Grande do Sul, disputou, ganhou e papou uma gaúcha em quem o marechal era louco pra dar um créu.

Quando soube do desaforo, Deodoro nem quis saber se era mentira (e era!). Saiu chutando o balde, declarando, literalmente: “Eu queria acompanhar o caixão do imperador, que está idoso e a quem respeito muito. Mas o velho já não regula bem. Portanto, já que não há outro remédio, leve à breca a monarquia. Nada mais temos a esperar dela. Que venha, pois, a República!”

Foi só aí, movido a plena dor de corno, que o marechal Deodoro da Fonseca bandeou de lado,

trocou de time, virou a casaca, se tornou o primeiro presidente da República e protagonizou o início do que seria, durante muitas décadas, uma das nossas maiores tradições: o golpe militar.

Pra evitar as manifestações de apoio ao imperador deposto, ele e a família real (com a princesa Isabel e tudo) foram enviados para o exílio na Europa. Dizem que a única coisa que o ex-monarca declarou ao saber que os militares iriam governar o país foi: “Estão todos loucos!”. “Mas eles só sabem cair árvores e aparar grama”, foi o que deve ter pensado, mas ninguém registrou.

O fato é que, pra apaziguar os ânimos e os opositores, os novos donos do poder concordaram em proclamar a República só “provisoriamente”, tendo que ser referendada por um plebiscito, quando o povo decidiria se a manteria ou traria a monarquia de volta. E o plebiscito foi realizado.

Em 1993! Cento e quatro anos depois!

Portanto, a República, o regime que define a forma de governo e, por consequência, seus atos, os mandos e desmandos dos seus mandatários, ou, pode-se dizer, o país... tudo, tudo foi provisório até o início dos anos 1990.

Só temos alvará definitivo de funcionamento há pouco mais de vinte anos. Nossa provisoriedade não acabou há tanto tempo assim. Agora tudo se explica.

CAPÍTULO 17

REPÚBLICA: OS DEZ PRIMEIROS ANOS

Beto Silva

ESCÂNDALOS FINANCEIROS, AUMENTOS de impostos, desvios de verbas, impunidade, fraudes eleitorais, violência policial, tudo isso aconteceu nos últimos dez anos da República no Brasil. Ops, desculpa, eu me confundi. A frase está certa, mas o capítulo é sobre os primeiros dez anos de República. Pois é, então vamos lá: escândalos financeiros, aumentos de impostos, desvios de verbas, impunidade, fraudes eleitorais, violência policial, tudo isso aconteceu nos PRIMEIROS dez anos da República no Brasil.

No dia em que a República foi proclamada, o marechal Deodoro da Fonseca estava doente, de cama. Foi de seu quarto que ele liderou o movimento, cercado por seus correligionários. Depois de comemorar a vitória com vários brindes, a rapaziada permaneceu no quarto de Deodoro, festejando, bebendo vinho, mas a bebida foi acabando, os aperitivos foram escasseando e a galera foi embora, deixando Deodoro sozinho. Nos dias seguintes, Deodoro permaneceu doente, deitado, sem nada para fazer. Sem *Game of Thrones* nem *House of Cards* para ver, o marechal foi ficando entediado, precisava arranjar algum passatempo urgente. Foi então que ele pensou: “Pô, eu sou o presidente provisório da nova República do Brasil! Eu é que mando nessa josta!” Então Deodoro resolveu que podia sair inventando novas leis. E foi o que ele fez para passar o tempo. Logo no primeiro mês de República, Deodoro colocou para funcionar o que ficou conhecido na época como uma “fábrica de leis”. De sua cama, Deodoro bolou, entre outras, a lei que fez do Brasil uma República federativa, a lei que garantia direito de voto aos brasileiros homens alfabetizados e uma lei de imprensa bem barra-pesada, que foi logo apelidada de Decreto-Rolha. Até hoje não se sabe se essa rolha era para indicar que a lei fechava a boca da imprensa ou se era apenas uma homenagem à prisão de ventre que Deodoro sofreu por passar tanto tempo deitado na cama.

OS PRESIDENTES MARECHAIS

Em 1891, foi aprovada a nova Constituição do Brasil. Em seguida, aconteceu a primeira eleição para presidente, que foi indireta. Deodoro foi eleito, mas a margem de votos não foi grande coisa. O problema é que naquela época também se votava para vice-presidente, e Floriano Peixoto foi eleito vice com uma grande vantagem de votos. No dia da posse, um constrangimento: o vice fez mais sucesso que o presidente. Imagine uma festa onde todo mundo só quer falar com o vice, deixando o presidente sozinho no canto. Foi assim. Chato pra caramba. Se fosse hoje, o Instagram do Floriano seria um sucesso, o Facebook iria arrebentar, o Twitter nem se fala, enquanto o Deodoro só conseguiria uns minguados likes, todos da família, o que praticamente não conta. Essa era a situação. Foi duro para o marechal Deodoro. Nervoso, ele começou a apelar, desandou a ditar atos autoritários, mandando e desmandando sem escutar ninguém. Quando o Congresso votou uma lei permitindo o impeachment do presidente, Deodoro enlouqueceu, o homem pirou e mandou fechar o Congresso. A reação veio de imediato e até ameaça de bomba rolou. O marechal Deodoro, que já estava fazendo um governo controverso e ainda por cima continuava doente e de cama, não aguentou a pressão e renunciou.

Como o marechal Deodoro não havia completado a metade de seu mandato, a lei ditava que deveria haver uma nova eleição. Mas o vice-presidente, o marechal Floriano Peixoto, articulou, conchavou, ameaçou e acabou convencendo a todos de que ele é que tomaria posse. E assim foi. Em apenas dois anos de República, o primeiro vice já assumia o governo, um fato que já trazia uma mensagem para os brasileiros, que, no entanto, não conseguiram aprender a lição. Aliás, por toda a história do país, o povo brasileiro nunca prestou muita atenção nas aulas e não conseguiu aprender direito várias lições: nunca aprendeu a usar os plural, nunca aprendeu a fazer contas, talvez por isso todas as obras aqui sejam superfaturadas, e, principalmente, nunca aprendeu que o vice tem importância!

Floriano era um sujeito misterioso. Muita gente não entendia muito bem o que ele queria, o que não era o caso dos seus opositores, que sabiam exatamente quais eram as suas intenções. Assim que Floriano assumiu, seus adversários trataram de encostar o traseiro na parede, mas não adiantou muito, Floriano foi implacável, tratou de se vingar de todos os seus inimigos, a começar pelos governadores que haviam apoiado Deodoro, demitindo-os, mesmo contra a lei. Floriano fez um governo nacionalista, austero, centralizador. É considerado o primeiro ditador da República. Combateu com vigor a Revolta da Armada, botou para quebrar no Sul do país, colocando-se ao lado de Júlio de Castilhos e terminando com a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul. Por conta da dureza que mostrou nesses enfrentamentos militares, seus puxa-sacos logo passaram a chamá-lo de Marechal de Ferro.

A REVOLTA DA ARMADA

A Marinha brasileira, que naquele tempo era conhecida como a Armada, era monarquista. Desde o

início da República, a Armada já começou a armação e se rebelou. O almirante Custódio de Melo assumiu a liderança da revolta, que ocorreu em 1891 e contribuiu para a queda de Deodoro.

Dois anos depois aconteceu a segunda revolta da Armada. Cerca de vinte navios, liderados de novo por Custódio de Melo, assumiram a bandeira da revolta e bombardearam a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Diante da resposta das forças do governo, o almirante Custódio de Melo viu que não seria moleza ganhar aquela guerra e resolveu sair do Rio de Janeiro e se mandar para o Sul, onde se juntou aos maragatos, uns gaúchos muito revoltados que participavam da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul. Dizem que o nome maragatos vinha do fato de seus integrantes serem rapazes muito guapos, que por onde passavam ouviam: “Ah, eles são mara! Ah, eles são gatos!” Mas não se tem certeza sobre a origem desse nome, nem se eles eram tão maragatos como dizem.

Os marinheiros revoltados da Armada junto com os maragatos invadiram a cidade de Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina, e declararam um governo provisório. O marechal Floriano Peixoto ficou muito puto e mandou suas tropas para lá. Depois de uma ferrenha batalha, Floriano conseguiu retomar a cidade, mandou fuzilar uma porção de revoltados e ainda, como castigo, resolveu mudar o nome da cidade. Primeiro, Floriano Peixoto nomeou a cidade como Peixotópolis, mas a população local não gostou. Ele então mudou de novo para Marechal-de-Ferrópolis, o que causou ainda mais revolta. Finalmente, todos se acalmaram quando a cidade foi chamada de Florianópolis. Quase um século depois, a cidade de Florianópolis foi novamente invadida, dessa vez por milionários paulistas, que tomaram para si toda a área conhecida como Jurerê Internacional.

UM GOVERNO PRUDENTE

Em 1894, foi realizada a primeira eleição direta para presidente do Brasil. O eleito não foi um marechal, mas Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil do Brasil. Prudente, que não fugiu à piadinha de que era um cara muito prudente para ser presidente, tinha o apelido de Biriba. Já no seu primeiro dia no serviço, o presidente Biriba foi sacaneado: ninguém apareceu para levá-lo até o palácio onde tomaria posse. Conseguiu uma carona com um amigo num carro bem furreca.

Biriba continuou sendo sacaneado durante todo o seu mandato. Era o presidente-mané, a galera fazia chifrinho nele quando ele passava, pegavam Biriba em todo tipo de brincadeira boba. A pior foi uma pegadinha que os florianistas tentaram armar para cima dele, tramando um golpe de Estado para que Floriano voltasse ao poder. Mas, ao que tudo indica, o próprio Marechal de Ferro não quis participar da brincadeira, que acabou não dando certo.

Mas Prudente de Moraes não era tão otário nem prudente como diziam. Ele era um apreciador de café, não exatamente da bebida, mas de fazer o que os cafeicultores queriam. Seu governo marcou o retorno da elite latifundiária ao poder, principalmente da oligarquia cafeeira. Aos poucos, ele conseguiu atender aos cafeicultores e afastar os militares do poder.

Em novembro de 1896, Prudente de Moraes ficou doente e teve que se afastar da presidência. Assumiu o seu posto o vice Manuel Vitorino Pereira, um florianista que demitiu todo o ministério e mudou tudo. Olha o vice aí de novo! Mas, alguns meses depois, Prudente ficou curado e reassumiu a

presidência, acabando com a farrá dos florianistas e restaurando todo o seu ministério. Desesperados, os florianistas começaram a ficar nervosos, estavam loucos para tirar o Biriba do poder. No final do ano de 1897, Prudente de Moraes sofreu um atentado. Durante um evento oficial, um militar aproximou-se do presidente com uma garrucha e atirou cinco vezes. Todos os tiros falharam! Todos! Um atentado contra o presidente e contra a indústria de garruchas da época. Mas, no meio do tumulto formado, o sujeito ainda conseguiu sacar uma faca e matar o ministro da Guerra, Carlos Bittencourt.

O atentado ao presidente e a morte do ministro causaram uma tremenda confusão na República. Prudente de Moraes decretou estado de sítio e mandou prender e exilar vários rivais. Carlos Bittencourt foi enterrado com honras de herói e a indústria de garruchas foi obrigada a fazer um recall vexaminoso. Depois do atentado fracassado, o Clube Militar fechou as portas e os militares se afastaram da política por um tempo. As garruchas também acabaram caindo em desuso, dando início à utilização pelos brasileiros de outras armas mais eficientes, como os fuzis AR-15 e AK-47.

CAFÉ COM LEITE

Em 1898, Campos Sales foi eleito e assumiu a presidência. Assim como Prudente de Moraes, ele também era um grande apreciador de café e seguiu na política de apoio aos cafeicultores, ajudando a consolidar a República dos Fazendeiros. Político hábil, concluiu que o Congresso só o atrapalhava e resolveu que podia governar sem ele. Instituiu uma política pouco ética, com muitas fraudes eleitorais e farta distribuição de verbas, mandou o Congresso catar coquinho e governou com o apoio dos governadores, sustentando os grupos dominantes dos estados. Instituiu também a Política do café com leite, em que os estados de São Paulo e Minas Gerais mandavam e os outros estados eram café com leite.

Mas a economia do Brasil capengava desde o início da República. Assim que assumiu, Deodoro nomeou para ministro da Fazenda o baiano Rui Barbosa, um gênio, um crânio, um cérebro privilegiado, considerado o baiano mais inteligente da História. Rui Barbosa fez de tudo na vida. Foi um intelectual respeitadíssimo, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Como diplomata, recebeu o título de “O Águia de Haia”. Seus livros eram melhores que os de Jorge Amado; suas músicas, melhores que as de Caetano e Gil; seu acarajé era o mais saboroso da Bahia; suas rezas, melhores que as da Mãe Menininha do Gantois. O baiano era foda! Mas, como ministro da Fazenda, Rui não foi tão bom assim, deixou a desejar. Suas medidas econômicas, apesar de inteligentes e bem-intencionadas, não só não deram certo como deram muito errado. A partir de sua gestão equivocada da economia, a inflação e o custo de vida dispararam e o país mergulhou numa tremenda crise econômica, que perdurou pelos governos seguintes.

Vossa Excelência
não acha um absurdo
toda essa corrupção
e esses escândalos
no governo?

Sim, porém a
nossa República
está apenas no
começo. Depois
vai melhorar...



R.

Portanto, Campos Sales já recebeu de seu antecessor um país que devia até as calças. Antes mesmo de tomar posse, o novo presidente foi até a Inglaterra, onde tomou muito chá, principalmente chá de cadeira, esperando horas para conseguir negociar com os banqueiros da Casa dos Rothschild, que tinham mais o que fazer do que ficar ouvindo mimimi de presidente de paisinho sul-americano cheio de dívidas. Mas Campos Sales gastou saliva, conseguiu arrancar um novo empréstimo para pagar os juros dos antigos empréstimos e negociou uma moratória. O Brasil agora devia as calças e as cuecas. Mas não havia outra saída.

Por conta da moratória, Campos Sales teve que tomar drásticas medidas econômicas, cujo objetivo era botar na bunda dos brasileiros sem areia, porque, se fosse obrigado a dar calote nos gringos, teria que fazê-lo com areia. Aumentou os juros, subiu os impostos, além de várias outras providências, chegando até a incinerar papel-moeda para tentar baixar a inflação. Por causa dessa crise econômica, Campos Sales não fez um governo popular. Tanto que depois, quando foi homenageado postumamente, deu nome apenas à rua onde ficava o estádio do América do Rio de Janeiro, um clube até simpático, mas de pouca torcida.

CAPÍTULO 18

OS GAÚCHOS SAEM DO ARMÁRIO E OS NORDESTINOS ENTRAM NA BALA

Marcelo Madureira

DENTRO DA MINHA teoria de interpretação histórica de que nada no Brasil tem a menor possibilidade de dar certo, a Proclamação da República não poderia conhecer outro destino.

Se, na capital, a Proclamação da República foi uma opereta a que o povo assistiu “embasbacado e bestializado”, como disse o compositor pop Aristides Lobo, o Lobão, no resto do Brasil não foi tão simples assim. No Sul e no Nordeste o pau comeu feio.

Prevedo que monarquia ou república seria a mesma merda, ou seja, não iria mudar porcaria nenhuma, muitos brasileiros não quiseram engolir o novo regime de jeito nenhum, até porque brasileiro está sempre contra, mesmo sendo a favor.

Pois então, justamente por isso, ocorreram nesse período as duas maiores guerras civis da História do Brasil: a Revolução Federalista, no Rio Grande do Sul, também conhecida como Revolução Farroupilha, e a Guerra de Canudos, no sertão da Bahia.

Graças a Deus (como sempre), esses dois movimentos sediciosos foram devidamente pacificados. Hoje somos só uma Grande Nação, una e indivisível, campeã mundial absoluta de mortes por homicídio, sem falar nos acidentes de trânsito, zica, dengue e chicungunha, onde o único projeto nacional é conseguir chegar vivo em casa.

Mas voltemos à história.

A REVOLUÇÃO FARROUPILHA

O verdadeiro objetivo do movimento farroupilha era transformar a província do Rio Grande do Sul numa república autônoma homoafetiva. A bandeira gaúcha seria dominada por um enorme arco-íris, mudariam o nome da capital de Porto Alegre para Porto Gay e seria abolido o uso do dinheiro. Todas as transações, comerciais ou não, seriam na base do troca-troca.

Esse movimento durou de fevereiro de 1893 a setembro de 1895, quando, depois de gaúchos duelarem-se por oito meses em combates singulares com suas espadas indomáveis e lanças rombudas, os gaudérios já estavam com a pilcha toda em farrapos (daí o nome Guerra dos Farrapos). Gente! Um horror! Nenhuma bicha que se preza sai de casa para ir à luta sem estar vestida dentro de um conceito de moda fashion. Nem mesmo a bicha pobre.

Desde então, os gaúchos são vítimas de bullying em todo o território nacional.

Na verdade, o Rio Grande do Sul sempre foi um estado de machos. Não se admitiam mulheres na província. Nem mesmo para fins de reprodução. A gauchada se dividia em dois grupos antagônicos irreconciliáveis: os gremistas e os colorados, quer dizer, os ximangos e os maragatos. Uns, republicanos jacobinistas; outros, monarquistas não assumidos. Os dois grupos eram liderados por caudilhos, como Gaspar Silveira Martins e Júlio de Castilhos.

Gaspar Silveira Martins era alto, corpulento e rico. Parecia o Rodrigo Hilbert. Só não era casado com a Fernanda Lima. De outro lado, Júlio de Castilhos, moreno, baixinho e gago, não era gato como o Silveira Martins, mas também era um tipão. Sempre na moda fashion, se vestia com extremo bom gosto para as lides campeiras. Tradicionalista, só bebia cerveja Polar, fazia as compras no Zaffari e levava a “termo” para a praia, onde ficava mateando.

A GUERRA DE CANUDOS

A Guerra do Fim do Mundo, conforme escreveu o Mario Vargas Llosa (o escritor que te comeu atrás do armário), foi a Guerra de Canudos.

Muita atenção: nada a ver com o tráfico de cocaína e as plantações de maconha características daquela região.

No miserável sertão da Bahia, o místico populista Luís Antônio Conselheiro da Silva, o Lula, reuniu em torno de si um bando de intelectuais, cineastas, sindicalistas e outros ignorantes. Geralmente, esse tipo de gente só se reúne em torno de verbas.

Líder sindicalista, santarrão e místico adorador de si mesmo, Luís Inácio Conselheiro da Silva, o Lula, garantia que “o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão...”. Alguns historiadores postulam que o Conselheiro já tinha superfaturado a realização dessa obra faraônica com a Odebrecht mediante propina.

No final do século XIX, não existiam estradas no Nordeste, muito menos os caminhões “pau de arara” para andar por elas. O povo do sertão não tinha como migrar para o Sul Maravilha. Conselheiro e seus seguidores acabaram se arranchando no sertão baiano, no arraial de Canudos, perto de Juazeiro e Uauá, na fronteira com Pernambuco, de agosto de 1896 a outubro de 1897.

Como não poderia deixar de ser, quando junta um monte de pobre, logo vira uma favela. Naquele tempo ainda não havia o Comando Vermelho, o ADA ou o Terceiro Comando para dominar a “comunidade”. A única facção era o PCC, Primeiro Comando da Caatinga. Canudos era uma favela com 5.200 casas e 25 mil habitantes. Indigentes maltrapilhos seguindo o Antônio Conselheiro viviam da plantação de maconha, da criação de bodes e do Bolsa Família.

History Moda Fashion

Bento Gonçalves usa um modelito todo desestruturado e bem casual. É o conhecido look "Guerra dos Farrapos".



Antônio Conselheiro veste um elegante longo, apropriado para grandes eventos, como a Guerra dos Canudos.



Achando que o movimento dos pobres colocava em risco a República, inclusive pensando que eram monarquistas, jornalistas históricos exigiram que se acabasse com aquela farra. Mandaram o Exército, os militares, dar um jeito naquela turba de miseráveis. O Exército tomou um pau dos favelados. Aliás, um só, não. Três. Tiveram que mandar uma expedição com 12 mil soldados para derrotar os “aconselhados” do Conselheiro. No final, sobraram três adultos e um garoto de 14 anos. Todos devidamente fuzilados.

Mas, como nos contos de fadas, tudo acabou com uma grande carnificina. Taí um negócio que sempre deu certo no Brasil: as chacinas. Sempre fomos bons nisso.

A verdade é que Antônio Conselheiro deu início a uma longa linhagem de beatos místicos nordestinos insuportáveis: Padre Cícero, Frei Damião, Irmã Dulce, Xico César, Xico Sá, Zé Ramalho da Paraíba, Fagner, Belchior e Amelinha.

Alguns historiadores dizem que a Guerra de Canudos só foi feita para servir de cenário a séries de TV e filmes do Cinema Novo. Outros acham que foi financiada pela Lei Rouanet para que o Euclides da Cunha escrevesse *Os sertões*, um clássico da mentira brasileira, pois todo mundo diz que leu. Aliás, se você quiser saber de verdade sobre o assunto, leia *Os sertões*. Mas atenção: pule o primeiro capítulo, que é descritivo e muito chato.

Euclides acabou sendo também o maior corno da História brasileira. Viajava demais o Euclides. Deu no que deu. Quer dizer, quem acabou dando foi a mulher dele.

Mas isso já é uma outra história.

CAPÍTULO 19

CAFÉ COM LEITE SEM ADOÇANTE

Helio de La Peña

N O PERÍODO COLONIAL, o Brasil descolava uns trocados exportando cana para o fabrico de açúcar. O mundo inteiro comprava açúcar do Brasil. Chegamos à República e os fazendeiros pensaram: “O que esses gringos vão fazer com tanto açúcar?” Os portugueses danaram de inventar doces altamente açucarados, mas não davam vazão a toda a nossa produção. Até que um fazendeiro paulista teve a ideia: “E se a gente vendesse uma bebida bem amarga pra esses caras?” Então o Brasil começou a plantar e exportar café.

O café era uma droga ilegal no século XVII. O pessoal subia o morro e descia com uns grãosinhos malocados no chapéu. A juventude se reunia escondida dos pais para fumar café. Não dava onda. Começaram a cheirar os grãos verdes. Entupiam o nariz e não ficavam doidões. No final do século XIX, o café estava totalmente liberado, mas a moda do cafezinho custou a pegar. Primeiro, alguém teve que ter a ideia de torrar aqueles grãos. Aí, outro sugeriu moê-los. Levou um tempo até que um sujeito apareceu com um filtro Melitta e uma chaleira de água quente. Quando uma vovozinha lembrou de botar açúcar, o café passou a fazer um sucesso tremendo.

– Tá de bobeira? Então vamos tomar um cafezinho.



- Tá trabalhando muito? Dá uma pausa e toma um cafezinho.
- Tá precisando virar a noite trabalhando? Toma uns cafezinhos pra ficar acordado.
- Quero te mostrar um projeto. Vou te pagar um cafezinho.
- Tô durão. Me paga um cafezinho?

Tudo virou desculpa pra tomar um cafezinho. O vício de tomar café gerou um outro vício, o de cultivar café. Em 1906, o Brasil colheu 20 milhões de sacas de grãos, mas o planeta só conseguia consumir 15 milhões delas. O preço do café despencou no mercado internacional. Os fazendeiros ficaram desesperados. Procuraram o presidente Rodrigues Alves para que ele desvalorizasse a moeda nacional, o mil-réis (também conhecida como merrecas), e comprasse a produção excedente. Tinham até uma proposta: que o governo usasse os grãos para preencher as cartelas de bingo em todo o país. Mesmo sendo cafeicultor, Rodrigues Alves ofereceu-lhes um chá de cadeira, depois recusou a proposta.

Os presidentes (governadores da época) do Rio, São Paulo e Minas resolveram agir por conta própria e foram à casa da Velhinha de Taubaté, indicação do Luis Fernando Verissimo. Ali firmaram o Convênio de Taubaté e pegaram um empréstimo de 15 milhões de libras para comprar 8 milhões de sacas de café, para queimar ou estocar.

Em 1906, quando Rodrigues Alves foi sucedido por Afonso Pena, os produtores deixaram o orgulho de lado e, através de aprovação do Congresso, forçada pelo novo presidente, a União virou fiadora do empréstimo. Assim, os fazendeiros plantavam café e o Brasil só colhia pepino. Os cafeicultores ficavam com os lucros, mas o prejuízo era dividido pelo povo brasileiro. Na época, o pessoal pode ter estranhado o esquema, mas, passados mais de cem anos, acho que já se acostumou.

O GOVERNO RODRIGUES ALVES

Nos tempos do Império, Rodrigues Alves era um monarquista convicto. Após a Proclamação da República, tomou um banho demorado e voltou para a sala republicano convicto. Sempre foi admirado por sua convicção convicta em qualquer circunstância. Governou São Paulo como presidente da província em 1887 e foi conselheiro do Império em 1888. Quando a República chegou, foi deputado constituinte, senador, ministro, presidente do estado de São Paulo e, por fim, presidente da porra toda. Era um rico cafeicultor conservador, porém antioligárquico. Não puxava a brasa para a sua sardinha, no caso, para o seu bule de café. Tanto que não deu força para a ideia dos parceiros de subir o preço internacional do café, por ser liberal e não gostar de ver o Estado se metendo na economia. Com isso, foi considerado um traidor pelos cafeicultores, que não o chamavam para tomar um cafezinho. O povo estava no sufoco por conta da situação econômica deixada por Campos Sales, seu antecessor. Para piorar a situação, Alves tomou uma série de medidas impopulares, como a remoção dos pobres para reurbanização do centro da cidade do Rio de Janeiro. Portanto, o povo não nutria grandes simpatias por ele, o que o impedia de tomar um cafezinho no boteco da esquina.

Apesar de paulista, o sonho de Rodrigues Alves era morar no Rio. Não para surfar nem para ser assaltado, e sim para ser presidente, já que o Rio era o Distrito Federal. Ele saiu de São Paulo, mas São Paulo não saiu dele. E logo deu um banho de loja na cidade, que, naquela altura, de maravilhosa só tinha a paisagem. Construiu a avenida Beira-Mar e lhe deu esse nome em homenagem a um renomado traficante local. Reformou o porto e, com medo de pegar doença, combateu as epidemias de varíola, peste bubônica e febre amarela, o que resultou no maior furdúncio, como veremos mais à frente.

Sua obra mais marcante foi a construção da avenida Central, luxuosa, sofisticada, metida a besta, que deixou o Distrito Federal com cara de Primeiro Mundo. Totalmente inspirada na capital parisiense, a avenida Central era a mostra do que o Brasil queria ser quando crescesse: a França das Américas. O carioca flanava elegantemente pelo bulevar. Vestia sua melhor roupa, borrifava um perfume no pescoço e usava seu pincenê, aqueles óculos sem armação, para apreciar a fachada do Theatro Municipal, a imponente Biblioteca Nacional e as vitrines finamente decoradas das lojas.

Abordado por um vendedor, o cidadão esnobava: “Não vou levar, está muito *barrato*”, caprichando no biquinho e no sotaque francês. Cada família tinha um terno bacana, que era revezado entre os homens para visitar a imponente avenida. As mulheres passavam a manhã no cabeleireiro e, de vestido longo e casaco de pele, até esqueciam que no *Riô de Janeirô* fazia quase 40 graus à sombra. O sujeito podia não ter onde morrer, mas, batendo perna naqueles dois quilômetros, se sentia um nobre fidalgo. Ao menos ali o Brasil dava certo.

Essa obra faraônica só foi possível graças à fortuna trazida pela exportação de café. Para dar uma cara de país civilizado àquele trecho da cidade, foi inevitável uma gentrificação. Casebres e barracos foram postos abaixo. O povo pobre, feio e desdentado não combinava com o requinte da região. Por isso, foi expulso dali, mandado para cima dos morros ou para subúrbios longínquos, na época tão precários que eram seguros, pois nem ladrão ia lá.

O problema da avenida Central é que ela continuava fazendo fronteira com o Rio de Janeiro. As ruas, quando havia, eram esburacadas, enlameadas, sem rede de esgoto ou água encanada, além de juntar uma mosquitada danada. Era uma cidade malcheirosa e foco de uma série de doenças. Rodrigues Alves contou com a ajuda do prefeito Pereira Passos, que, junto com o engenheiro Paulo de Frontin, realizou uma série de obras, como a abertura da avenida Atlântica, a construção dos armazéns do porto, um túnel ligando Copacabana ao resto da cidade, tudo sem as verbas da Copa do Mundo e da Olimpíada. Ah, o engenheiro fez questão de afirmar: o viaduto Paulo de Frontin, que desabou em 1971, não foi obra dele.

Pereira Passos deu uma geral nas praças e se esforçou para educar o carioca, impedindo, por exemplo, a circulação de vacas, cavalos e porcos pelo centro da cidade. Nem todo mundo aceitava pacificamente as novas regras. Proibido de escarrar no piso dos bondes, o povo se perguntava se cuspir no teto, tudo bem.

DE GRAÇA ATÉ INJEÇÃO NA TESTA?

Certamente essa expressão não surgiu no governo Rodrigues Alves. O sanitarista Oswaldo Cruz que o diga. A ampla campanha de vacinação contra a varíola, que distribuía injeção gratuita e nem era na testa, foi recebida com tiro, porrada e bomba. O jovem sanitarista recebeu todo o apoio do governo para erradicar epidemias no Rio, mas a população se recusou a tomar a vacina obrigatória. O resultado foi uma sangrenta revolta. Foi a chamada Revolta da Vacina. O confronto entre a vacinação proposta e a vacilação do povo resultou em mortos e feridos. Oswaldo Cruz tornou-se o alvo predileto dos cartunistas. Se fosse hoje, a web estaria lotada de memes com o sanitarista.

A vacina já tinha sido aplicada com sucesso em vários países da Europa. Como não havia internet, o brasileiro estava por fora disso e não queria saber de tomar picada de injeção. Formaram-se então as Brigadas Sanitárias, que entravam nas casas e barracos à força com o apoio da polícia e obrigavam os cidadãos a se vacinar: “Aí, mermão, se não tomar essa vacina, a gente te mata!”

A polícia invadia as casas e baixava a porrada no povo, mas naquele caso, talvez o único, era “para o seu próprio bem”. A rebelião se alastrou pela cidade e, num comício contra a vacina, o pau comeu. Como a cidade estava em obras, não faltaram pedras pra tacar nos policiais. Bondes foram

incendiados, lojas foram saqueadas, até que o pessoal começou a estranhar: “Peraí, toda essa zoeira por causa de uma injeçãozinha de nada? Quanta frescura!”

Viu-se que o motivo não era bem esse. O povo estava puto dentro das calças com a situação econômica do país: inflação, salários baixos, carestia e os altos aluguéis dos imóveis do centro da cidade, que estava se achando Paris. A milicada aproveitou a onda de insatisfação pra tentar mandar pro espaço aqueles paulistas cafeicultores que se revezavam no poder desde que os marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto deixaram a presidência para se tornarem praças e avenidas pelo país afora. Eles não queriam tomar vacina, queriam tomar o Palácio do Catete, de onde Rodrigues Alves disse que só sairia morto, promessa que só foi cumprida por outro presidente, Getúlio Vargas, cinquenta anos mais tarde. As tropas do governo passaram o rodo e mataram mais de duzentos cadetes, sufocando a rebelião. Os amotinados foram postos no porão de um navio e enviados para o Acre. Até hoje não se sabe se realmente chegaram lá, pois o comandante, além de não ter Waze, não acreditava que o Acre de fato existisse.

O GOVERNO AFONSO PENA

A República do Café com Leite foi, na verdade, a República do Pingado – muito café e uma gotinha de leite. Depois de três paulistas, finalmente um mineiro chegou à presidência. Mas o ex-vice Afonso Pena só se deu bem quando disse que apoiava os cafeicultores. E disse disfarçando o sotaque mineiro, falando em *acolhimento* do *financiamento* dos *excedeintes* da safra para *enriquecimento* dos barões do *cafezim* (ele não resistiu e derrapou no mineirês). Além do café, Afonso Pena contribuiu para a industrialização do país, construindo estradas de ferro, modernizando portos, criando parques industriais. Seu ministério era formado só por jovens e ganhou o apelido de “Jardim de Infância”. Também foi chamado de MSPB – Ministério Só Para Baixinhos. O Palácio do Catete era chamado de Castelo Rá-Tim-Bum. Tentou trocar o Hino Nacional por uma versão gravada no estilo Galinha Pintadinha, mas o Congresso não aprovou.

O processo sucessório foi conturbado. Afonso Pena indicou seu ministro da Fazenda, Davi Campista, mas seu ministro da Guerra, marechal Hermes, não gostou, tirou o pau pra fora e bateu na mesa do presidente. Rui Barbosa não aceitou a volta de um milico ao comando e também lançou sua candidatura. Desgostoso, solitário e deprimido com a confusão, somada à morte do seu filho mais velho, Pena adoeceu e morreu um ano e meio antes de completar seu mandato. Como diriam os Teletubbies, “hora de dar tchau!”.

O GOVERNO HERMES DA FONSECA

Com a morte de Afonso Pena, foi o vice Nilo Peçanha quem completou o mandato. A História viria a provar que o Brasil era viciado em vice, conforme você muito bem deve ter percebido. Nilo Peçanha apoiou a candidatura do marechal Hermes da Fonseca, que se elegeu em 1910, tendo como vice

Venceslau Brás. Sendo o marechal um gaúcho e seu vice um mineiro, puseram fim à hegemonia da Política do Café com Leite, implantando a Política do “queijo coalho no espeto corrido”.

Hermes da Fonseca entrou na política como peixinho do marechal Deodoro, de quem era sobrinho, não se sabe se por parentesco ou “afinidade”. Foi eleito com suspeitos 400 mil votos redondos e promoveu a volta dos milicos ao poder. Obteve apoio do pessoal dos quartéis, da classe média baixa e dos saudosistas dos homens fardados no poder. Enfrentou duas grandes revoltas, a da Chibata e a do Contestado, e, mesmo sagrando-se vitorioso, saiu enfraquecido.

Em 1912, era considerado um zé-mané, um zero à esquerda. Casou-se com a cartunista Nair de Teffé. Bela, animada e do bar, Nair virou a cabeça do marechal, que largou tudo pra dar conta do recado. Não queria que desse ladrão na sua casa enquanto estivesse cuidando dos destinos da nação.

A REVOLTA DA CHIBATA

A revolta teve início num navio da Marinha quando um comandante restabeleceu o castigo corporal àqueles que se recusassem a entrar no barril. A tripulação do encouraçado *Minas Gerais* foi convocada para assistir às 250 chibatadas que o comandante daria num marinheiro. Os açoites em indivíduos de má conduta, herança escravocrata, foram abolidos com a Proclamação da República, mas Rui Barbosa restabeleceu os castigos corporais. Em solidariedade ao marinheiro, a tripulação se rebelou, botou o comandante no barril, maltratou-lhe o anel de couro, depois o matou. Os rebeldes tomaram o navio e ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. O governo afinou e cedeu às reivindicações: o fim da chibata, aumento do soldo, alimentação decente e revistinhas de sacanagem a bordo, já que não conheciam o Xvideos. Quando os amotinados depuseram suas armas, foram presos, e alguns, fuzilados. O líder da rebelião, o marinheiro João Cândido, foi confinado numa masmorra e depois internado num hospício. João Cândido ficou conhecido como o Navegante Negro, graças ao clássico samba-enredo de João Bosco e Aldir Blanc.

A GUERRA DO CONTESTADO

Dois anos mais tarde, eclodiu mais uma revolta, dessa vez no Sul do país. No noroeste do Paraná, o Exército enfrentou camponeses miseráveis comandados por um maluco inspirado em Antônio Conselheiro, da Guerra de Canudos. Era o monge José Maria, que reuniu milhares de seguidores no Facebook para fundar a monarquia celeste. Fanáticos em busca de muitos likes, fizeram de uma virgem de 15 anos a chefe militar, enquanto um menino-deus de 11 anos era porta-voz do profeta louco José Maria e recebia mensagens do além. Os dois comandavam um exército de 5 mil sertanejos que queriam fundar a maior dupla sertaneja da humanidade. Os rebeldes dominaram um território de 25 mil quilômetros quadrados. Qual o sentido disso? Você entendeu? Pois é, nem você nem eu nem o general Setembrino de Carvalho, que, na dúvida, reuniu 7 mil homens bem armados, atacou

os fanáticos e promoveu uma tremenda chacina, matando homens, mulheres e crianças. Apesar de ter prometido, até hoje o monge José Maria não ressuscitou para esclarecer a situação.

CAPÍTULO 20

A PRIMEIRA GUERRA A GENTE NUNCA ESQUECE

Hubert Aranha

A MONARQUIA BRASILEIRA CAIU de Maduro, a República foi proclamada por um grupo de militares positivistas que não fizeram nada de positivo. Nos seus primeiros anos, alternou-se no poder um bando de velhos com bigodes vetustos e barbas exóticas que pertenciam à elite cafeeira paulista ou à pecuária mineira. Esse período de troca-troca promíscuo de governos incompetentes ficou conhecido como a Política do Café com Leite. Mas o pão e a manteiga (que era o que faltava na mesa dos brasileiros) não rolaram de jeito nenhum, o que causou uma série de revoltas populares sangrentas. Entre elas, a Revolta da Chibata, que queria terminar com o sadomasoquismo reinante na Marinha. Sem falar na Guerra de Canudos, que combateu o tráfico de diplomas exercido pelo beato fanático Antônio Conselheiro nos Sertões, de Euclides da Cunha. No Sul, tivemos a Guerra do Contestado, até hoje contestada por muitos historiadores. Sem falar na Revolta da Vacina, quando a população carioca se rebelou contra a vacinação obrigatória imposta por Oswaldo Cruz para acabar com a febre amarela e que foi rejeitada em massa pelo povo homofóbico, que morria de medo de tomar na bunda. Tomar a vacina, é claro.



Apesar de D. Pedro II estar no exílio em Paris, coitado, “imperavam” a corrupção desenfreada, as fraudes eleitorais e a pouca vergonha deslavada no trato da coisa pública, quer dizer, pública. Até aí tudo bem. Afinal, estávamos no Brasil. O pior é que ainda estamos até hoje. Mas o que já é uma bosta sempre pode piorar, e nisso, nós, o bravo povo brasileiro, sempre fomos campeões. Apesar de termos participado de vários mundiais de futebol desde o início das Copas do Mundo, em matéria de guerras mundiais só entramos nos 45 do segundo tempo. Foi assim em 1917 (e na Segunda Guerra Mundial também): quando esse conflito já rolava desde 1914, nossos bravos governantes resolveram se posicionar.

Segundo a desculpa oficial, só em 1917 (três anos após o conflito ser deflagrado) o novo presidente Venceslau Brás resolveu assinar o Decreto-Lei 3661, levando o país a ingressar na Primeira Guerra Mundial. Por coincidência, no mesmo dia, Vladimir Ilitch Ulianov, o Lenine, era “eleito” presidente dos soviéticos depois da vitória da Revolução Russa, que, ao contrário do capitalismo cruel e sanguinário, nos legou o comunismo, que nos deu grandes conquistas sociais como o..., o..., o... e o... Ah, sei lá, esquece...

O país só decidiu entrar na Guerra depois que três navios da Marinha Marcante brasileira foram atingidos pela Marinha germânica. O primeiro foi o *Paraná*, que foi torpedeado pelos alemães, que

odiavam o sotaque daquela terra, um mix de paulistês, catarinês e gauchês estranho que irritava os delicados ouvidos prussianos, acostumados a Mozart, Beethoven e Wagner Moura. O segundo alvo foi o navio *Tijuca*, que sempre provocou o ódio da Zona Sul da Alemanha. O terceiro a ser afundado foi o *Macau*, que foi posto a pique em terras espanholas, apesar de Macau ficar na China. Quando dinamitaram o *Tijuca*, o ministro do Exterior Lauro Müller, descendente de alemães e tido injustamente como germanófilo, se demitiu do cargo.

Aproveitando o momento histórico, Venceslau Brás, Nilo Peçanha e Rui Barbosa resolveram entrar na guerra de cabeça. Cabeça, aliás, era o que não faltava a Rui Babosa, que, por ser baiano e possuir um gigantesco diâmetro cerebral, era tido por todos na época como um grande intelectual, mesmo tendo sido responsável pela política econômica do Encilhamento, que provocou uma grande inflação e deixou todo mundo na miséria. E não foi só isso: Rui Barbosa também deu um “delete” em todos os documentos da Escravidão no Brasil para “apagar essa triste chaga” de nosso passado escravagista. Por essas e por outras, Rui Barbosa foi apelidado de “O Mala de Haia”, devido à sua participação pernóstica num congresso mundial na Holanda que legou à humanidade praticamente nada, quer dizer, coisa nenhuma.

Ao contrário do Império, em que grandes nomes se tornaram nomes de ruas no Leblon e na Zona Sul do Rio de Janeiro, Nilo Peçanha, Marechal Floriano e Campos Sales foram relegados ao centro da cidade e à Zona Norte. E Marechal Hermes e Deodoro, coitados, ficaram mais longe ainda.

Mas a pergunta que não quer calar é: o que estava acontecendo no Brasil enquanto rolava na Europa uma guerra sangrenta que, além de ter provocado milhões de mortes, foi palco de novas experiências belicistas, como o submarino, o avião e o gás mostarda, muito mais eficaz que o gás ketchup? Pois é: a nossa participação na Primeira Guerra suscita muitas polêmicas. Muitos historiadores acreditam que foi ridícula. Outros, ao contrário, acham que foi patética. Já a grande maioria concorda num ponto: foi o maior mico.

Só no fim de 1917, o Brasil enviou reforços aos Aliados: uma divisão naval, uma missão médica e meia dúzia de aviadores. As unidades médicas foram para a França, os aviadores praticamente não saíram do chão. E a divisão naval, encarregada de patrulhar o oceano Atlântico na costa do Senegal, ancorou em Dacar, onde metade da tripulação morreu de gripe espanhola contraída depois que nossos marujos praticaram incessantemente a famosa posição sexual espanhola com as prostitutas locais. Enviada para Gibraltar, a nossa esquadra abriu fogo contra um cardume de botos, que a marujada brazuca julgava serem submarinos alemães! Felizmente, a Primeira Guerra terminou logo em seguida à entrada do Brasil no conflito, com certeza para que nossos guerreiros tupiniquins não cometessem mais nenhuma burrice.

Depois do governo desastroso de Hermes da Fonseca, que era marechal e tido como uma besta quadrada por seus opositores, a Política do Café com Leite voltou com força total e foi eleito o mineiro Venceslau Brás, que passou a maior parte dos seus quatro anos de governo em sua fazenda em Itajubá, Minas Gerais. O escritor satírico Emílio de Meneses ironizou: “É a primeira vez que vejo um funcionário promovido por abandono de emprego.”

Ainda assim, as oligarquias de São Paulo e Minas comemoraram a candidatura de Venceslau Brás, batizada de “retorno mineiro”. Na verdade, a eleição de Venceslau Brás marcou o início do declínio do senador Pinheiro Machado, o político mais influente da época. Era chefe das comi\$\$\$ões

apuradoras do Senado e decidia sozinho quem iria tomar posse, mesmo que não tivesse votos. A mídia golpista da época dizia que Pinheiro Machado era o “homem que governava o governo”. Gaúcho, Pinheiro Machado se formou em Direito em São Paulo e foi veterano da Guerra do Paraguai e da Revolução Federalista de 1893. Por conta de suas vitórias, Floriano Peixoto o nomeou general. Segundo muitos historiadores, o insaciável Pinheiro Machado “fez” todos os presidentes (Rodrigues Alves, Afonso Pena e Hermes da Fonseca), que se submeteram a seus caprichos sexuais e ao seu guloso apetite pelo poder. Poder com PH, que era como se escrevia naquele tempo. Essa foi a época áurea dos trocadilhos, como, por exemplo, aquele que se referia ao presidente seguinte da República Velha, Epitácio Pessoa: “P” em “prompto” não soa, tampouco em “Assumpção”; há porém uma “exceção”: em Epitácio, “P” soa.

Em 1902, Pinheiro Machado tornou-se vice-presidente do Senado, de onde só saiu quando foi assassinado com uma facada nas costas desferida por Francisco Manso de Paiva, um padeiro gaúcho que, assim como os seus conterrâneos, devia queimar a rosca. Pinheiro Machado era uma figuraça: imponente, esguio, sempre com um alfinete de pérola na gravata de fina seda e uma bengala com cabo de marfim. Poderoso e adulado, o senador gaúcho viu na política uma excelente oportunidade de ficar rico e milionário, uma prática até hoje adotada com sucesso por nossos presidentes, senadores, deputados e vereadores. Odiado pela população pelo ar de corrupção que pairava sobre sua pessoa, o povão logo lhe colocou um apelido jocoso: Dinheiro Machado. Por conta desse caudilho de retórica agressiva e frases floreadas, o Rio Grande do Sul entrou no mapa político brasileiro, desbancando a Bahia e Pernambuco. A presença marcante dessas estranhas criaturas da fronteira no comando do governo traria consequências que até hoje doem na anatomia da História do Brasil e em outras partes sensíveis de nossa Geopolítica. Só não me perguntem onde.

Em 1919, uma enorme delegação brasileira desembarcou em Paris, com todas as despesas pagas pelo Tesouro Nacional. Após a rendição dos alemães, as 32 nações envolvidas no conflito se reuniram para a Conferência de Paz. Lá, no Salão dos Espelhos, foi assinado o Tratado de Versalhes. O Brasil, apesar de sua participação patética na Primeira Guerra, acabou se dando bem com o tratado. A começar pelos dez delegados oficiais que o Brasil enviou a Paris, que encheram o navio de parentes, assessores, convidados, acompanhantes, escorts, apaniguados, cachorros, papagaios e outros animais de estimação, que tiveram, pela primeira vez na vida, a oportunidade de conhecer as maravilhas da Cidade Luz. Essa boca-livre monumental era chefiada por uma pessoa: Epitácio Pessoa, que, mais tarde, se tornaria presidente da República.

Dos 440 artigos do Tratado de Versalhes, dois diziam respeito ao Brasil. No primeiro deles, a Alemanha era obrigada a pagar 125 milhões de marcos pelo 1,85 milhão de sacas de café que tinha destruído ao atacar navios brasileiros e a devolver o café estocado em Berlim desde o começo da guerra. No outro artigo, foi concedido ao nosso país o direito de pagar a preços antigos, bem mais camaradas, os setenta navios alemães que havia confiscado em seus portos.

Quando chegou ao Brasil com seu “navio da alegria”, Epitácio Pessoa, que havia deixado o país como senador, descobriu que agora era o novo presidente do país. Em 1918, o candidato das elites tinha sido o velho conselheiro do Império Rodrigues Alves, concorrendo sozinho, mas não assumiu porque foi acometido pela terrível gripe espanhola. Em seguida, assumiu o vice Delfim Moreira, só que a Constituição dizia que, em caso de morte, teriam que realizar novas eleições. Rui Barbosa,

sempre cabeçudo, se candidatou mais uma vez para perder, e Delfim Moreira largou tudo para virar avenida na orla do Leblon.

As oligarquias se uniram em torno de uma só pessoa: Epiácio Pessoa, que estava com a bola cheia por conta de seu desempenho diplomático em Versalhes, e ganhou fácil aquela “eleição” fraudulenta e Freudlenta também, já que Epiácio Pessoa era um megalomaniaco egocêntrico e autocentrado que só pensava na sua própria Pessoa.

Apesar disso, o paraibano Epiácio Pessoa foi o primeiro nordestino a ser presidente do Brasil, apesar de o Lula ter dito que foi ele o primeiro “paraíba” a exercer esse cargo no país. Como era uma pessoa esperta, Epiácio nomeou de cara vários ministros paulistas, mineiros e gaúchos, mas acabou criando o maior caso nomeando ministros civis para pastas militares. Civis comandando militares era algo inédito no Brasil, o que causou grande alvoroço nos quartéis, e Pessoa acabou sendo tachado de civilista. Também ao contrário de Luísque Inácio Lula da Silva, que prometeu fazer a transposição das águas do São Francisco, projeto que nunca saiu do papel, Epiácio Pessoa, para combater a seca no Nordeste, fez mais de duzentos açudes na região. Injuriados com aquele protecionismo, os paulistas exigiram uma contrapartida: uma quantia similar para “valorizar” o café.

Ao final do governo Epiácio Pessoa, dois candidatos, o governador de São Paulo, Washington Luís, e o de Minas, Arthur Bernardes, fizeram um pacto para manter a Política do café amargo com o leite talhado. E, como era o primeiro em ordem alfabética, assumiu Arthur Bernardes, que governou o país debaixo de estado de sítio e sufocou várias revoltas militares, como a dos tenentes cariocas, que protagonizaram o que ficou conhecido como os 18 centímetros do Forte, em que os jovens oficiais queriam exibir a potência dos seus ideais.

Bernardes conseguiu impor o seu sucessor. E, assim, o presidente e rodovia Washington Luís foi declarado candidato único à presidência e ganhou, com 98% dos votos, uma das eleições mais roubadas da História, que deixaria com inveja Fidel Castro e Hugo Chávez. Para reafirmar a Política do Cappuccino, Washington Luís montou um ministério de paulistas e mineiros, mas, com o objetivo de premiar a lealdade do Rio Grande do Sul, escolheu o deputado gaúcho Getúlio Vargas para o Ministério da Fazenda, mesmo que Vargas não entendesse nada de economia, só da sua própria fazenda, uma bela estância em São Borja, onde criava gado e eleitores de corte.

CAPÍTULO 21

TENENTE LINDÃO, BONITO E GOSTOSÃO!

Claudio Manoel

EM DIVERSOS MOMENTOS da nossa História, cansados da rotina de não ter mais nada que fazer a não ser mandar soldado cair árvores e aparar a grama do quartel, os militares brasileiros (*y los compañeros latinoamericanos también, por supuesto*) resolveram protagonizar crises, rebeliões, golpes (ou tentativas) e até mesmo pretensiosas “revoluções”.

Um desses momentos/movimentos mais marcantes foi o que passou a ser conhecido como Tenentismo, uma série de revoltas, na década de 1920, promovidas por oficiais do Exército de baixa patente (baixa comparada com marechais, generais e outros tais, afinal nunca se deu muita atenção a nenhum movimento sargentista ou soldadista) que reivindicavam, principalmente, reformas políticas (pra você ver como esse negócio é antigo). O Brasil estava dominado pelas oligarquias mineira e paulista, a chamada República do Café com Leite.

Tentando mudar esse cardápio e colocar pelo menos um croissant, uns ovos mexidos ou um suco de laranja nesse café da manhã metafórico, jovens oficiais deflagraram diversos levantes, motins ou similares, e os mais famosos foram:

OS 18 DO FORTE

Apesar dessa famosa efeméride ser hoje confundida com algo relacionado à totalidade da torcida do Botafogo, essa primeira revolta, por ter forte participação de tenentes (do Exército e da Marinha), além de dar nome ao Movimento Tenentista, sacudiu o coreto da política nacional. Lutando contra a posse do presidente eleito Arthur Bernardes (por causa de umas cartas zoando e esculachando os militares atribuídas a ele, mas cuja autoria sempre negou, e por ter vencido Nilo Peçanha, candidato

apoiado pelo Rio de Janeiro, por meio de fraudes, segundo os revoltosos), exigia o fim do voto de cabresto, a reforma na educação pública e o voto secreto, além de demonstrar todo o inconformismo com a demissão do marechal Hermes da Fonseca da presidência do Clube Militar, o que podia deixar todos eles sem direito de frequentar a piscina.



No dia 5 de julho de 1922 (ano em que se comemorava o centenário da Independência), estava combinado que todas as guarnições e unidades militares do Rio de Janeiro, a capital brasileira da época, iriam tocar o terror, passar o rodo geral, tomar a porra do poder... Só que não rolou.

Todo mundo roeu a corda. Apenas o pessoal do Forte de Copacabana (uns trezentos homens) se rebelou. Eles saíram na frente... e ninguém foi atrás.

Após receberem pesados bombardeios, os revoltosos resolveram marchar em protesto até o Posto 3 de Copacabana. Antes de a marcha começar, chegou a proposta de perdão para todos que desistissem da quartelada.

Apenas 29 teimosos combatentes persistiram e seguiram adiante. Logo foram cercados. Houve tiroteio (naquela época isso ainda não era moda na Zona Sul do Rio), durante o qual onze revoltosos escaparam. Dos dezoito restantes, que deram nome à revolta, só dois heróis sobreviveram. E ficaram

famosos: o tenente Eduardo Gomes, que virou brigadeiro e candidato “bonito e solteiro” a presidente, e Siqueira Campos, que virou nome de rua em Copacabana.

A REVOLUÇÃO ESQUECIDA

A Revolução Esquecida, também (pouco) conhecida como Revolução de 1924, é tão pouco lembrada que quase todos a esqueceram.

Dita essa obviedade e antes que me esqueça, não se pode deixar de lembrar que, em 5 de julho de 1924 (para relembrar o segundo aniversário dos 18 do Forte), foi deflagrada na capital paulista, também por tenentes de várias divisões do Exército e da Força Pública Paulista (equivalente à atual Polícia Militar), a segunda rebelião tenentista.

A revolta conseguiu apoio de várias divisões do interior e se espalhou pelo estado, tomando várias cidades com pouca resistência, mas, após o bombardeio de São Paulo por aviões, o comando da revolta migrou para Bauru, onde nem tiveram tempo de provar o famoso sanduíche local. Logo depois, na Batalha de Três Lagoas (que pertencia ao estado de São Paulo e, atualmente, faz parte do Mato Grosso do Sul), um terço dos revoltosos foi morto e quase todo o restante capturado e preso. Os que sobreviveram fugiram com o rabo entre as pernas para o Rio Grande do Sul, onde foram incorporados pelo também tenente (pelo visto, naquela época todo mundo era) Luís Carlos Prestes, passando a integrar sua famosa coluna.

Ou seja, uma revolta que começou comemorando os 18 do Forte e acabou absorvida pela Coluna Prestes foi totalmente eclipsada pelas duas rebeliões coirmãs mais famosas e, qual um ex-BBB, despontou celeremente para o merecido esquecimento.

A COMUNA DE MANAUS

Em 23 de julho de 1924, pouco tempo (menos de 20 dias) depois da Revolução Esquecida (aquela rebelião de São Paulo sobre a qual você acabou de ler agorinha mesmo, se não pulou essa parte e já se esqueceu), a terceira das revoltas tenentistas foi deflagrada pelos militares da Guarnição Permanente da capital amazonense.

O motivo da revolta foi o mimimi de sempre contra as oligarquias também de sempre. Além disso, havia a insatisfação geral por conta da Crise da Borracha, causada pela queda dos preços provocada pela Primeira Guerra Mundial. Quando o governo, pra compensar, resolveu aumentar os juros e impostos, os jovens militares se rebelaram.

A revolta logo se espalhou. Os rebeldes tomaram as estações de telégrafo e telefone, se apoderaram dos transportes fluviais, proclamaram a Comuna de Manaus e decidiram avançar para o Maranhão, com apoio da população local, que vibrou com o confisco das propriedades de grandes empresas inglesas e dos fundos bancários dos poderosos, aplaudindo também a cobrança de impostos altíssimos sobre as grandes fortunas.

Pra dar um fim nessa baderna e restaurar a normalidade, tropas federais foram enviadas a Manaus, forçando as guarnições a desligarem o som, acabar com a festa e se renderem.

No entanto, os comunas foram condenados a penas leves de prisão por causa da popularidade e da fama conseguidas pelos jovens revoltosos com o seu breve governo rebelde.

A COLUNA PRESTES

Comuna de verdade, essa Coluna foi comandada pelo legendário Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, o mais famoso líder comunista brasileiro. Isso ainda na época do comunismo amador, que dava os primeiros passos na implementação de suas utopias igualitárias, totalitárias e genocidas (não necessariamente nessa ordem).

A longa marcha durou de 1925 a 1927 e percorreu 25 mil quilômetros. Como foi realizada, basicamente, a cavalo, deve ter feito muito mal à coluna de todos, mas, como Prestes era o comandante e o mais famoso, acabou homenageando a sua própria.

Então, depois de muitas andanças e dores lombares, a Coluna Prestes se dispersou na fronteira com a Bolívia, não conseguindo nenhum grande êxito, nem mesmo ganhar ponto em programa de milhagem. Mas ficou famosa, passou para a História e, justamente por isso, persiste nos livros.

Mesmo sem ganhar nada, os ecos do Tenentismo (ismo-ismo-ismooo...) puderam ser ouvidos na Revolução de 1930, quando Getúlio Vargas, depois de amarrar o cavalo no obelisco e botar o seu espeto de churrasco na Política do Café com Leite, anistiou os tenentistas que ainda estavam presos. Isso sem falar que três membros do movimento alcançaram o mais alto posto da República, embora na polêmica categoria dos ditadores (Castelo Branco, Garrastazu Médici e Ernesto Geisel), durante o regime militar iniciado em 1964.

Mas isso foi bem depois. Para realizar o sonho da ditadura própria, os tenentes tiveram que esperar um pouco mais... Tiveram que esperar virar generais.

CAPÍTULO 22

O GOLPE DA REVOLUÇÃO DE



Beto Silva

DESDE O INÍCIO da República, instalou-se no Brasil a Política do Café com Leite. São Paulo entrava com o café, Minas com o leite e o resto do país ficava com a conta. Pela combinação, os presidentes seriam ora um paulista, ora um mineiro, revezando numa boa. Mas, no final dos anos 1920, assim que as eleições foram se aproximando, o presidente Washington Luís, que era do time dos paulistas, começou com uma conversa esquisita, espalhando que tinha problemas com lactose, que quando bebia leite ficava com dor de barriga, cheio de gases, arrotando e peidando direto, e que, portanto, o próximo presidente teria que ser de novo da galera do café, ou seja, paulista.

Para piorar a situação, no final de 1929 aconteceu o crack da bolsa e o mundo sofreu uma crise sem precedentes. (Já perceberam que uma das principais características das crises é que elas sempre são sem precedentes?) A Crise de 1929 atingiu o mundo todo e seu principal efeito foi virar desculpa para tudo. O sujeito corneava a mulher e mandava: “Foi mal, sabe como é, a crise de 29...” O marido broxava e dizia: “Desculpa, amor, foi por causa da crise de 29!” O sujeito roubava e alegava: “Não tive saída, sabe como é, depois da crise de 29...” Washington Luís também resolveu entrar nessa onda e declarou que, por causa da Crise de 1929, o candidato oficial à presidência não seria mineiro como era o combinado, mas o paulista Júlio Prestes.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, o candidato mineiro que naturalmente deveria ter sido o próximo presidente, ficou muito puto e saiu esperneando, gritando que era uma sacanagem fazer isso justo na vez dele. Mas suas reclamações de nada adiantaram. Os cafeicultores paulistas apoiaram Júlio Prestes, que foi mesmo o candidato oficial. Para se contrapor ao governo, os mineiros decidiram então articular uma candidatura de oposição. Juntaram-se com os gaúchos e os paraibanos, que também não estavam gostando do que estava acontecendo, e lançaram a Aliança Liberal, apresentando o gaúcho Getúlio Vargas como candidato a presidente e o paraibano João Pessoa para vice.

A Aliança Liberal começou a campanha procurando ganhar o povo para a sua candidatura. Em

vez de divulgar suas propostas em salões fechados, como era praxe na época, os opositores optaram por lançar o seu programa de governo num palanque, com Getúlio Vargas fazendo um discurso para a multidão no Rio de Janeiro. Algumas alas mais liberais da Aliança queriam que se fizesse um showmício bem animado, com shows de Luan Santana, Simone & Simaria e Wesley Safadão, mas os gaúchos da Aliança Liberal, não tão liberais assim, não queriam show nenhum. Acabaram topando com a condição de que os shows incluíssem números de música tradicionalista gaúcha. Diante disso, os organizadores, com medo de assustar o público, optaram por apenas um discurso de Getúlio mesmo, que foi um sucesso. Casa cheia!

Naquele tempo as eleições não eram tão modernas quanto hoje em dia. Não havia urnas eletrônicas nem caixa 2 nem um monte de partidos nanicos se vendendo, mas mesmo assim o candidato da situação se deu bem e Júlio Prestes foi eleito o novo presidente do Brasil.

O ASSASSINATO DE JOÃO PESSOA

Antes mesmo de serem divulgados os resultados das eleições, um evento complicou ainda mais a situação. O candidato a vice da Aliança Liberal, o paraibano João Pessoa, acordou um dia e pensou: “Pô, eu sou candidato a vice-presidente e não tirei onda com isso!” João Pessoa resolveu que tinha que ir correndo aproveitar seu instante de fama na Confeitaria Glória, no Recife, que era o point onde a rapaziada maneira da elite nordestina se encontrava. Quando lá chegou, saudou a todos:

– Alô, galera, olha quem chegou. Alguém aí mais é candidato a vice?

Um dos presentes logo o contestou:

– Deixa de ser marrento, ô Pessoa, que vice não tem nenhuma importância!

– Claro que tem! Aqui no Brasil o vice é que é o mais importante da chapa. Aqui o vice sempre assume. Ele é que é o cara!

– Mas tu vai perder!

– Isso nós vamos ver.

João Pessoa ainda desfilou todo prosa pelo salão, exercitando a sua marra, até que acabou por se sentar a uma mesa. Logo foi cercado por vários dos clientes da confeitaria. Infelizmente, o bolo de gente que se formou em volta de João Pessoa não era composto por fãs querendo tirar selfies com uma celebridade, mas por pessoas que tentavam acudir o candidato a vice, caído no chão, depois de ter sido alvejado por três tiros. O autor dos disparos foi João Dantas, um advogado que havia fugido da Paraíba depois de uma pendenga política com João Pessoa. No exato instante em que João Pessoa se sentou à mesa, João Dantas adentrou a confeitaria esbaforido, aproximou-se dele e gritou:

– Eu sou João Dantas, a quem você sacaneou. Eu odeio você, João Pessoa!

João Dantas então sacou uma arma e encheu João Pessoa de chumbo. Depois, virou-se para os clientes da confeitaria e mandou:

– Esse vice não assume mais!

O crime provocou uma comoção nacional. A GloboNews da época só falava disso, o Gerson Camarotti e a Andréia Sadi ficaram 24 horas por dia repercutindo o assassinato de João Pessoa. Na Paraíba, depois de muita confusão e quebra-quebra, o Legislativo decidiu homenagear o seu

conterrâneo assassinado e mudou o nome da capital do estado para João Pessoa. A bandeira do estado também mudou: nela foi incluída a palavra “Nego!”, que não era uma menção à cor de ninguém, como chegaram a denunciar alguns militantes. “Nego!” não tinha nada a ver com nego, neguinho ou negão, nenhuma relação com qualquer afrodescendência. O “Nego!” da bandeira paraibana vinha do verbo negar, resposta de João Pessoa quando lhe foi pedido para apoiar Júlio Prestes.

O OUTRO PRESTES

João Pessoa virou o mártir que faltava para que fosse dado um golpe. No mesmo dia do crime, o deputado gaúcho Lindolfo Collor subiu na tribuna do Congresso e declarou:

– Minha gente, não me deixem só!

Não, desculpa, não foi isso que o Lindolfo declarou. Isso quem falou foi o seu neto Fernando Collor, mais de sessenta anos depois. O que o Collor daquele tempo disse foi:

– Caim, que fizeste ao seu irmão? Presidente da República, que fizeste ao presidente da Paraíba?

A ideia de golpe já vinha sendo discutida, principalmente pela gauchada, que estava louca para mudar a bebida oficial do país, trocar a República do Café com Leite pela República do Chimarrão. Mas Getúlio Vargas e Borges de Medeiros, que mandavam no Rio Grande do Sul, ainda não haviam se decidido, diziam ser legalistas. No entanto, pelo sim, pelo não, deram o sinal verde para Osvaldo Aranha ir preparando o golpe enquanto eles pensavam no que fazer.

Osvaldo Aranha comprou umas armas e começou a treinar tiro usando um retrato do presidente Washington Luís como alvo. Já vinha também, havia algum tempo, mantendo contato com os tenentes revoltosos de 1922 e 1924 que estavam exilados, tentando convencê-los a derrubar os paulistas do poder. Mas a negociação com os tenentes esbarrou em seu líder, Luís Carlos Prestes, que declarou que não participaria de um golpe burguês. Prestes tinha se convertido pouco antes ao marxismo-leninismo e estava bem satisfeito com essa sua nova ideologia, que fazia o maior sucesso com as garotas. Declarou-se comunista de carteirinha e tirou o corpo fora. Aliás, foi justamente com o dinheiro que Osvaldo Aranha lhe adiantou para ajudar no golpe que Prestes comprou sua carteirinha de comunista na União Soviética.

A ideia de um golpe que destituísse o eleito Júlio Prestes do cargo ia crescendo pelo país. O novo presidente de Minas Gerais, Olegário Maciel, era a favor. Na Paraíba, ainda convulsionada com a morte de João Pessoa, o tenente Juarez Távora disse que discordava de Luís Carlos Prestes, que não precisava ser marxista para fazer sucesso com as garotas e, por isso, apoiava o golpe. Ao mesmo tempo, na vizinha Argentina, que estava na merda depois da Crise de 1929, estourava um golpe, e os brasileiros ficaram com inveja: “Pô, a Argentina tem golpe e a gente não? Fala sério!” Com tudo isso pipocando pelo país, finalmente Borges de Medeiros resolveu descer do muro e decidiu que valia a pena tomar o poder. Ele chamou Getúlio Vargas e mandou:

– Vamos fazer a Revolução de 30!

– Revolução, Borges? – Getúlio estranhou. – Mas revolução não é coisa de comunista? A gente vai virar comunista?

– Claro que não! Tá maluco? Chamar de revolução é só um golpe publicitário.

– Ah, então é um golpe?

– Chama como você quiser!

E assim foi. A revolução, ou golpe, foi marcada para o dia 3 de outubro.

A REVOLUÇÃO (OU O GOLPE)

Às 17h30 do dia 3 de outubro em Porto Alegre, foi dada a partida para o golpe. Era nesse horário que o expediente se encerrava nos quartéis e os rebeldes espertamente pegaram os soldados distraídos, preparando-se para ir para casa.

Um dos soldados, já sem a farda, tomava o seu chimarrão antes de ir embora quando viu o quartel sendo invadido. Perguntou ao soldado que estava ao seu lado:

– Caramba, estão tomando o quartel! O que a gente faz?

– Você, eu não sei. Eu vou acabar de tomar o meu chimarrão e depois vou embora – respondeu o outro soldado.

– Será? Não é melhor a gente voltar e defender o quartel? E se depois o coronel colocar a culpa na gente?

– A culpa nunca vai ser da gente, tchê! Hoje em dia é tudo culpa da crise de 29!

– É verdade! Culpa da crise de 29! Voltemos ao chimarrão!

Houve pouca resistência armada, mas mesmo assim vinte mortos foram contabilizados. Naquela mesma noite, Osvaldo Aranha e o chefe militar do golpe, o tenente-coronel Góis Monteiro, comemoraram a vitória.

Em Minas, onde houve mais resistência, os combates duraram cinco dias. No quarto dia de luta, os víveres das tropas legalistas haviam praticamente zerado, não havia mais tutu nem feijão tropeiro nem goiabada para a tropa. No quinto dia de batalha, quando a cozinheira avisou que o pão de queijo também tinha acabado, o bicho pegou e os soldados mineiros que defendiam o governo se recusaram a prosseguir sem o seu panzim de queijo e se entregaram.

Na Paraíba, o movimento atrasou um dia para começar, o que possibilitou que as forças do governo se articulassem. Mas, depois de uma árdua luta, Juarez Távora, comandante das tropas rebeldes, conseguiu tomar a Paraíba e, em seguida, o Recife. Todos os estados do Nordeste aderiram ao golpe, menos a Bahia, porque os baianos pediram mais um tempo para tomar a decisão.

– Que pressa é essa, meu rei? Nós temos que esperar o general voltar para decidir.

– E aonde foi o general? – perguntou Juarez Távora.

– Ele foi comer um vatapá na casa de mainha lá em Itaparica.



Será que é
uma boa ideia
amarrar os cavalos
nesse símbolo fálico?
Não sei não, tchê...

R.

– Mas ele não pode voltar pra decidir isso logo?

– Claro que não! Você já provou o vatapá de mainha?

No Sul, as tropas gaúchas partiram de Porto Alegre de trem e a cavalo em direção a Florianópolis, cidade que não conseguiram tomar. Deram meia-volta e foram para Joinville, e lá se deram bem. Os gaúchos então partiram ávidos em direção a Ponta Grossa, onde instalaram seu quartel-general. Durante muito tempo, historiadores machistas e maldosos insinuaram que os revoltosos gaúchos ficaram muito tempo no seu quartel-general por apego a Ponta Grossa. É verdade que eles curtiam muito Ponta Grossa, gostavam mesmo de Ponta Grossa, e gostam até hoje, mas sempre se defenderam com a tese de que sua longa estadia ali não se devia aos encantos de Ponta Grossa, mas aos preparativos para a grande batalha que seria travada na cidade de Itararé. Realmente havia muita expectativa pela Batalha de Itararé, onde forças legalistas contavam com um efetivo bem grande. A Batalha de Itararé foi anunciada em todos os lugares, com chamadas na televisão, spots no rádio, cartazes nos bondes, mas, antes que ela ocorresse, Washington Luís foi deposto no Rio de Janeiro, e as tropas legalistas de Itararé se dispersaram. A Batalha de Itararé entrou para a História como a batalha que não aconteceu, o que causou um enorme prejuízo para os organizadores do evento, que se recusaram a devolver o dinheiro dos ingressos, provocando uma briga judicial que corre até os dias de hoje.

GETÚLIO VARGAS NO RIO DE JANEIRO

Na noite de 24 de outubro, o almirante Isaias Noronha e os generais Tasso Fragoso e Mena Barreto depuseram e prenderam Washington Luís. Os três assumiram o poder numa Junta Governativa. Lá no Rio Grande do Sul, Getúlio comemorou, mas ficou cabreiro porque seus assessores já estavam cochichando em seu ouvido que a junta queria ficar com o poder para si. Getúlio mandou logo avisar: “Aí, galera, podem tirar o cavalinho da chuva que quem manda sou eu!” E partiu de trem para o Rio de Janeiro.

A chegada de Getúlio Vargas ao Rio de Janeiro foi apoteótica. O povo lotou as ruas. Ele chegou envergando um uniforme militar, chapéu de abas largas e um lenço vermelho no pescoço. Historiadores gremistas garantem que isso não é verdadeiro. Eles dizem que as fotos da época eram todas em preto e branco e que o lenço não era vermelho, mas azul.

Os cavalarianos que acompanhavam Getúlio chocaram os cariocas quando amarraram os seus cavalos no Obelisco da avenida Rio Branco. Muitos deles, talvez com saudades da estadia em Ponta Grossa, permaneceram por ali mesmo contemplando embasbacados o monumento.

Getúlio tomou posse e fez várias mudanças, mexeu no sistema eleitoral, no sistema tributário e na Justiça. Mas a principal reforma que fez foi no palácio onde iria morar. Contratou um arquiteto caríssimo e mudou tudo por lá. Refez os banheiros, redecorou o salão principal e gastou os tubos modificando o seu quarto, preparando-o para uma longa estadia à frente do governo.

CAPÍTULO 23

O VELHO ESTADO NOVO

Marcelo Madureira

SE DEUS É mesmo brasileiro, só pode estar de sacanagem. Por outro lado, torna mais plausível essa extravagante hipótese. O Divino Criador do Universo e de todas as coisas (dos bichinhos e plantinhas inclusive) deve ter escolhido o Brasil como seu personal laboratório de experiências genéticas fracassadas.

Foi o caso do Estado Novo e seu bizarro elenco de personagens.

Vamos começar do princípio: nem tudo que é novo é bom, nem tudo que é bom é novo. O Estado Novo não foi nem um nem outro. Na verdade, o presidente Entulho Vargas, o Gegê, resolveu importar um pouco do autoritarismo de direita que andava na moda na Europa. Brasileiro adora importados. Alguns historiadores defendem que foi mais uma tentativa de dar um jeito no país, unificando-o, como sempre, pelo método confuso.

Naquela época tinha o nazismo na Alemanha, tinha o fascismo na Itália, o franquismo na Espanha, o salazarismo em Portugal, o general Pilsudski na Polônia e o integralista Plínio Salgado no Brasil. Anauê!

Ao autoritarismo de direita se contrapunha a União Soviética stalinista, o autoritarismo de esquerda. O mundo estava mesmo uma bosta. E pior: de lá para cá não mudou nada.

Getúlio “Vergas”, o Gegê, achava que uma ditadura cairia bem para consolidar as mudanças estruturais na vida brasileira trazidas na Revolução de 1930.

Quais mudanças estruturais são essas? Ora, vá procurar num bom livro de História, seu animal imbecil e indolente!

Sugiro *A Revolução de 1930*, do Boris Fausto.

Na verdade, desde o movimento vitorioso da Revolução de 1930, o Brasil passou por uma série de turbulências políticas. Em 1932, rebentou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, uma guerra civil dos paulistas contra o resto do Brasil. Depois veio a Intentona Comunista de 1935, um dos

maiores fiascos da esquerda mundial de todos os tempos, e a tentativa de golpe dos integralistas em 1938, outro mico histórico.

Vamos aos causos.



Vitorioso o movimento de 1930, Vargas aboletou-se no poder prometendo convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, retornando então o país à “normalidade democrática”. Mas Getúlio, como sempre, foi enrolando, enrolando, até acabar com a paciência dos paulistas, que se achavam explorados naquela situação de semiditadura. Como se existisse semiditadura...

Naquele tempo, São Paulo já levava o Brasil nas costas (e ainda nem havia a Parada Gay) e por isso mesmo queria uma ordem constitucional em que os estados da federação fossem mais independentes. Não queria mais ninguém vivendo na sua aba... Aliás, como é até hoje. Os paulistas também preferiam uma democracia liberal, com “menos” interferência do Estado.

Getúlio pensava justamente o contrário. Na sua cabeça, caudilha e tordilha, ficava melhor uma democracia social, uma coisa mais populista e demagógica, mais chegada nos modelos autoritários da moda fashion da Europa.

Em julho de 1932, Getúlio dissolveu a Assembleia Constituinte, que já fora convocada, mas que até então nada tinha feito. Em 9 de julho de 1932, a paulistada resolveu entornar o caldo declarando guerra ao governo central, numa tentativa de derrubar Getúlio Vargas. Era um golpe.

Os paulistas contavam com o apoio dos mineiros e dos gaúchos. Ficaram contando. Gegê não teve dúvida: mandou o Exército meter bala de fuzil e de canhão, e até aviões bombardearam a capital paulista. Os paulistas até que resistiram, mas não teve jeito, acabaram pedindo arrego.

São Paulo queria se separar do Brasil, virar uma unidade autônoma da federação. Imaginem o que aconteceria com o resto do Brasil. Mas infelizmente os paulistas perderam, apesar da brava e heroica resistência do seu povo, que mostrou unidade, espírito de luta, civismo, coragem e o escambau. Principalmente o escambau.

O Brasil nunca perdoou os paulistas. Na ditadura militar, nomearam o Paulo Maluf para governar o estado só de sacanagem.

Em compensação, ganharam um feriado só deles. O 9 de julho, dia da Revolução Constitucionalista.

Enfim, “Getulho” promulgou a Constituição de 1934 muito a contragosto. Também pudera... Era democrática demais para o seu gosto. Por isso mesmo, resolveu mandar fazer uma outra. Vamos falar sobre isso daqui a pouco.

Em 1935 sucedeu uma das maiores piadas da História brasileira. Durante cinco dias, Natal, capital do Rio Grande do Norte, foi comunista. Foi o primeiro Carnatal, Carnaval fora de época, de que se tem notícia. Pernambuco também aderiu e inventou a Recifolia, mas foi no Rio de Janeiro que o bicho pegou.

A União Soviética, depois da vitoriosa Revolução Comunista de 1917, inventou o Comintern, a Internacional Comunista, com o objetivo de espalhar a Revolução Socialista pelo mundo como foi a epidemia de gripe espanhola, que na época também matou um monte de gente. Aqui no Brasil, desde 1922 já tínhamos o nosso Partido Comunista e, pelos anos 1930, a grande liderança era Luís Carlos Prestes.

Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança, militar, participou do Movimento Tenentista de 1922 e, derrotado, saiu vagando pelo interior do Brasil até se exilar na Bolívia. Foi a legendária Coluna Prestes, que saiu do nada até chegar a lugar nenhum. Prestes, a Cavalgadura da Esperança. Se quiserem saber mais, leiam, seus idiotas. Sugiro *As noites das grandes fogueiras*, do Domingos Meirelles.

Exilado, Prestes foi “convertido e batizado” na teoria marxista-leninista por comunistas argentinos. Vejam bem: comunistas e argentinos. Só faltavam torcer pelo Boca. Vocês vão ver a mer  da que deu. Prestes passou a preparar a Revolução Comunista no Brasil.

Prestes era um militar típico: careta, tacanho, teimoso, autoritário e burro. Sobretudo burro. Dizem que ele era bom em matemática... Dizem que era um gênio militar. Isso é uma contradição: ou se é gênio ou se é militar, “apud” Jair Bolsonaro. Militar disciplinado, Prestes anotava tudo cuidadosamente nas suas famosas cadernetas, que sempre acabavam na mão da polícia política. Gênio...

Luís Carlos Prestes foi um grande pateta, mas conseguiu convencer os russos de que o Brasil estava pronto para a tal da Revolução Socialista. Os russos, mais patetas ainda, acreditaram. Mandaram até uma equipe de espiões e sabotadores para ajudar. Entre eles, Olga Benário, que tirou a virgindade com 30 anos. Não a dela, mas a do Prestes! Prestes parecia um Casseta & Planeta: até os 30 anos não tinha comido ninguém.

Como não poderia deixar de ser, a tal revolução foi o maior fracasso. Por isso mesmo, ficou conhecida como Intentona (tentativa tonta, boba) de tomar o poder.

Prestes contava com o seu prestígio no Exército para garantir a adesão da tropa. O gênio militar

chegou até mesmo a convidar o general Estillac Leal, a quem admirava, para participar da revolução. Será que mandou convite impresso com RSVP? Mais um golpe militar. Dessa vez de esquerda. Prestes queria ser uma espécie de Stalin tropical.

Aliás, sobre o grande Joseph Stalin, leia *Stalin: A corte do czar vermelho*, de Simon Sebag Montefiore, e ao final do livro garanto que você será uma pessoa um pouco menos burra e desinformada.

Pois então os comunistas foram todos presos, submetidos a bárbaras torturas pela polícia política do Vargas, comandada pelo sanguinário Filinto Müller. Uma prova inequívoca da existência da justiça divina é que Filinto Müller acabou morrendo assado vivo num acidente com um avião da Varig em Paris nos anos 1970, levando consigo centenas de inocentes.

Entre outras, Getúlio e Filinto entregaram Olga Benário, que era judia, grávida de Prestes, para os nazistas. A polícia política do Getúlio batia muito “de com força” e chegou a deixar o agente comunista Harry Berger maluco de tanto apanhar. O legendário advogado Sobral Pinto chegou a se utilizar da Lei de Proteção aos Animais tentando salvar os revolucionários da violência dos torturadores.

Vale a pena ler sobre esse episódio tragicômico da nossa História. Parem de jogar videogame e leiam *Camaradas – Nos arquivos de Moscou*, do William Waack. E, mais divertido ainda, leiam *O Cavaleiro da Esperança*, do Jorge Amado. Só tem em sebo, mas vale a leitura. É patético. Chega a ser engraçado.

Finalmente, o Estado Novo! Razão de ser deste capítulo!

As eleições para presidente, em 1938, se aproximavam, mas Getúlio, um homem muito apegado ao poder, achou que não era o momento de voltar para as arquibancadas e assistir a mais um Gre-Nal. Resolveu dar um golpe nele mesmo e instituiu o famigerado Estado Novo. Para tanto, mandou inventar um plano secreto falso, o Plano Cohen, supostamente concebido pelos comunistas para tomar o poder.

Para começar, dissolveu o Congresso Nacional, anulou a Constituição de 1934, que ele mesmo havia promulgado, e encomendou uma novinha a um juriconsulto arquiconservador, o mineiro Francisco Campos, o Chico Ciência, que, não por mera coincidência, redigiu o famigerado AI-5 da ditadura militar.

Chico Ciência redigiu a nova Magna Carta, que foi apelidada de Polaca, pois foi inspirada na Constituição da Polônia sob a ditadura do marechal Pilsudski. Outros dizem que o termo “Polaca” remetia às putas de origem europeia que atuavam no Mangue, a zona de meretrício do Rio de Janeiro. Enfim, como tudo, acabava em put☠️☠️☠️☠️☠️aria.

O Estado Novo se caracterizou pela centralização do poder, pelo nacionalismo neurótico, pelo autoritarismo agressivo, pelo anticomunismo paranoico e por um violento aparelho repressivo. Ou seja, uma ditadura completa com dois ovos em cima.

Aqui vou abrir um parêntese.

Antes do surgimento do Estado Novo já existia no Brasil a AIB – Ação Integralista Brasileira –, uma organização francamente nazifascista que promovia desfiles pelas ruas usando umas camisas verdes. Por isso mesmo, foram apelidados pelo povo de “galinhas verdes”. Nacionalistas de carteirinha, em vez do “Heil Hitler!”, saudavam-se com o indígena “Anauê!”. Ridículo é pouco. No

presidente americano Franklin Roosevelt veio ao Brasil para dizer, na cara do Getúlio, que, se não cedesse as bases aéreas de Natal, os Estados Unidos iriam invadir o Brasil. Sem as bases aéreas do Nordeste brasileiro, os Aliados não tinham como invadir a África. Era o Trampolim da Vitória.

Foi aí que o Estado Novo começou a afundar junto com os navios mercantes brasileiros torpedeados pelos submarinos alemães. O Brasil foi à Europa lutar pela democracia, mas aqui era uma ditadura.

CAPÍTULO 24

JÁ ERA VARGAS

Helio de La Peña

N O DIA 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas saiu da vida para entrar na História. E fez dessa frase o maior lugar-comum dos livros de História do Brasil.

O suicídio de Vargas comoveu toda a nação. Mais uma frase feita que entrou para a História. Mais de sessenta anos se passaram e muitas dúvidas continuam vivas. Getúlio se matou às 8 e meia da manhã. Estava de pijama. Será que passou a noite em claro ou se deitou e só depois resolveu se suicidar? Ele escreveu a carta antes ou depois de vestir o pijama? Por que aquele pijama? Era o predileto ou o primeiro da gaveta? Se sabia que ia se suicidar, por que não vestiu um terno, um traje mais adequado para entrar bem-vestido para a História?

Se fosse nos dias de hoje, dificilmente teria cometido o ato. É provável que sua carta-testamento fosse um post no Facebook. Mas, antes de publicá-la, responderia a uns e-mails, assinaria uma petição contra a morte das baleias, outra pela preservação dos esquimós albinos, depois assistiria a uns vídeos pornô do seu grupo de caudilhos tarados no WhatsApp e no final esqueceria por que ligou o computador. Como nada disso aconteceu, vamos tentar entender um pouco melhor essa figura tão controversa.



O suicídio de Vargas era o episódio mais traumático da vida do país depois da Copa de 1950. Em 2014, foi superado pelo trauma do 7 x 1, quando toda a Seleção brasileira se suicidou em campo, ao vivo, com transmissão para o mundo inteiro.

Getúlio era o político das mil faces, daí a dificuldade de se saber quem foi o Getúlio Vargas que se matou. O mandachuva da Revolução de 1930? O presidente democraticamente eleito em 1934? O ditador de 1937? O que apoiou os nazistas no início da Segunda Guerra? O que inaugurou a base militar americana com Roosevelt em Natal? O presidente reeleito em 1950? Todas as opções acima juntas e misturadas? Até hoje ninguém acertou essa questão num Enem.

O PETRÓLEO ERA DELES

No tempo de Getúlio Vargas, o capitalismo ainda usava rodinhas para se equilibrar. Não conseguia

se manter de pé sem o apoio do governo. O principal empresário na época não era o Roberto Marinho nem o Eike Batista. Era o Estado mesmo, que lançava mão de medidas protecionistas e da nacionalização dos recursos minerais. Em 1934, foi criado o Departamento Nacional de Produção Mineral, e durante o Estado Novo surgiram a Companhia Siderúrgica Nacional, a mineradora Vale do Rio Doce e o Conselho Nacional do Petróleo. O conselho era: “Vamos ficar de olho que esse troço vai dar muito dinheiro!”

A CSN foi um marco na indústria brasileira. O aço consumido até 1940 era totalmente importado dos Estados Unidos, que tentaram convencer o Brasil de que era mais negócio continuar comprando deles, inclusive podiam dar um bom desconto, tipo Casas Bahia. Por isso, a US Steel Corporation não topou entrar como parceira no projeto da siderurgia.

Mas havia um motivo mais forte: a bipolaridade do nosso governo. O couro comia na Segunda Guerra e Getúlio, gaúcho de dupla personalidade, vestia a camisa do Grêmio sobre a do Inter para agradar às duas torcidas. Enquanto negociava com Roosevelt, mantinha conversa com Hitler. A alemã Krupp se interessou em financiar a construção da CSN – eles já forneciam peças de artilharia para o Brasil, desde que a gente não as usasse contra eles, claro. Assustados com a hegemonia teuto-germânica-alemã nos nossos negócios, os Estados Unidos acertaram instalar uma base em Natal e emprestar 20 milhões de dólares para a construção da CSN. Esse valor equivaleria, em valores atuais, a aproximadamente 350 milhões de dólares, o que não daria nem para a propina.

GUERRA, SOMBRA E ÁGUA FRESCA

O Brasil tentava se passar por neutro, enquanto o ardiloso Vargas se esforçava para convencer o mundo de que era o único nazifascista democrático da história da humanidade. Seus assessores estavam divididos e não sabiam a quem apoiar para puxar o saco do chefe. Os generais Dutra e Góis Monteiro, junto com o chefe de polícia Filinto Müller, eram admiradores do regime alemão e obrigavam suas senhoras a usar o estilo "bigodinho de Hitler" na jardinagem íntima. Já Osvaldo Aranha, como o próprio sobrenome sugere, preferia uma tarântula peluda. Mas não era disso que falávamos. Osvaldo Caranguejeira fazia sua teia junto aos Aliados e propôs romper relações com os países do Eixo. Hitler retribuiu a gentileza bombardeando os navios brasileiros. O Brasil virou macho e entrou para a Guerra. Enquanto isso, o presidente americano, Franklin Roosevelt, visitou a base americana em Natal e chamou nosso caudilho carinhosamente de "um ditador em defesa da democracia". Algo como "um homofóbico em defesa dos gays". Roosevelt sugeriu que o Brasil fosse um dos países fundadores da ONU, mas tinha que sentar nas carteiras do fundo da sala.

A entrada do Brasil na Guerra levantou desconfiança dos países aliados. Não sabiam se nossos recrutas iam levar armamentos tipicamente nacionais, como bodeque, atiradeira e espingarda de chumbinho. A convocação para a Força Expedicionária Brasileira não reuniu o contingente de voluntários esperado. Apenas 28 mil se apresentaram. A saída foi recrutar negros voluntários nas favelas, inicialmente para combaterem na África. O Comando Militar achava que dava pra economizar em comida e hospedagem, já que os negros podiam ficar em casas de parentes. Mas a Alemanha foi derrotada rapidamente no continente africano e eles foram enviados para a Itália.

Mesmo sofrendo com o inverno europeu, usando como agasalho uma garrafa de pinga, os soldados brasileiros mandaram bem nas missões, em especial na tomada do Monte Castelo. No total, morreram mais de 400 combatentes canarinhos, enquanto foram capturados cerca de 20 mil alemães. Esse saldo só veio a ser batido na Copa de 2014.

A guerra contra os hitlerianos deixou o país no sufoco e vários produtos começaram a faltar nas prateleiras dos mercados, como a farinha de trigo e o açúcar. As donas de casa também sentiram a falta do nabo, do pepino, da cenoura e de outros legumes de duplo sentido, já que seus maridos combatiam na Europa.

Durante quatro anos, o produto mais racionado foi a gasolina. Os veículos foram adaptados para serem movidos a gasogênio. O condutor e os passageiros se enchiam de ovo cozido com batata-doce para produzir gás combustível durante os deslocamentos.

Todo esse sacrifício valeu a pena e nossos soldados foram recebidos como heróis pelo povo.

DU-DU-DUTRA

Os pracinhas viveram uma contradição ao voltarem à pátria amada. Eles se tocaram que passaram frio e fome para defender a democracia no mundo enquanto, aqui, o povo vivia sob uma tremenda ditadura. A insatisfação resultou no Manifesto dos Mineiros, documento lançado em 24 de outubro de 1943, no 13º aniversário da Revolução de 1930, no qual os mineiros exigiam liberdade de pensamento, liberdade política e dois pães de queijo.

Estudantes, escritores e diversos outros setores protestavam e exigiam a redemocratização. Vargas se viu forçado a marcar eleições diretas em 90 dias. Novos partidos se formaram. A União Democrática Nacional (UDN) lançou a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, um dos líderes dos 18 centímetros do Forte, que reunia militares bem-dotados na luta pela democracia. O Partido Social Democrático (PSD) foi criado e lançou o general Dutra como candidato. Prestes comandou o movimento chapa branca Constituinte com Getúlio. Líderes sindicais e funcionários públicos clamavam nas ruas “Queremos Getúlio!”, o que ficou conhecido como Queremismo, movimento que levou à fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). A UDN, contra a permanência de Getúlio, se opôs aos quemistas com a palavra de ordem “Nem fudendo!”, semente do “Movimento Nem-Fudentista”.

Getúlio estava com a faca e o queijo na mão para ganhar as eleições, mas acabou se atrapalhando aos 40 do segundo tempo, nomeando seu irmão chefe de polícia do Rio de Janeiro. Foi o suficiente para que os generais Góis Monteiro e Dutra se unissem num golpe militar, depondo o presidente. Antes de ser tirado do Palácio do Catete, Getúlio foi até seu gabinete particular e pegou o pote de vaselina para lubrificar um acordo e sair do governo sem perder seus direitos políticos.

Dutra, do PSD, sagrou-se vencedor do pleito, com apoio de Getúlio e do PTB, para desespero do udenista Eduardo Gomes. E Vargas realizou feito inédito: foi eleito senador pelo Rio Grande do Sul, por São Paulo e deputado por outros sete estados. Sozinho, Getúlio formava a maior bancada e acumulava o maior volume de jetons da nossa História. Descoberto o caô, teve que devolver a grana

e escolher apenas um dos cargos para ocupar. Ficou com o Senado pelo seu estado natal, o Rio Grande do Sul.

Mas Getúlio nem apareceu no Senado. Preferiu ficar na sua fazenda armando sua candidatura à presidência em 1950, que ganhou fácil com o apoio de Ademar Rouba Mas Faz de Barros.

A VOLTA DO QUE NÃO FOI

Getúlio Vargas voltou ao Palácio do Catete nos braços do povo porque a situação do país estava braba para comprar um carro zero: de um lado, inflação galopante e custo de vida em alta; de outro, as reivindicações dos trabalhadores. Precisava tomar medidas impopulares e, ao mesmo tempo, manter sua fama de gente boa e Pai dos Pobres. Não funcionou. Os filhos queriam aumento de mesada.

Em 1953, eclodiu o movimento Panela Vazia, quando 500 mil pessoas foram às ruas contra a carestia. As mesmas panelas foram usadas décadas mais tarde, no movimento “Fora, Dilma!”.

A política incendiava as redes. Os estatistas discutiam com os nacionalistas, que atacavam os entreguistas... Fora os getulistas, que, dependendo da ocasião, podiam concordar com qualquer um desses.

Getúlio, influenciado pelos sindicalistas, começa a falar com a língua presa e bota a culpa da crise nas multinacionais. Para mostrar que não está de brincadeira, funda a empresa mais importante da política brasileira, a Petrobras.

O governo Vargas liga a seta e dá uma guinada para a esquerda. Cria a lei de remessa de lucros para o exterior e muda os ministros. Varre os conservadores e põe no Ministério do Trabalho o gaúcho João Goulart, que chega chutando o pau da barraca: propõe aumento de 100% no salário mínimo e “depois a gente vê como paga”.

Os milicos e os liberais se assustam com o sotaque de sindicalista do João Goulart. É considerado o embaixador do peronismo, pelo seu alinhamento político ideológico e por achar que Maradona é melhor que Pelé. Pressionado pelo Manifesto dos Coronéis, Getúlio corta a cabeça de Jango do ministério. Em seguida, aprova o aumento máximo do mínimo e vai pra galera. Getúlio é do povão.

Mas o presidente agora tinha um algoz. O jornalista Carlos Lacerda era a maior dor de cabeça de Getúlio, depois do sapato apertado que ganhou de sua amante, a vedete Virgínia Lane. Lacerda pentelhava a vida de Getúlio criando memes, blogs, vlogs, postando vídeos, xingando o velho no jornal *Tribuna da Imprensa*, achincalhando o governo em programas na rádio Globo e na recém-nascida TV Tupi, de Assis Chateaubriand, o Zuckerberg brasileiro.

Lacerda era liberal. Para Getúlio, um entreguista. O presidente era conhecido como o Pai dos Pobres. Para Lacerda, era a Mãe dos Ricos. Até hoje a dúvida continua, já que Getúlio se recusou a fazer o teste de DNA no *Programa do Ratinho*.

Lacerda queria derrubar o governo Vargas a todo custo e tinha o apoio de militares, de liberais e da UDN. Com um discurso vigoroso e cheio de ódio no coração, Lacerda exigiu a renúncia imediata de Getúlio Vargas.

Lacerda estava conseguindo desestabilizar o governo, o que podia ser atestado pelo aumento da

conta da presidência numa farmácia do Catete onde Getúlio encomendava suas aspirinas. Lacerda era conhecido como o Corno por ficar até tarde da noite na redação do seu jornal, dando pouca atenção à patroa. Por um erro de revisão, passou à História como o Corvo.

Essa campanha lhe rendeu um inimigo ferrenho: Gregório Fortunato, o negão, chefe da Guarda Pessoal do presidente. O segurança percebeu que Lacerda estava pondo em risco a vida política do seu chefe. Não teve dúvidas, mandou matar Lacerda por legítima defesa. No atentado, seu guarda-costas, o major Rubem Vaz, morreu na hora, mas o Corno acabou sendo alvejado apenas no chifre.

QUEM SUICIDOU VARGAS?

O atentado a Lacerda vai para a conta de Getúlio. A situação fica insustentável. O presidente se dá conta de que vive cercado de traíras e incompetentes. Seu assessor mais fiel é capaz de fazer um tremendo merdão com a maior das boas intenções.

Os generais lançam o Manifesto à Nação, muito mais poderoso que o dos coronéis. A UDN prepara o bote.

Getúlio, transtornado, reúne sua banca e avisa que não vai largar o osso. O vice-presidente, Café Filho, oferece um cafezinho, tentando acalmá-lo. Não consegue. Getúlio bate na mesa e diz:

– Nem morto saio do Catete!

E subiu as escadarias do palácio. Parou no último degrau, pensou um pouco e corrigiu:

– Quer dizer, só morto saio do Catete!

Entrou no seu quarto, suicidou-se e morreu. O resto é história.

CAPÍTULO 25

TRÊS JOTAS SEGUIDOS: JUSCELINO, JÂNIO E JANGO

Hubert Aranha

DEPOIS QUE GETÚLIO VARGAS se autossuicidou no Palácio do Cacete com um tiro no peito, usando um ridículo pijama listrado que mais parecia um uniforme de presidiário de filme mudo, o Brasil, que vivia conturbado desde sempre, acabou entrando num de seus períodos mais pacíficos. Com aquele gesto autodestrutivo e dramático, Getúlio Vargas (que era considerado o Pai dos Pobres e a Mãe dos Ricos) mostrou que foi o político mais ardiloso que este país já teve em todos os tempos. O impacto provocado pelo suicídio de Getúlio impediu que a chamada República do Galeão tomasse o poder. Os militares (coronéis golpistas que já tinham sido promovidos e esqueceram o seu passado no tenentismo) botaram o galho dentro, e a UDN (União Demagógica Nacional), que sonhava entrar na vaga de Vargas, quer dizer, na vaga de Vargas, teve que esperar até 1964, de onde só saiu muitos anos depois.

Após a enorme comoção popular causada pelo suicídio do caudilho democrata, acabou prevalecendo a solução constitucional, e assumiu a presidência o vice Café Filho. Café manteve as eleições para a Câmara, o Senado e os governos estaduais para outubro de 1954 e as eleições presidenciais para outubro de 1955. E cumpriu a promessa. Após a vitória de JK, Café botou as asinhas de fora e participou indiretamente do golpe com o qual a UDN (União Derrubadora Nata) tentou impedir a posse do presidente eleito.

Com um sorriso eterno nos lábios, Juscelino Kubitschek era um sujeito bem-humorado, esguio, boa-pinta, mulherengo e um tremendo pé de valsa. Durante a campanha de 1955, um repórter lhe perguntou sobre o “problema do café” e JK respondeu: “Qual deles? O vegetal ou o animal?” Juscelino era um sujeito maneiro, mas era muito mais mineiro! Nasceu em Diamantina e, apesar da infância pobre, quando era obrigado a comer o peixe vivo (não existia frigideira nem fogão em sua miserável casa), se formou em Medicina. Sua ascensão política foi meteórica: foi eleito deputado federal em 1934, prefeito de Belo Horizonte em 1940 e governador de Minas em 1950. Em 1955, JK

era o nome ideal da dobradinha PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PSD (Partido Socialista Democrata) para concorrer à sucessão de Vargas, e seu nome foi lançado no enterro de Getúlio por Tancredo Neves e Osvaldo Aranha, que mais tarde se tornaria um famoso filé.

Mas o vice de JK era Jango Goulart, lançado pelo PTB, e os militares e a UDN não iam com a cara desse estancieiro gaúcho, que tinha sido ministro do Trabalho de Vargas. Apesar de rico e latifundiário, Jango era tido como esquerdista radical e acusado pelo eterno golpista Carlos Lacerda de tentar estabelecer uma república sindicalista no Brasil nos moldes de Perón na Argentina. Esse modelo só se tornou realidade com a eleição de Luísque Inácio Lula da Silva muitos anos e capítulos mais tarde. Após a eleição de Juscelino, numa cerimônia no Clube Militar, o coronel Bizarria Mamede fez jus ao seu nome e, num discurso bizarro, disse que a vitória de JK era uma “vitória da minoria”. Juscelino venceu o pleito por uma pequena margem em relação ao candidato udenista Juarez Távora (ex-18 do Forte e ex-Coluna Prestes). Foi aí que entrou em ação o general Henrique Lott, ministro da Guerra de Café Filho, que era um caso raro de militar legalista e queria punir aquela bizarria, quer dizer, aquele Bizarria. Só que Lott não podia punir o coronel insurreto porque este era diretor da Escola Superior de Guerra e estava subordinado somente ao presidente.



DESENHO FEITO NO AUTÊNTICO
ESTILO OSCAR NIEMEYER.

Em novembro de 1955, Café Filho teve um ataque cardíaco (ou fingiu, segundo JK) e assumiu o presidente da Câmara, Carlos Luz, que se recusou a punir Bizarria Mamede. Em 11 de novembro, Lott se demitiu do cargo, colocou as tropas na rua e destituiu Carlos Luz, dando o chamado “golpe preventivo”, não para impedir, mas para garantir a posse de JK. Lacerda ainda tentou articular uma reação com o presidente do Senado, Nereu Ramos, que assumiu o governo sob estado de sítio. Miraculosamente recuperado, Café Pequeno anunciou que estava disposto a retornar à presidência, mas foi “impedido” pelo Congresso. Em 31 de janeiro de 1956, Juscelino Kubitschek finalmente foi empossado. E, como um milagre, inicia-se na História do Brasil um período de paz, prosperidade e otimismo. Graças a Kubicheque, o Brasil ganhou a sua primeira Copa do Mundo de futebol, surgiu a bossa nova, a indústria cresceu a níveis nunca antes vistos, mas, em compensação, Brasília foi construída. Ninguém é perfeito e, por conta disso, JK recebeu o carinhoso apelido de “Presidente Bosta Nova”.

No poder, JK mostrou ser um presidente dinâmico, empreendedor, astuto e arrojado. Juscelino tinha um ambicioso Plano de Metas e seu slogan era “50 anos em 5”, o que acabou acontecendo com a inflação no fim do seu mandato. Essa política econômica ficou conhecida como nacional-desenvolvimentismo e, para executá-la sem os entraves da burocracia, JK pisou fundo no acelerador e deu grande impulso à indústria automobilística. Para que tantos automóveis pudessem circular pelo país poluindo o meio ambiente, JK abriu mais de 13 mil quilômetros de estradas.

Mas na época ninguém ligava para ecologia e JK, disposto a integrar o país, foi responsável por uma devastação ecológica sem precedentes no Brasil. Reza a lenda que o presidente teria comentado com o engenheiro Bernardo Saião, que construiu a rodovia Belém-Brasília: “Vamos arrombar essa selva!” Numa trágica ironia do destino, Bernardo Saião morreu esmagado por uma árvore injuriada com a perda de sua família.

Desde o século XIX, existiam sonhos, ideias e profecias sobre a construção de uma nova capital para o Brasil localizada no Planalto Central do país. Mas coube a JK a realização dessa ideia. Brasília se transformou na metassíntese de seu governo e, em 1957, foi criada a Novacap, a companhia urbanizadora da nova capital, que construiu Brasília a toque de caixa. Caixa 2, já que o governo não precisava prestar contas ao Congresso. Apesar de ter sido realizado um concurso público para escolher o projeto, quem acabou vencendo foram Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, encarregados de criar aquela cidade futurista. Ousada e inovadora em termos de arquitetura, Brasília era uma cidade muito diferente das outras que existiam no Brasil. Tudo tinha um lugar definido, como se a cidade fosse um armário: numa gaveta ficavam os ministérios, e em outros compartimentos, o Congresso, o Senado e o Judiciário. Além do mais, Brasília não tinha esquinas, o que tornava impossível fazer um despacho de macumba na nova capital. Vista de cima, a cidade tinha forma de avião, que era o que as pessoas mais queriam pegar para sair dali. Só quem gostou de Brasília foram as empreiteiras, que, aliás, continuam adorando a cidade até hoje. Atualmente sabemos que Juscelino se inspirou na Disneylândia para construir Brasília e quis criar no centro do Brasil a sua própria Terra da Fantasia.

Nenhum presidente gostava de ficar lá: JK foi só algumas vezes. Jânio, desesperado com a lonjura e solidão do lugar, encheu a cara e acabou renunciando. E Jango, que morava em Copacabana, foi derrubado pelos militares. Só os nossos milicos realmente amavam a cidade, tanto que ficaram 21 anos por lá.

JK era querido pelo povão, mas naquela época não havia reeleição e Juscelino apoiou para sua sucessão o marechal Lott. Só que o Plano de Metas também produziu carestia e inflação, e isso acabou gerando uma das candidaturas mais bizarras da nossa História: a de Jânio Quadros, apoiado por Ademar de Barros (“rouba mas faz”) e Carlos Lacerda (“derruba mas faz”). Jânio teve mais de 5 milhões de votos e, como a eleição era desvinculada, Jango Goulart, vice de Lott, elegeu-se novamente vice-presidente. Aliás, Jango era um político Vasco da Gama: sempre era o vice.

Jânio Quadros foi um dos presidentes mais desastrosos da nossa História, e olha que a concorrência era grande. Populista, pernóstico e sempre com a roupa toda amassada e caspa nos ombros, Jânio teve uma votação impressionante graças a uma campanha moralista que pretendia varrer a corrupção do país. Seu jingle era: “Varre, varre, vassourinha/ Varre, varre a bandalheira/ O povo já está cansado/ De viver dessa maneira.” Jânio era uma espécie de Collor, só que seu vício era outro: a cachaça. Histriônico e bufão crônico, Jânio, assim que assumiu o poder, mostrou-se ainda mais cômico e patético do que se imaginava. Governou enviando bilhetinhos aos seus ministros (mais de 2 mil em apenas 206 dias de trabalho), antecipando o e-mail e o WhatsApp. Proibiu a propaganda nos cinemas, regulamentou horários para jogos de cartas em clubes e a participação de crianças em programas de rádio e TV. E também proibiu as rinhas de galo e o monoquini no país.

Além dessas medidas inócuas e imbecis, Jânio não tinha base política. O PTB e o PSD dominavam o Congresso, Lacerda passou para a oposição (apesar de ter feito campanha para eleger Jânio) e o presidente eleito não consultava seu partido, a UDN. A melhor definição de Jânio Quadros foi a de Afonso Arinos, ministro das Relações Exteriores: “Jânio era a UDN de porre.” Desequilibrado, talvez devido ao excesso de cana nas ideias, Jânio, o primeiro presidente a tomar porre em Brasília, quer dizer, a tomar posse em Brasília, renunciou, estarecendo a nação. Atribuiu seu ato intempestivo a “forças terríveis” que o impediam de governar. Tudo não passou de um blefe: Jânio queria voltar ao poder carregado nos braços do povo, mesmo porque estava sempre escornado. O tiro saiu pela culatra: o povo não estava nem aí, porque Brasília era longe pra cacete.

Além desse gesto tresloucado, Jânio Quadros acabou provocando uma nova crise no país: os militares e os udenistas não queriam de jeito nenhum que Jango assumisse a presidência. Além do mais, Goulart estava em viagem oficial à China comunista. A situação ia de Mao a pior: o Congresso não vetou a posse de Jango, e o general José Machado Lopes, comandante do Terceiro Exército com sede no Rio Grande do Sul, instigado pelo governador do estado, Leonel Brizola (cunhado de Jango), se disse disposto a pegar em armas para cumprir a Constituição.

A crise foi contornada quando o Congresso propôs numa comissão (não se sabe se de 10% ou 20%) a diminuição dos poderes presidenciais e a adoção do parlamentarismo. Depois de uma viagem tortuosa de volta ao Brasil, Jango tomou posse em 1961 como presidente da República, mas quem ia mandar mesmo era Tancredo Neves, o novo primeiro-ministro. Em 1962, Tancredo renunciou ao cargo e no seu lugar entrou Brochado da Brocha, que fez corpo mole no cargo.

Em 1963, um plebiscito deu ampla vitória ao presidencialismo sobre o parlamentarismo, e Jango obteve de volta plenos poderes para realizar as “reformas de base”. Mas o país estava dividido: à direita, ficavam o eterno golpista de mau agouro Carlos Lacerda e os militares linha-dura. Do outro lado do ringue, à esquerda, estavam Leonel Brizola, Miguel Arraes e Francisco Julião, chefe das Cintas-Ligas Camponesas. A vitória de Fidel Castro em Cuba deu alento à esquerda, que queria

reformas anti-imperialistas, e deixou a direita apavorada com a possibilidade de o Brasil se transformar numa enorme Cuba. Curiosamente, quando deram o golpe em 1964, nossos milicos acabaram transformando o Brasil numa enorme Cuba, só que de direita.

O incendiário Brizola nacionalizou duas multinacionais no Sul, provocando uma crise entre o Brasil e os Estados Unidos. Para piorar a situação já tão polarizada, Jango realizou um comício-monstro na Central do Brasil em 13 de março de 1964, deu uma guinada ainda maior à esquerda e prometeu, ao lado de Brizola e Arraes, que iria fazer a reforma agrária na marra, desde que não fosse nas suas estâncias no Sul. O Brasil se transformou num barril de pólvora.

Em reação ao comício, 500 mil pessoas saíram às ruas em São Paulo na famosa Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Era muita gente, mas Deus não foi visto participando daquela passeata. A reação da classe média ao radicalismo de Jango acabou servindo de pretexto para que os militares, que já estavam planejando o golpe havia muito tempo, derrubassem Goulart. Este, por sua vez, jogou mais lenha na fogueira ao fazer outro discurso carbonário na sede carioca do Automóvel Clube do Brasil numa assembleia de sargentos que lutavam pela elegibilidade. Isso era visto como quebra de hierarquia pelos oficiais e, no dia 1º de abril de 1964, o que todo mundo achava que era mentirinha aconteceu: os milicos derrubaram Jango Goulart e tomaram o poder de assalto. Para transformar aquela típica quartelada latino-americana em algo respeitável, os militares chamaram o golpe de Revolução de 64. Liderados pelo marechal Castelo Branco, os generais prometeram entregar o poder aos civis em 1965, depois de varrerem as reformas de base de Jango para debaixo do tapete. Mas Castelo Branco mostrou ser um sujeito sem pescoço e sem escrúpulos: com o AI-1, cassou milhares de políticos e, mais tarde, instituiu o AI-2, jogando o país numa ditadura militar da qual o Brasil, coitado, só iria se livrar duas décadas depois.

CAPÍTULO 26

GOLPE NO DOS OUTROS É REFRESCO

Claudio Manoel

SE EXISTIRAM ANOS que nunca terminaram, 1964 foi um ano que quase começou várias vezes. Poderia ter começado 10 anos antes se Getúlio Vargas não tivesse resolvido sair da vida pra virar Fundação e avenidas.

Já naquela época os quartéis estavam em polvorosa, bem noiados com a guinada do velho caudilho gaúcho, que, de ditador, amarrador de cavalo em obelisco e fã do Mussolini (a CLT getulista, por exemplo, é plágio da *Carta del Lavoro*, de autoria do colega italiano), resolveu investir firme na imagem de Pai dos Pobres, dando uma repaginada, investindo nesse seu relançamento num modelo (supostamente) mais à esquerda, inspirando-se (ou sendo acusado de se inspirar) no sucesso de Juan Domingo Perón, sua versão argentina, que estava no segundo mandato, bombando de popularidade.

Sem falar do seu polêmico ministro do Trabalho, João Goulart (ó ele já aí, ó), propondo um reajuste de 100% do salário mínimo, emputecendo patrões e preocupando os ditos setores conservadores, que não só viviam procurando comunistas em todo lugar, até debaixo da cama, como muitas vezes eles estavam, realmente, lá.

Nos anos iniciais, mas já bem quentes, da Guerra Fria, o tal do perigo comunista (e venhamos e convenhamos, depois que os arquivos históricos ficaram conhecidos e a “experiência” acabou, todos os que quiseram puderam ver que o projeto comuna foi mais que perigoso, foi genocida mesmo) eriçava os pelos da nuca não só dos militares, mas também dos que não viam graça nenhuma em coisas como socialização dos meios de produção, coletivizações forçadas, partido único, desapropriações, paredões (de fuzilamento, não os do BBB), fomes punitivas, pogroms e outras manias da galera da foice e do martelo.

Os tanques e baionetas quase entraram em cena quando o capanga-mor de Getúlio, Gregório

Fortunato, armou um atentado contra o opositor-mor, Carlos Lacerda, no qual quem se deu mal foi o major Vaz, que levou uma bala perdida em Copacabana bem antes de isso virar moda.

A quartelada só não aconteceu porque, logo depois, o Pai do Povo, de pijama, deu um tiro no próprio peito, acertando também em cheio nos planos dos golpistas, que tiveram que adiar seus intentos por uma década.

Quem sucedeu o presidente suicida foi seu vice, Café Filho, o popular Cafezinho, que ficou no poder até as eleições de 1955, as quais foram ganhas pela dupla JK/Jango (ó ele aí de novo), e quase que, mais uma vez, 1964 começou.

A dupla vencedora tinha muita inhaca varguista para seus opositores, que não queriam aceitar de jeito nenhum o resultado das urnas e bateram o pé, fizeram bico e muita pirraça. Ameaçaram impedir a posse, nem que fosse preciso dar um golpe... mas ainda não foi dessa vez.

Juscelino assumiu, criou e inaugurou Brasília, realizando o sonho da interiorização e das empreiteiras. Ao som da bossa nova, viu a Seleção canarinho ser campeã mundial pela primeira vez, quis fazer “50 anos em 5”, mas não fez nem o sucessor. No fim do mandato, passou a faixa presidencial pra Jânio Quadros e seu vice (adivinhem?), João Goulart.

A legislação eleitoral da época era tão doidona que o eleitor podia escolher um candidato para presidente de uma chapa e o vice de outra. E assim a dupla Jan-Jan, que não tinha nada em comum a não ser o dia da posse, assumiu o poder no novíssimo Planalto.

Mais doidão que a legislação era Sua Excelência, o presidente da República, que, alegando o poder de forças ou de biritas ocultas, renunciou apenas oito meses depois de ser empossado. Jânio pulou fora e a chapa esquentou.

Pense numa turma muito pê da vida com a ideia de o futuro supremo mandatário ser o tal do Jango, suspeito de querer instalar uma suspeitíssima república sindical no país. Claro que os generais não estavam nem um pouquinho felizes de ter que entubar mais essa depois de adiarem o sonho do golpe militar próprio por tanto tempo.

E o mimimi não vinha só dos quartéis, não. Também tinha governadores e políticos civis, sem falar da Igreja, empresários e outros preocupados com o crescimento do ICM (Índice de Comunidade Mundial). Não se pode esquecer que estamos em 1961, ano da implementação do Muro de Berlim, e com a Revolução Cubana, logo aqui ao lado, ainda com dois aninhos, cheia de charme e utopias caribenhas.

Enfim, Jango presidente nem a cacete! Jango presidente nem que a vaca tussa! Jango presidente nem... Só com parlamentarismo.

Como sempre, demos um jeitinho, uma meia-sola e Jango assumiu uma presidência tipo rainha da Inglaterra, com o primeiro-ministro Tancredo Neves (ó ele aí, ó) tomando conta do pedaço e colocando a placa “Agora sob nova direção”.

O arranjo foi feito e, assim que Jango sentou na cadeira de presidente, tomou gosto pela coisa e chamou sua turma: o cunhadão e governador gaúcho Leonel Brizola, o brother pernambucano e também governador Miguel Arraes, além de outros menos notáveis, que fizeram a onda, lançaram campanha contra. O parlamentarismo foi fazendo água, o avô do Aécio pulou fora, foi sucedido por Brochado da Rocha (que deve ter sido o primeiro-ministro mais sacaneado e vítima de trocadilhos da

História) e, dois anos e três *premières* depois, em 1963, um plebiscito deu fim à experiência parlamentarista.

Jango assumiu a batuta e aí... o circo começou a pegar fogo.

Com o “herdeiro de Vargas” (que, por alguma mágica histórica, de ditador fascista tropical virou ídolo pop da esquerda) no poder, a rapaziada animada com a ideia de fazer do Brasil um “Cubão” (notem que o trocadilho, ao contrário do projeto, não é uma má ideia) comprou até roupa nova.

Sindicalistas, Ligas Camponesas, candidatos a guerrilheiros (em 1961, o Movimento Revolucionário Tiradentes, braço armado das Ligas, já tinha enviado uma galera para treinar em Cuba e, em 1963, o PC do B fez o mesmo mandando uma turma pra Pequim), marujos, estudantes, brizolistas, comunas, trotskistas, todo mundo queria revolução, acreditava numa solução armada, queria fazer reformas, entrar logo nos anos 1960, deixar o cabelo crescer, virar série da Globo.

Com o passar do tempo, Jango foi se achando, viu que ele e Brizola podiam liderar a galera, prometeu “reformas de base”, assustou quem queria susto, fez comício na Central e topou a queda de braço.

E o outro lado mostrou sua força, juntou um milhão nas ruas, pra “marchar com Deus” contra o fantasma (ou realidade, dependendo do lado em que se estava) da ameaça comunista, da influência soviética, do “ouro de Moscou”. Junto com essa multidão estavam, praticamente, toda a Igreja, a mídia (que ainda não tinha esse nome e era chamada de “imprensa escrita, falada e televisada”), empresários, industriais e boa parte da classe média (tão espezinhada, mas que, querendo-se ou não, faz parte do povo brasileiro, tá?).

Sem falar das maiores lideranças civis, os governadores de Minas (Magalhães Pinto), São Paulo (Ademar de Barros), Rio de Janeiro (Carlos Lacerda), entre outros, eram inimigos declarados do governo Jango e queriam puxar o tapete dele. Para isso, se articularam com os militares, que já esperavam essa chance havia um tempão.

Então, em 31 de março, partindo de Minas, tropas, depois de apararem a grama e caírem as árvores, saíram dos quartéis em direção ao Rio não para pegar praia ou ocupar favela, e sim para botar o Jango pra correr.

Não temos escolha:
é o AI-5 e a extinção das
liberdades democráticas
OU o CAOS!



O caos
até que era
uma boa...



R.

Militares de São Paulo, Rio e outros estados também botaram as manguinhas de fora. E Jango correu.

Se havia, ou haveria, ajuda dos gringos, nem precisou. Foi fácil, fácil.

Brizola ainda fingiu que ia peitar, mas não peitou. Arraes foi em cana, os milicos dominaram geral.

Em 31 de março (que muitos sacaneiam dizendo que era primeiro de abril) de 1964, “finalmente” começou o famoso regime militar, que deu pano pra manga e pra livro e pra filme e pra conversa e pra discussão e pra pretexto, e de que ainda se fala, ainda se escreve e que não se esquecem de lembrar e que não se pode esquecer.

O fato é que muita (e põe muita nisso) gente comemorou. Respirou aliviada. A conversinha de que eram dois lados claros (Bem x Mal) só veio muito tempo depois. Naquela época, ainda não existia a narrativa dos “bravos combatentes da liberdade” contra a ditadura. Na verdade, os dois lados tinham uma personal versão de autoritarismo pra chamar de sua.

Uns eram muito fãs (e põe muito nisso) da versão “ditadura do proletariado”, que fez um senhor estrago em nome das utopias totalitárias em suas vertentes (a escolher) cubana, albanesa, russa, chinesa e outras delícias tais. Outros tinham ereções com a ideia do Estado forte, técnico, objetivo, incorruptível (como se diz hoje: kkkkkkk), que só os militares poderiam proporcionar. Poucos queriam a desmoralizada, pluripartidária, tolerante e bundona democracia. Esta estava por baixo, totalmente *démodé*.

Mas tudo começou aos poucos. Os militares chegaram no sapatinho, dizendo que só iriam dar uma “sacudida de arrumação”, uma faxinada, um pau nuns subversivos, coisa rápida.

Já, já, lá pras bandas de 1965, seriam realizadas eleições e eles voltariam pros quartéis, porque lá era o lugar deles, lá eles tinham mais o que fazer, que era aparar grama e cair árvores.

Os candidatos mais fortes, JK e Lacerda, já estavam preparando os discursos e xingamentos de campanha eleitoral quando o vento foi virando, os milicos começaram a pegar uma alergia a esse negócio de eleição, mudaram de ideia, cassaram os espertos e/ou bobos que acharam que seriam os novos mandachucas e comunicaram que pensaram melhor, que, para o bem do país, podiam dizer ao povo que eles não iriam embora, não.

Dali em diante, a banda tocava assim: haveria troca de general, quer dizer... de presidente, de quatro em quatro anos. Os governadores também seriam indicados e “eleitos indiretamente” (desculpem, mas o Brasil é inexplicável – sem aspas), seriam só dois partidos mesmo (e olhe lá), não poderia um monte de coisa (inclusive falar mal do governo), eles lançariam um monte de musiquinha ufanista (entre elas, “Este é um país que vai pra frente... ô, ô, ô, ô, ô”, que a meninada completava: “Onde só milico é presidente, ô, ô, ô, ô, ô”), mas que seria “Brasil grande”, que um dia todo mundo iria poder viajar pra Disney e que o sucessor do Castelo Branco, o cearense sem pescoço, seria o Costa e Silva, que era representante da linha dura e, portanto, não era mole, não.

Mas aí chegou 1968 (aquele que nunca acabou), o pau comeu no mundo todo, inclusive aqui, onde teve passeata de 100 mil e até contra a guitarra. Depois vieram o AI-5, o derrame do general Arthur (o primeiro presidente brasileiro a governar de óculos escuros), a Junta Militar, que tomou o poder e impediu a posse do vice-presidente civil (“Onde já ci-vil?” teria sido o trocadilho sem-

vergonha mais ouvido na ocasião), um monte de embaixador sequestrado. E aí os linhas-duras endureceram e chamaram o gorilão-mor: Emílio Garrastazu Médici.

O governo do novo general foi tão barra-pesada que a única piada contada durante o seu mandato era a que dizia que a “burrice do Costa e Silva era incomensurável e a do Garrastazu *mede-se*”. Mesmo o uso de uma palavra como “incomensurável” não redime a anedota, que é horrível. Mas, para a galera que resolveu partir para o confronto, os anos Médici foram mais horrorosos ainda: foram anos, realmente, de chumbo. E chumbo grosso!

Mas isso tudo já é spoiler, são cenas do próximo capítulo, que você vai ver já, já... na página seguinte.

CAPÍTULO 27

DITADURA NÃO É MOLE, NÃO

Beto Silva

DESDE O INÍCIO da República, em várias ocasiões os militares foram chamados para resolver os problemas do país. Toda vez que a situação ficava confusa, apelava-se para os generais e marechais, que sempre, muito prestativos, atendiam ao chamado, davam um golpe no governante em exercício, tomavam o poder, distribuía uns tapas, davam uns “chega pra lá” em uns e outros, e depois devolviam o país para os civis. Mas em 1964 eles agiram diferente: dessa vez os militares resolveram que queriam ficar com o país para eles.

Quando tomaram o poder em março de 1964, os golpistas tentaram jogar a conversa de que eram legalistas e bonzinhos e que seriam fiéis à Constituição. Mas, assim que assumiram o governo, os militares agiram como aquele noivo que na igreja, diante do padre, promete fidelidade à noiva, mas depois, na festa, fica bebido e acaba passando a mão na bunda da irmã da noiva e comendo a prima gostosa no banheiro. Os generais logo mostraram a sua cara enfezada e saíram desrespeitando a Constituição de frente, de trás e de ladinho.

Assim que tomaram o poder, os militares formaram o Comando Supremo da Revolução, do qual participavam três generais carrancudos que nas reuniões costumavam ficar rosnando uns para os outros, disputando quem era mais linha-dura. Os ditadores de plantão proclamaram logo o Ato Institucional Número 1, o AI-1, que, literalmente, botava para quebrar com a oposição e principalmente com os comunistas. Depois de algum tempo, assumiu como presidente o general Castelo Branco, um sujeito que só não era carne de pescoço porque Deus se esqueceu de lhe conceder um pescoço. Castelo ainda deu uma enrolada geral, fingindo que estava pensando em devolver o poder aos civis, mas não segurou muito a onda e logo decretou o AI-2, que transformava de vez o governo em ditadura. O AI-2, entre outras coisas, permitia que se cassassem deputados à vontade e acabava com o pluripartidarismo. A partir dali, só poderiam existir dois partidos: o da situação, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que deveria ser a favor do governo, e o partido de

oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que também deveria ser a favor do governo, mas não tanto quanto a Arena.

O GOVERNO COSTA E SILVA

Em 1967, o ditador de plantão saiu e assumiu o general Costa e Silva, que chegou falando de redemocratização. Assim como o seu antecessor, Costa e Silva não conseguiu se fingir de bonzinho por muito tempo porque logo começaram a acontecer coisas que o irritaram e, sabe como é, militar se irrita com muita facilidade. Primeiro, a polícia invadiu um restaurante universitário e, devido à delicadeza com que agiu contra os estudantes, acabou matando o jovem Edson Luís. Revoltados, os estudantes fizeram vários protestos, culminando com uma passeata que reuniu 100 mil pessoas no Rio de Janeiro.

Além disso, o MDB, ô gente chata, insistia em fazer oposição e um de seus deputados, Márcio Moreira Alves, fez um discurso de protesto chamando o governo de ditadura e pedindo à população que boicotasse o desfile de 7 de Setembro. Aí foi demais! Você pode até dizer que militar é feio, pode até dizer que ele é bobo e cara de mamão, mas falar mal do desfile de 7 de Setembro é demais! Pensa só, o militar passa o ano inteiro encerando o coturno, lustrando a fivela do cinto, engomando o uniforme e treinando para marchar todo mundo igualzinho e aí aparece um deputado que tem a coragem de pedir para o povo ficar em casa e não assistir ao desfile de 7 de Setembro? Ah, não, aquilo passou de todos os limites, e os generais linha-dura exigiram que Costa e Silva tomasse uma atitude.

A political cartoon depicting a man in a green military uniform with a cap featuring the Brazilian coat of arms. He has a stern, somewhat menacing expression and is holding a handgun in his right hand. He is pointing his left index finger towards a brown ballot box. A speech bubble above him contains a question about the nature of the vote. A caption at the bottom explains the historical context of the ballot box.

Me disseram que o voto é a arma do eleitor, mas como é que eu vou enfiar esse 38 nesse buraquinho?

NAQUELE TEMPO NÃO EXISTIA URNA ELETRÔNICA. ALIÁS, NÃO EXISTIA ELEIÇÃO.

R.

É preciso aqui fazer um parêntese e explicar que dentro do Exército havia uma divisão muito clara. Uma parcela era formada por generais linha-dura, que achavam que o governo devia fechar tudo e botar na bunda de quem fosse de oposição. E havia também uma ala mais moderada, que também achava que o governo devia fechar tudo e botar na bunda de quem fosse de oposição, mas que preconizava o uso de vaselina. E, naquele momento, a linha-dura ganhou aquela parada e foi decretado o AI-5.

E então lá vai a primeira pergunta da prova sobre este capítulo:

O que o AI-5 permitiu que o governo fizesse?

A – O presidente podia fechar a qualquer momento o Congresso e as Assembleias Legislativas.

B – Podia suspender os direitos políticos dos cidadãos a qualquer hora.

C – Decretava a censura prévia de qualquer música, peça, filme ou livro e a censura à imprensa.

D – Suspensão o habeas corpus para os crimes políticos.

E – Todas as sacanagens acima e ainda outras mais.

Se você respondeu letra “E”, você acertou. Mas, ao chamar as medidas do AI-5 de “sacanagens”, você demonstrou uma postura nitidamente subversiva de oposição ao governo militar da Revolução e, infelizmente, terá que sofrer todas as consequências do AI-5. Resumindo: tá fodido, seu esquerdista desgraçado!

Em agosto de 1969, Costa e Silva ficou doente. Mais uma junta de generais carrancudos assumiu o poder e, é claro, nem cogitaram que o vice, o civil Pedro Aleixo, assumisse. Os generais decretaram vários Atos Institucionais, o AI-13, o AI-14, o AI-15... porque, depois de marchar e cair muros, decretar Atos Institucionais era um dos principais passatempos dos militares naqueles tempos. Então eles decretaram o AI-16, que dizia que o governo Costa e Silva tinha acabado mesmo e que o vice não ia assumir porra nenhuma e pronto.

O GOVERNO MÉDICI

Emílio Garrastazu Médici foi eleito o presidente seguinte. Eleito? Sim, os militares fizeram uma eleição cujo colégio eleitoral era formado por 240 generais, que era o máximo de democracia que a ditadura permitia. Não foi surpresa a eleição do general Médici, que havia sido chefe do SNI e era um dos principais sócios do clube da galera linha-dura.

O governo Médici foi o mais barra-pesada da ditadura, certamente o período mais repressivo da História do país. Foi o auge do funcionamento dos porões da ditadura, com seus DOI-CODIs e torturadores. Desde 1967 vários grupos de esquerda haviam caído na clandestinidade e um dos objetivos de Médici e de sua linha dura era se dedicar a combatê-los.

Então aí vai a segunda pergunta da prova do capítulo e é bom responder direitinho porque estamos falando de uma ditadura e quem errar pode sofrer graves consequências:

Qual das siglas abaixo NÃO é de uma organização clandestina que pregava a luta armada para combater a ditadura?

A – VPR

B – VAR-Palmares

C – MR-8

D – PC DO B

Todas as organizações clandestinas acima pregavam a luta armada e, portanto, se você marcou alguma, a sua resposta está errada! E, se você não respondeu nada, tomou zero também! O que você está dizendo? Que não dava para marcar nenhuma opção porque nenhuma estava correta? O que é isso? Você está contestando o enunciado da questão, seu subversivo? Como é que é? Isso é injusto? O que é que você entende de justiça, seu comunista desgraçado? Eu avisei que este capítulo era sobre a ditadura. Portanto, você acabou de se foder de novo na prova e, desta vez, vai para o pau de arara!

O governo Médici foi um período contraditório. Enquanto o pau quebrava nos porões da ditadura, a economia do país passava por um ótimo momento. O Brasil chegou a crescer 11% ao ano durante o governo Médici. Foi o famoso “milagre brasileiro”, capitaneado por Delfim Netto, o ministro da Fazenda, que saiu gastando o dinheiro a rodo, fazendo um monte de obras gigantescas, como a Ponte Rio-Niterói, que liga o Rio a Niterói, e a Transamazônica, que liga o Brasil a porra nenhuma.

Foi também um período de intensa propaganda do governo, época de slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o”, que alguns sacaneavam e diziam “Brasil, mame-o ou deixe-o”, brincadeira que só era possível fazer quando se estava sozinho no banheiro, porque a repressão não achava a menor graça. Para tentar ganhar popularidade, Médici, que gostava de futebol e era torcedor do Grêmio, declarou-se flamenguista e foi ao Maracanã, com um radinho de pilha colado na orelha para torcer pelo rubro-negro. Naquele dia, a torcida adversária não gritou “urubu!” para a torcida do Flamengo, como era de praxe. Ficaram com medo. E se Médici achasse que o grito era para ele e mandasse todo mundo pro DOI-CODI?

Se ninguém podia falar nada, se o povo estava caladinho, por outro lado, os grupos clandestinos continuavam agindo e vários assaltos a banco e sequestros de embaixador aconteceram. Assim foi com os embaixadores dos Estados Unidos, da Alemanha, do Japão e da Suíça, todos trocados por militantes presos. O sequestrador que ficou mais famoso foi Fernando Gabeira, que participou do sequestro do embaixador americano Charles Elbrick. Gabeira naquela época ainda não era maconheiro. Por isso conseguiu se lembrar de tudo e escrever o best-seller *O que é isso, companheiro?*.

No final do governo Médici, os generais de linha mais dura perderam o confronto para os de linha menos dura, que achavam que o governo estava duro demais e “elegeram” o general Ernesto Geisel, um cara menos durão, para ser o presidente seguinte.

O GOVERNO GEISEL

Geisel entrou declarando que em seu governo haveria uma abertura lenta, gradual e segura. Inicialmente, Geisel e seu principal assecla, o general Golbery, pensaram em dizer que a abertura

seria lenta, devagar, sem pressa, suave, a passo de tartaruga, mole, gradual e segura. Mas concluíram que oito adjetivos eram demais e ficaram apenas com três mesmo.

Logo no início de seu governo, a crise do petróleo tomou conta do mundo e atingiu também o Brasil. A economia, que estava bombando, começou a dar uma tonteada e o milagre brasileiro quase mudou o nome para “vinagre brasileiro”.

Com a crise econômica e os generais linha-dura berrando no seu cangote, Geisel praticava a prometida abertura com dificuldade. Agia como um sinal de trânsito: de vez em quando ele abria, de vez em quando fechava e às vezes ficava no amarelo. Em 1975, Geisel acabou com a censura prévia à imprensa escrita, o que era um avanço, mas a censura continuou no rádio e na TV. Em 1976, uma encenação de *Romeu e Julieta* pelo balé Bolshoi, que seria transmitida pela TV, foi vetada pela censura porque a companhia de balé era russa e, portanto, havia o risco de Romeu ser comunista e tentar fugir com a Julieta para a União Soviética. Vários livros, peças de teatro e filmes continuaram sendo proibidos nessa época. Este livro que você está lendo, por exemplo, certamente seria proibido durante a ditadura e sairia de circulação. Como é que é? O que você está falando? Que a censura até que tinha alguma coisa de bom? Fala sério!

Na política, o MDB começou a crescer e aumentar a participação no Congresso. Mas, em 1977, a oposição ousou se opor a uma reforma do governo, que, se era lento e gradual para abrir o país, foi rapidinho para mandar fechar o Congresso.

Nos bastidores, o confronto entre o governo e os generais linha-dura continuava a todo vapor. Geisel prometia que ia abrir, que era preciso ter paciência, mas a linha-dura vivia aprontando e chegou ao ápice em 1975 quando o jornalista Vladimir Herzog morreu nas dependências do DOI-CODI de São Paulo. Os militares linha-dura ainda tentaram armar uma encenação, tentando mostrar que Herzog havia se suicidado, mas não enganaram ninguém. Geisel ficou muito puto com o ocorrido, chegou para os generais linha-dura e disse: “Ai, ai, ai! Isso não se faz! Vão ficar de castigo!” Os generais linha-dura fizeram beicinho, mas continuaram com a tortura e as intimidações e, animadinhos, resolveram que lançariam um candidato à presidência. Então aqui vai a terceira pergunta de nossa prova:

Quem foi o candidato oficial para assumir a presidência depois de Geisel?

A – General Sílvio Frota

B – General Figueiredo

C – Levy Fidelix

D – Enéas

E – Lula

Acertou quem marcou a resposta “B”. General Figueiredo. O general Sílvio Frota era o candidato da linha dura e, depois de um embate barra-pesada, um verdadeiro MMA de generais, o governo Geisel acabou vencendo e conseguiu lançar o general Figueiredo à sua sucessão.

Por ser da arma da cavalaria, o general Figueiredo identificava-se muito com os cavalos e procurava comportar-se como um deles. Com seu estilo rude e franco, vivia soltando frases como “Prefiro cheiro de cavalo a cheiro de povo” ou “Se eu ganhasse salário mínimo, dava um tiro na cabeça”, ou ainda “Me orgulho de ser mais grosso que cano de tolete”. Tudo bem, essa última frase ele não disse, mas, se dissesse, ninguém estranharia.

Figueiredo assumiu a presidência com a economia do país em frangalhos. A inflação e a dívida externa não eram da artilharia, mas tinham disparado. A população começava a reclamar, a oposição crescia, surgiram as primeiras greves no ABC paulista e o movimento pelas “Diretas já!” começou a tomar corpo.

Mesmo com a sua grossura e carregando no currículo ter sido chefe do SNI, Figueiredo recebeu de seus pares a missão de abrir o regime, o que foi fazendo sem muita pressa nem muito jeito. A linha-dura continuava tentando agir e, em 1981, durante um grande show em homenagem ao Dia do Trabalho no Riocentro, uma bomba explodiu no colo de um sargento que estava dentro de um carro no estacionamento. Os militares prometeram investigar o caso a fundo e o fizeram, concluindo que os militares estavam ali por acaso, a caminho de uma festa de São João, mesmo ainda sendo maio, e que, sem querer, um rojão explodiu antes da hora. Figueiredo aceitou a desculpa esfarrapada e foi cuidar de seus cavalos.

Aos trancos e barrancos, o regime aos poucos ia se abrindo. Em 1982, aconteceu a primeira eleição direta para governadores, o que não ocorria desde 1962 e alguns candidatos da oposição foram eleitos, como Leonel Brizola, no Rio de Janeiro, e Franco Montoro, em São Paulo. Figueiredo, todo prosa, disse: “Tá vendo? Eu não disse que faria?” Mas, quando se falava em eleições diretas para a presidência, ele disfarçava e dizia que tinha que cuidar dos seus cavalos. Um dia, Figueiredo chegou ao estábulo e os seus cavalos não estavam lá, tinham ido a uma manifestação pelas “Diretas já!”. Nesse momento, Figueiredo, muito puto, proferiu mais uma de suas frases cavaleares, quer dizer, lapidares: “Quero que me esqueçam!”

Em abril de 1984, foi votada no Congresso uma emenda que propunha a volta das eleições diretas para presidente. Apesar de o movimento pelas “Diretas já!” estar bombando nas ruas, o Congresso não aprovou a emenda. A eleição seria indireta mesmo. A pressão da sociedade continuou e o candidato da oposição, Tancredo Neves, foi eleito pelo Congresso em janeiro de 1985. Tancredo não chegou a assumir, morreu antes da posse, vítima de diverticulite, uma doença de que ninguém nunca tinha ouvido falar. Como aconteceu por diversas vezes ao longo da História do Brasil, quem assumiu a presidência foi o vice. O novo presidente do Brasil era José Sarney, que antes havia sido até presidente da Arena, e de quem, infelizmente, todo mundo já tinha ouvido falar.

CAPÍTULO 28

DAS “DIETAS” A SARNEY

Marcelo Madureira

SE VOCÊ JÁ leu este livro até aqui e ainda tem alguma ilusão de que este país um dia vai dar certo, “abandonai toda a esperança” porque... lá vem o Brasil descendo a ladeira.

Dentro da hipótese esdrúxula de que Deus existe e, pior, é brasileiro, podemos deduzir que o Todo-Poderoso resolveu se vingar do seu próprio povo condenando a brazucada a uma praga pior que as dez que jogou nos egípcios: Zé Sarney.

Zé Sarney, o último donatário de Capitania Hereditária. Homem do século XVI, de onde nunca saiu, é (se é que já não estará no Inferno quando da publicação deste livro) o dono do Maranhão, o estado mais pobre e atrasado da União. Quer dizer, disputa essa primazia com Alagoas, unidade da federação não por acaso de propriedade do Collor de Mello e do Renan Calheiros. E vejam que o Maranhão é o pior Maranhão de todos os outros Maranhões do planeta por obra e graça de José Ribamar Sarney e sua (in)descendência.

Mas como chegamos a isso?

Vamos aos f(1)atos:

No fim dos anos 1980, depois de 21 anos no poder, a ditadura militar agonizava. Na presidência, o general da cavalaria João Batista Figueiredo, sujeito rabugento, mal-humorado e mal-encarado. Figueiredo fazia questão de dizer que gostava mais do cheiro dos cavalos que do cheiro do povo, no que não estava de todo errado. Depende do cavalo e depende do povo.

Como todo ditador extravagante, Figueiredo gostava de vestir uma peruca loura, óculos escuros e sair pelas noites de Brasília pilotando uma motocicleta em alta velocidade. Enfartado, o general, déspota mais ou menos esclarecido, preferiu ir até os Estados Unidos fazer uma ponte de safena, pois não confiava nos empreiteiros brasileiros.

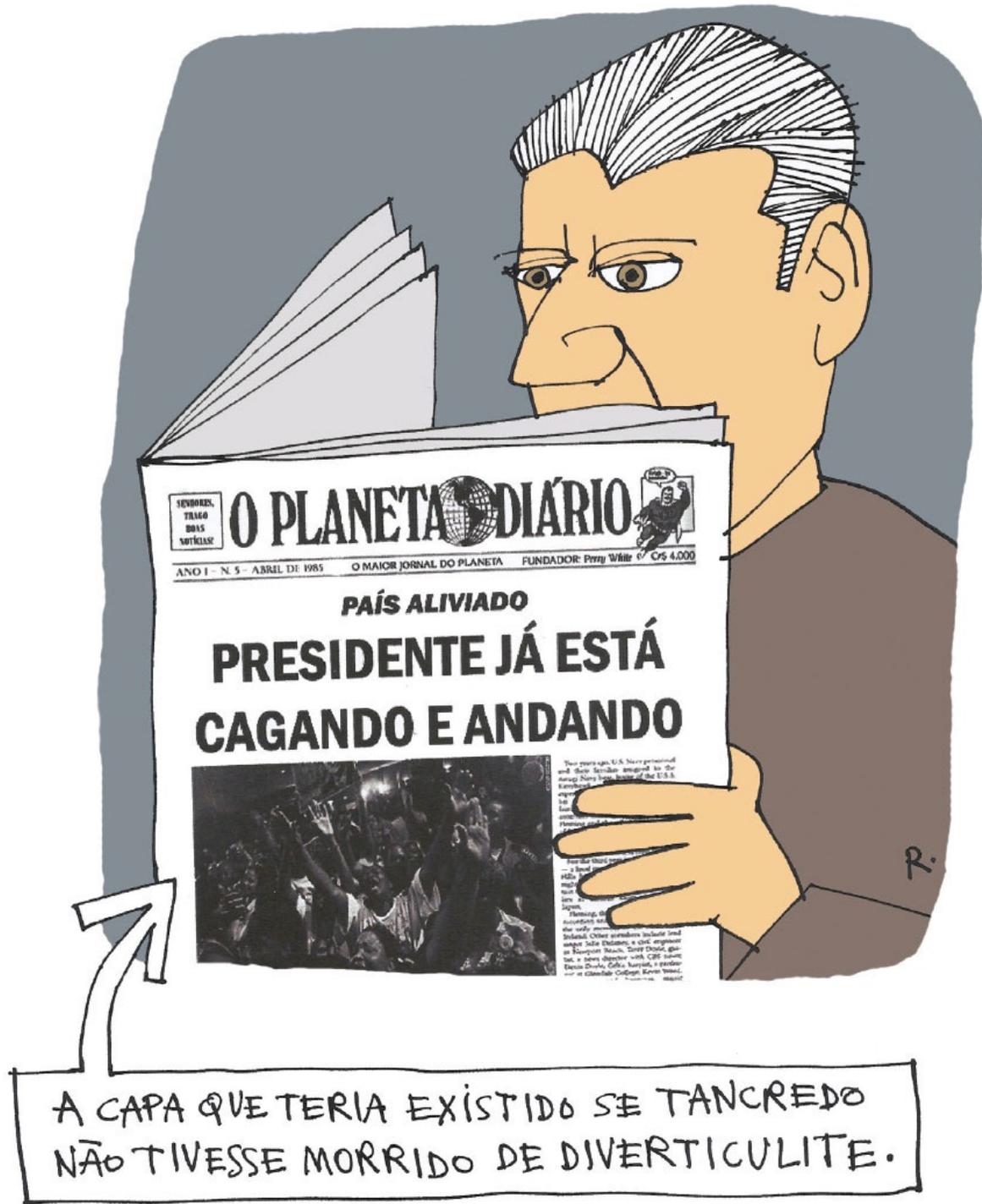
Durante os anos da ditadura, os militares fizeram várias escolhas erradas, principalmente na economia. Adeptos do nacionalismo protecionista, inventaram as obras faraônicas, a Lei de

Informática e mais: a história do Brasil Potência, do Brasil Ame-o ou Deixe-o, do “Pá tropi, abençoado por Deus e bonito por natureza”. E deu no que deu: o país se... fod☠✖✱⚡🔪🌐*eu.

A inflação galopava (talvez por influência de Figueiredo), o Brasil vivia em recessão e o desemprego só aumentava. Os anos 1980 do século XX ficaram conhecidos como “a década perdida”. Principalmente por conta da derrota para a Itália na Copa de 1982, um vexame inexplicável. O Brasil transformou-se num imenso pepino, desses de chácara de japonês, num abacaxi azedo, com uma dívida externa imensa e sem crédito no exterior, resultando numa economia estagnada.

A classe média, que se aproveitara dos soluços de desenvolvimento dos anos 1970, endividada e sem perspectiva, injuriada, resolveu se organizar em tudo que era associação de bairro, de profissão, religião, grêmios estudantis, coisas que numa ditadura não encontram muita acolhida por parte dos poderosos de plantão. Os protestos começaram aqui e ali. As primeiras greves, o ressurgimento de reivindicações... Enfim, o povo foi se organizando. Por outro lado, no campo da política, a derrota da Arena (partido da ditadura) para o MDB (oposição) nas eleições para a Câmara e o Senado em 1974 permitiu a formação de uma frente ampla contra os militares, inclusive com a participação do Partidão, o Partido Comunista Brasileiro, então na clandestinidade.

Na extrema-direita, os militares linha-dura não aceitavam assim tão fácil perder o poder com todas as mordomias que ele traz. Por isso mesmo, os gorilas resolveram reagir, praticando atentados, queimando bancas de jornal, mandando cartas-bombas, prendendo e assassinando membros da esquerda. O clímax desse movimento todo foi a bomba do Riocentro, que estourou no colo do sargento que pretendia explodi-la no meio de um show que reunia milhares de jovens a favor da democracia. A bomba que estava no colo do sargento explodiu a genitália e a ditadura em mil pedacinhos. Uma incompetência total.



Na região do ABC de São Paulo, um novo movimento sindical, em contraposição aos sindicalistas pelegos, aliados do regime militar, começou a se organizar deflagrando as primeiras grandes greves. Greve naquele tempo era coisa proibida. Esses movimentos deram origem ao PT (Partido dos Trabalhadores), que depois acabou virando uma espécie de Comando Vermelho com o Lula na chefia. Mas isso já é outra história.

Na pressão do movimento popular, os militares foram sendo obrigados a recompor o regime democrático, muito a contragosto. Era a tal da Abertura, lenta e gradual, do Geisel. Tempos depois, durante o governo Figueiredo, veio a Anistia, ampla, geral e irrestrita, que culminou com a volta de vários exilados – alguns fora do país desde o golpe de 1964.

As reivindicações da sociedade por restabelecimento imediato da democracia derivaram para o movimento “Diretas Já!”, que exigia eleições diretas (como o nome já diz) para a presidência da

República. As “Diretas Já”! empolgaram o Brasil de cabo a rabo, mas perderam na votação do Congresso ainda controlado pela ditadura.

O maior comício, o da Candelária, no Rio de Janeiro, reuniu mais de um milhão de pessoas no dia 10 de abril de 1984. E olha que não era dia do Orgulho Gay!

Restou então à oposição participar da disputa indireta para a presidência da República através da candidatura do então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves.

Tancredo representava a volta imediata do Brasil ao regime democrático e, por pressão da sociedade brasileira organizada, acabou derrotando o candidato dos militares: Paulo Salim Maluf. Isso mesmo, por pouco, muito pouco, pouco mesmo, Paulo Maluf não foi eleito presidente da República. Maluf, mesmo roubando, perdeu a eleição indireta. Isso foi no dia 15 de janeiro de 1985.

O Brasil viveu dias de glória e expectativa. Finalmente, a volta da democracia. Tudo era alegria e esperança no país!

Ledo e ivo engano. Na véspera de tomar posse, Tancredo Neves é internado no Hospital de Base, em Brasília, acometido de diverticulite. E olha que ele ainda não tinha feito mer☠️✂️☄️🔪🚫 da nenhuma!

Como toda vítima do sistema de saúde pública no Brasil, Tancredo foi operado e acabou morrendo no dia 21 de abril de 1985, depois de semanas de dramática agonia.

Mas o que está ruim sempre pode piorar. Quem é o vice da chapa eleita? Sim, ele, José Sarney, ex-presidente do PDS, partido sucessor da Arena, que, numa manobra de contorcionismo político, conseguiu, na última hora, a cobiçada vaga de vice na chapa, sentando na janelinha no último trem para o Poder. No Brasil, a política é circense.

Liberdaaaaaade! Liberdaaaade! Abre as asas sobre nós!

Enfim, os militares foram embora, com Figueiredo saindo do palácio pela porta dos fundos, pois se recusou a passar a faixa presidencial para o traíra Zé Sarney. Tinha toda a razão.

“Me esqueçam!” – foram as últimas palavras do general-ditador, sugestão que o povo seguiu ao pé da letra.

Concluído o período militar, em que tudo era proibido, o Brasil experimentou um momento de grande exuberância cultural. Vários movimentos criativos foram aparecendo pelo país no teatro, nas letras, nas artes plásticas, na música, em tudo... Com exceção, é claro, do nosso cinema, que sempre foi uma porcaria.

Apareceram o Circo Voador no Rio de Janeiro, o Asdrúbal Trouxe o Trombone e o Besteiro no teatro, a Geração 80 nas artes plásticas, os jornais satíricos *Planeta Diário* e *Casseta Popular* (os mais importantes, sem dúvida), as bandas de Rock Brasil, a Lira Paulistana, a Rádio Fluminense, a maldita, o *TV Pirata* na TV Globo... Muita coisa mesmo, pois não havia ainda a babaquice do politicamente correto. Tudo se podia e podia-se tudo.

Mas...

Os “gorilas” (é assim que o meu pai chamava a milicada) deixaram para o país uma enorme “herança maldita”. Uma enorme dívida externa, o Brasil sem crédito no exterior, inflação absurda, pouca ou nenhuma capacidade de investimento...

Começou então a temporada dos planos econômicos “milagrosos”. O primeiro, e mais radical, o Plano Cruzado, congelava o preço de praticamente tudo. Nada podia subir de preço. Revogada a lei

da oferta e da procura. Pura demagogia e populismo de quinta categoria. Claro que não deu certo. Mas todo brasileiro virou “fiscal do Sarney”, fechando supermercado e indo procurar boi no pasto porque os produtos sumiram das prateleiras. Fomos nessa sequência interminável de planos econômicos furados até que, finalmente, o Plano Real deu um jeito na inflação nos anos 1990. Mas isso é outro capítulo.

No Governo Sarney, foi eleita a Assembleia Nacional Constituinte com a missão de redigir uma nova Constituição, que foi promulgada pelo presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, em 5 de outubro de 1988.

Vaidoso, poeta de pé-quebrado, beletista manco e intelectualmente limitado, José Sarney praticou a política do patrimonialismo, que mistura o que é público com o que é privado (ou seja, roubalheira). Aos amigos, tudo; aos inimigos, a Lei (ou seja, nepotismo). Enfim, uma prática política paroquial e retrógrada como se o Brasil fosse um imenso Maranhão. Se não conseguiu acabar com o Brasil, Sarney pelo menos adiantou muito o “serviço”.

Depois de cinco anos de Zé Ribamar Sarney, o Brasil elegeu, nas primeiras eleições presidenciais diretas após 25 anos... Fernando Collor de Mello.

Ê povinho bunda... Já dizia aquela velha camiseta da *Casseta Popular*.

CAPÍTULO 29

DE MAURICINHO COLLOR A VIAJANDO HENRIQUE

Helio de La Peña

NO DOMINGO, 16 de agosto de 1992, Fernando Collor acordou cedo, ingeriu um supositório de Red Bull por via retrofuricular, emplastrou sua cabeleira com gel e partiu para a Esplanada dos Ministérios no seu jet ski. Estava vestido de verde e amarelo, conforme havia prometido. Convocara uma passeata em seu apoio, pedindo que as pessoas fossem às ruas trajando as cores da bandeira brasileira para provar que aqueles que queriam derrubá-lo da presidência eram uma minoria amplamente minoritária. Num pronunciamento em cadeia nacional (nada mais apropriado, aliás), desembainhou a espada com a qual costumava praticar o caratê boliviano e bradou, qual D. Pedro I às margens do Ipiranga: “Não me deixem só!”

Ao se aproximar da alameda, percebeu que o tiro tinha saído pela culatra. Era o único collorido na área. Uma multidão caminhava e cantava e seguia a canção, vestida de preto. Mauricinho, nervoso, deu um cavalo de pau com sua máquina e voltou pra Casa da Dinda. No quintal, meia dúzia de puxa-sacos prontamente atendeu ao seu chamado e apareceu de verde-amarelo, gravatas Hermès e pochetes Louis Vuitton. Ali mesmo, circularam em passeata cantando o jingle da campanha:

Collor, Collor, Cooollor!
Collorir a gente quer de novo
Collor, Collor, Cooollor!
E o povo vai nos jogar ovo...

A data entrou para a História como o Domingo Negro. O governo do presidente Mauricinho havia tempos vinha fazendo água Perrier. O povo já não aguentava mais as presepadadas do Caçador

de Maracujás e foi às ruas em diversas capitais mostrando seu descontentamento vestindo-se de preto e antecipando o luto de um mandato prestes a morrer.

COMO TUDO COMEÇOU

Se você não estiver dando uma folheada neste livro, caindo por acaso nesta página, já deve saber que Collor foi o primeiro presidente eleito nas urnas depois de um longo regime militar. O Brasil passava, mais uma vez, por um sufoco. A economia tomou um Cruzado nos cornos e foi a nocaute com uma inflação que ressuscitava ainda mais forte cada vez que um plano econômico tentava matá-la. Nesse cenário de clima de terror, o país tentava se agarrar a qualquer esperança.

O Caçador de Maracujás surgiu como a solução do Brasil. Mesmo não sendo um caminhão, Collor era o candidato da mudança. Jovem, atlético, gomalinado e desconhecido da política nacional, Fernandinho apareceu no noticiário como o governador que estava saneando a administração pública de Alagoas, exorcizando os funcionários fantasmas e cortando com uma peixeira afiada os supersalários dos marajás do funcionalismo. Lançou-se a presidente na eleição de 1989 como o candidato novo.

O grid de largada da eleição de 1989 mais parecia uma paródia do desenho animado *A Corrida Maluca*. Foram 22 candidatos, numa lista que ia de figuras manjadas, como Ulysses Guimarães e Brizola, ao conservador Aureliano Chaves, passando por um vanguardista de tanga, o Gabeira, e pelos folclóricos “Meu nome é Enéas” e Marronzinho, sem falar no Maluf, que sempre tentava roubar... a cena política. O segundo turno foi disputado por Luiz Inácio Lula da Silva, metalúrgico nordestino radicado em São Bernardo do Campo, e Fernando Collor, um alagoano do Rio de Janeiro. O país, dividido, acompanhou o último debate pela TV. Lula se apresentava como o candidato que veio de pau de arara de Garanhuns comendo caco de telha. Mas o bem-nascido Collor afirmava que tinha um aparelho de som pior que o do operário. A vaga em Brasília foi decidida no photochart por 51,5% a 48,5%, praticamente um dedo de diferença, menor que a margem de erro dos institutos de pesquisa.

Já no primeiro dia de mandato, Ferrando Collor enfiou o dedo com areia na poupança do brasileiro. Bloqueou por dezoito meses todas as contas-correntes do país, deixando cada cidadão com, no máximo, 50 dólares. Justo ele, que se elegeu dizendo que seu adversário iria confiscar a grana dos eleitores.

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, apresentou um plano econômico que era uma piada. Para isso, foi à TV e, direto da *Escolinha do Professor Raimundo*, ao lado de seu futuro marido, Chico Anysio, anunciou dezessete medidas que, supostamente, acabariam com a inflação e trariam estabilidade à nossa surrada economia. Era o Plano Collor. No lugar do cruzado, uma nova moeda: o velho cruzeiro. A classe média ficou apavorada. Os analistas econômicos, atônitos, acenderam uma vela para São Judas Tadeu, o santo dos desesperados, e repetiram reiteradas vezes: “Não estamos entendendo nada, mas o plano é bom”. E o povo, tonto com tantas novidades, achou que finalmente teria 50 dólares, mesmo sem ter conta em banco.

PC FARIAS, O AEROPORTO DE MOSQUITO SUPERFATURADO

Não demorou para se ver que o plano do governo Collor era outro. O verdadeiro ministro da Fazenda era um careca bigodudo chamado PC Farias, que, apesar do apelido, não tinha nenhum parentesco com o Partido Comunista. Farias, sim, conseguiu estabilizar as finanças da República das Alagoas, irrigando as contas de amigos e familiares com as sobras de campanha. A arrecadação milionária tinha sido tão bem-sucedida que PC decidiu continuá-la depois que seu chefe foi eleito.

Numa crise de cornitude aguda, PC (Pedro Collor) dá uma entrevista bombástica e denuncia PC (Farias) como o comandante do esquema de roubalheira fraudulenta de propinas. Pedro Collor sabia do que estava falando, já que foi ele mesmo quem apresentou a raposa bigoduda ao irmão para tomar conta do galinheiro. Quando recebeu o aviso de amigos para tomar cuidado porque estava dando ladrão na sua casa, Pedro Collor correu e encontrou seu mano xavecando sua bela Teresa. Foi a gota de uísque que faltava. Convocou a imprensa e jogou o plano Collor no ventilador. Extorsão de empresários, fraudes, venda de emendas parlamentares, tráfico de influência, contas fantasmas aterrorizantes, corrupção passiva, ativa e transgênera... O primeiro-irmão da República das Alagoas ainda afirmou que a energia do presidente vinha de um energético que era vendido em papélotes nos morros do Riode Janeiro. E não poupou nem a si mesmo quando se abriu aos jornalistas e mostrou o par de chifres.

IMPÍTIMÃ!

A denúncia deu início à barulhenta campanha “Fora, Collor!”. Estudantes de caras pintadas foram às ruas pedindo o fim do governo e o aumento de mesada. A OAB e a ABI pediram o impeachment do presidente, com o apoio dos partidos de oposição, sindicatos, classe artística e de todos os deputados, uns por não concordarem com aquela situação vergonhosa, outros por não estarem na lista dos agraciados.

O motorista Eriberto França era o responsável pela entrega da propina. Era tanta gente que, segundo ele, tinha que fazer hora extra, avançar sinais e tomar multas por excesso de velocidade para dar conta do serviço. A Comissão Parlamentar de Inquérito, conduzida pelo deputado Ibsen Dinheiro, levou ao processo de impeachment.

O presidente yuppie circulava em jatinhos, carrões importados e jet skis conversíveis de luxo, mas sofreu a maior vergonha de sua vida quando foi revelado que ele possuía um Fiat Elba mais detonado que a cantora que dera nome ao veículo. A casa caiu. Acusado por crime de responsabilidade, Collor teve seus direitos políticos cassados por oito anos. Um dia antes de ser defenestrado, renunciou para escapar do processo. Em tom solene, deu a mão à primeira-dama, Rosane Collor, e deixou o Palácio do Planalto. Antes, fez sua declaração histórica: “Minha gente! Não me deixem só! Saio da vida pública... para entrar naquele helicóptero ali, que está me esperando. Fui!”

Mas, como todo filme de terror de sucesso, esse também acabou tendo uma sequência. *Collor II*,

a *Missão* estreou em 2006, com o presidente impichado ressuscitando no papel de senador. Para dar mais emoção à trama, ele voltou agora parceiro de seu arqui-inimigo Lula, que atendeu emocionado ao seu pedido e não o deixou só.

É PRO FANTÁSTICO?

Uma coisa o brasileiro já devia ter aprendido. Mais importante que escolher o candidato a presidente, é saber quem é o vice do camarada. É ele quem vai encerrar o mandato iniciado pelo titular. Desde que inventamos de virar República, isso volta e meia acontece. Em novembro de 1891, Floriano Peixoto entrou em campo no lugar de Deodoro da Fonseca; Cafezinho, vulgo Café Filho, foi servido depois do suicídio de Vargas, em agosto de 1954; Jango assumiu a vassoura de Jânio em setembro de 1961; Sarney subiu a rampa do Planalto por Tancredo, o ex que nunca foi presidente, em março de 1985; Itamar Franco assumiu a faixa deixada por Collor em dezembro de 1992; um ano antes do fechamento deste livro, em agosto de 2016, Michel Temer empurrou Dilma rampa abaixo e assumiu a chave do cofre.

Itamar foi o vice que segurou o rabo de foguete deixado por Collor. Um país em frangalhos, uma inflação turbinada, um povo mordido de cobra. Sobre as ruínas da República das Alagoas, o mineiro teimoso e cabeça-dura instituiu a República do Pão de Queijo. Devagar Franco tinha fama de muquirana. Enquanto Collor acelerava seu jet ski no lago Paranoá com seu cabelo cuidadosamente gomalinado, Devagar passeava pelos arredores do Palácio do Jaburu com Flash, a tartaruga de estimação, exibindo seu topete alvoroçado. Enquanto o presidente Mauricinho rodava Brasília em carrões importados, o vice sonhava em devolver ao brasileiro o sonho do fusquinha próprio. Convenceu a Volkswagen a relançar o Fusca. Mas, com tanque pequeno e pouca autonomia, acabou não indo muito longe.

Itamar tinha duas grandes obsessões: trazer o Fusca de volta e arrumar uma namorada. No Carnaval de 1993, juntou as duas fantasias. Levou a modelo e atriz Lilian Ramos para um camarote da Marquês de Sapucaí. A pretendente a primeira-dama fez questão de posar sem calcinha ao lado do presidente. O capô de Fusca estava de volta ao noticiário.

Para surpresa geral, Itamar entrou para a História como o presidente que botou a economia do país nos trilhos. Convidou o sociólogo Fernando Henrique Cardoso para segurar o pepino do Ministério da Fazenda. FHC comandou a criação do Plano Real, que pôs fim à hiperinflação e aliviou as novas gerações de tentar entender quanto seria o seu salário no fim do mês, depois de perder 100% do valor de compra. Os contos de réis se tornaram cruzeiros, depois o cruzeiro virou cruzeiro novo, mais tarde, cruzado, voltou duas casinhas e virou cruzeiro de novo, depois merreca, pixulé, faz-me-rir, essa-merda-mesmo... até que o mineiro estabeleceu a moeda em vigor até hoje: o real. As bases da recuperação da economia estavam lançadas. Os reais em circulação no país estavam lastreados nas reservas de pão de queijo do Banco Central.

Quando a economia se estabilizou, começou uma ruidosa D.R. entre Itamar e FHC. Afinal, quem é o pai do Plano Real? E quem é a mãe? A discussão estremeceu a relação do casal, que acabou num divórcio litigioso. O mineiro topetudo fez do ministro da Fazenda seu sucessor, mas eles já não

viviam sob o mesmo teto. Num acordo selado entre os advogados, ficou estabelecido que ambos tinham direito à guarda compartilhada do real, que alternava de moradia e, nos fins de semana, ora ficava com FHC, ora com Itamar. Os dois tinham o direito de levá-lo para passear nas suas campanhas eleitorais. Deu certo. FHC tornou-se presidente. Em 1998, Itamar elegeu-se governador de Minas Gerais. Dedicou o resto de sua vida política a encher o saco de Fernando Henrique, até julho de 2011, quando morreu.

ASSIM NÃO PODE, ASSIM NÃO DÁ!

Aliviado por se livrar de uma hiperinflação que comia todo o seu salário, o povo elegeu como presidente o sociólogo Viajando Henrique Cardoso ainda no primeiro turno, em 3 de outubro de 1994. O resultado pegou de surpresa FHC, que teve que voltar às pressas de Paris, onde degustava um bom vinho nacional, para assumir o governo. Luiz Derrotácio Lula da Silva contestou o resultado e alegou que FHC foi eleito por uma elite de 34 milhões de brasileiros amantes de óperas e de literatura clássica, sendo a maioria deles pós-graduados da Sorbonne, tradicional universidade francesa.

O brasileiro viveu uma linda lua de mel com Governando Henrique. Graças ao Plano Real, a inflação foi ao chão e 8 milhões de brasileiros saíram da linha da pobreza. As vendas de televisores e geladeiras dispararam. O povo agora tinha onde armazenar seus iogurtes. Até um velho ditado caiu em desuso. Falava-se que “pobre, quando come galinha, um dos dois está doente”. Pois o pobre passou a comer frango saudável e gordo. Não era mais só pele, pescoço e pé de galinha. O pessoal arrancava nacos dos peitos, das coxas e dos drumetes, a nova sensação dos churrascos, com vigorosas mordidas, graças às dentaduras agora acessíveis à boca do povão.

Outro ditado, porém, continuou valendo: “Alegria de pobre dura pouco.” A euforia com os resultados positivos da economia contagiou o governo. A base aliada começou a achar que um mandato era pouco para o sociólogo, na época com a popularidade maior que a do tetracampeão Romário e a do rei Roberto Carlos juntas. Mas como fazer, se a Constituição impede a reeleição? A solução é a manobra.



Pavoneando Henrique Cardoso gostou da ideia e tinha gente de peso pra dar um jeito naquilo. Contava com o apoio de gente que até então estava do outro lado do ringue. Seu vice era Magro Maciel, do PFL, partido que tinha o DNA do PDS e era neto da Arena, braço parlamentar dos governos militares. Além do Filé-de-Borboleta Maciel, eram fechamento os conservadores Sarney, Aureliano Chaves, Jorge Bornhausen e o caudilho baiano Antônio Carlos Magalhães.

Essa galerinha não costumava entrar em campo para perder. Assim, para a aprovação da emenda da reeleição, valeu tudo, até dedo nos olhos, chute no saco do eleitor e compra de deputados a preços muito acima da tabela. A regra foi mudada com o jogo em andamento e Aprovando Henrique Cardoso pôde, então, se candidatar à reeleição.

Mas a vida nem sempre foi molezinha para o estadista. Quando jovem, Estudando Henrique Cardoso se matriculou na Escola Paulista, onde se formou em Sociologia e conheceu diversos intelectuais nerds de óculos fundo de garrafa. Em 1964, quando veio o golpe militar, Protestando

Henrique fugiu do pau de arara e se exilou na Argentina, no Chile e, finalmente, na sua terra natal, a França. Em 1967, voltou ao Brasil, mas foi cassado pelo AI-5 em 1969.

Um momento de destaque na sua trajetória se deu em 1985, quando perdeu a Prefeitura de São Paulo para Jânio Quadros. Por ser ateu e estar cagando na cabeça de superstições, sentou na cadeira do prefeito antes da eleição. Ainda por cima, acendeu um baseado, mas, justiça seja feita, não trouxe. Mesmo assim, passou a ser conhecido como THC. Em 1988, deixou o PMDB e subiu num muro bem alto para fundar o PSDB, o partido dos indecisos. A candidatura do tucano Mário Covas à presidência foi para o buraco. Em 1994, o PSDB estava disposto a tudo para vencer as eleições. Fechou coligação com o PFL e Conchavando Henrique chegou ao Palácio do Planalto.

O segundo mandato não foi igual àquele que passou. A sequência de crises econômicas mundiais tirou o fôlego da economia local: crise do Sudeste Asiático, crise da Rússia e crise da Argentina, que quase quebra com o grande volume de importação de cocaína para Maradona. Somam-se a essas os diversos escândalos políticos e financeiros “made in Brazil”. Ainda que o presidente não tenha sido diretamente envolvido, sempre acaba respingando nele, até provar que berimbau não é gaita. Houve quebra de sigilo do painel do Congresso em plena votação, desvio de verbas da Sudam, que foi extinta, cassação de dois presidentes do Senado, Antônio Carlos Mandalhão e Jader Casa do Barbalho. Todos aliados do presidente, mas, como é de praxe em Brasília, ele também não sabia de nada. E não foi só apenas isso. Houve também denúncias de corrupção no Banco Central e no Judiciário, falência fraudulenta de bancos, deputados envolvidos com narcotráfico e com o crime organizado.

Diante de tantos escândalos, acabou o amor. A popularidade de Despencando Henrique Cardoso foi ao chão e asfaltou a rodovia Garanhuns-Brasília para que um pau de arara estacionasse na rampa do Planalto e desse passagem para o primeiro retirante de nove dedos ocupar a presidência da República.

CAPÍTULO 30

PT SAUDAÇÕES: O BRASIL DE LULA E DILMA ROSKOFF

Hubert Aranha

EM 27 DE outubro de 2002, depois de perder três eleições para presidente, Luísque Inácio Lula da Silva finalmente chegou ao poder. Nunca antes na nossa História um operário sem dedo tinha sido eleito presidente, e esse fato chamou a atenção do mundo todo. Lula era um líder sindical semiletrado nascido em Garanhuns, Pernambuco. Mas o primeiro “paraíba” a governar o Brasil foi Epitácio Pessoa, que era paraibano mesmo. Além do mais, Lula foi o primeiro presidente pós-moderno do Brasil. Seu governo era composto de ideias e projetos que foram executados por governos anteriores. Por exemplo: a política econômica era do Fernando Henrique, a diplomacia voltada para o Terceiro Mundo era a mesma do Geisel e a burrice... Bom, essa era do Figueiredo. Lula era um sujeito singular, mesmo porque não acertava nenhum plural. O operário carrancudo que nunca sorria agora tinha se transformado, graças ao seu marqueteiro Duda Merdonça, em “Lulinha paz e amor” e só vestia ternos caros feitos sob medida. Astuto e carismático, Lula, no seu primeiro mandato, aliou-se aos trezentos picaretas do Congresso que havia tanto criticado quando foi deputado e ficou amigo de Sarney, Collor, Jader Barbalho e Renan Calheiros. Lula também teve muita sorte: pegou os programas sociais que já existiam e juntou todos num só: o Bolsa Família. Graças a esses programas assistencialistas (como o Esquentá, da Regina Casé, e o Caldeirão do Huck), os nossos pobres finalmente chegaram à classe média e puderam, pela primeira vez na vida, comprar desodorante, iogurte, geladeira e televisão em cem prestações nas Casas Bahia. Até os cantores sertanejos, que nunca tiveram diploma, viraram sertanejos universitários!



O que ninguém sabia é que, por trás dos panos, Lula criou um programa secreto, o Bolso Família, para colocar bastante dinheiro no bolso da sua própria família. Também criou o Fome Zero para acabar com a fome de poder do PT. Fanático por futebol, Lula jogou pra galera e governou para o povão. O povo do seu partido, o PT, Partido dos Trapaceadores.

Através de seu braço direito (quer dizer, esquerdo), Josef Dirceu, Lula bolou um esquema de compra de parlamentares para passar seus projetos no Congresso, que ficou conhecido como mensalão. Graças às denúncias de seu aliado Rouberto Jefferson, o povo brasileiro ficou sabendo que deputados tinham sido comprados por 30 mil reais! Trinta mil reais é muito dinheiro! Deputado não vale isso tudo. Aliás, não vale nada. Toda essa bandalheira institucionalizada provou que o PT já não era mais o bom e velho partido socialista de antigamente. Na verdade, o PT resolveu assumir

que tinha se tornado um partido de direita, a favor do capitalismo neoliberal globalizante, da livre iniciativa e do livre comércio de parlamentares. Além de tudo, Luísque Inácio tinha uma base da pesada. Entre eles, o PP (Partido Pago) e o PMDB (Partido Me Dei Bem), que sempre praticaram o fisiologismo de coalisão.

O mensalão era operado por Derroubio Soares, o trambiqueiro, quer dizer, o tesoureiro do PT, que, por conta de suas ladroeiras, foi considerado o PT Farias do Lula. Homem das sombras, soturno e misterioso, Delábio Soares frequentava o famoso apartamento de Josef Dirceu em Brasília, onde também moravam o Palocci e o cantor Latino. Aliás, foi inspirado no movimentado aparelho petista que Latino compôs o mega-hit *Festa no PT*.

Mas o verdadeiro cérebro por trás daquela roubalheira era o chefe da Casa Civil, Zé Dirceu. O Chico Bento da esquerda já era um mito desde os tempos do movimento estudantil. Dirceu era um gênio precoce da ejaculação política. Com seus discursos inflamados, Dirceu incendiava as massas na porta do Família Mancini, do Gigetto e do Jardim de Napoli, em São Paulo. Engajado na luta política contra a ditadura, Zé Dirceu também tinha uma banquinha onde vendia carteirinhas da UNE falsificadas. Perseguido pela ditadura e pelo rapa, Zé Dirceu foi preso pela repressão. Quando o Gabeira sequestrou o embaixador americano, Dirceu acabou sendo trocado por uma figurinha do Golias que completaria o álbum Perdidos no Espaço.

Cansado da ditadura opressiva e sanguinária no Brasil, Dirceu resolveu se mandar pra Cuba. Lá, pelo menos, a polícia estava do lado dele. Hóspede de Fidel Castro, Josef Dirceu foi treinado pelo regime castrense para ser espião e cafetão no Malecón. Mais tarde, Dirceu voltou ao Brasil, mas antes fez várias operações plásticas. Dirceu ficou a cara do Costinha para não chamar a atenção da polícia. Depois de passar anos escondido no interior de uma mulher no Paraná, Josef Dirceu abandonou a família e resolveu sair do armário, assumindo definitivamente a sua condição de petista ativo.

Apesar do escândalo do mensalão, Lula foi reeleito porque surfou numa onda boa da economia mundial e, ainda por cima, foram descobertas reservas enormes do pré-sal. Mas o Brasil é um país de contrastes, paradoxos, metáforas, metonímias, eufemismos e outras figuras de linguagem que ninguém entende porque o brasileiro, assim como o Lula, não “compreto” o ensino fundamental. Vejam o caso do pré-sal: o pobre do petróleo ainda nem saiu das profundezas da Terra e o governo já começou a gastar por conta. Assim que o presidente inaugurou o pré-sal, todos os ministros saíram dali correndo pro shopping para detonarem o cartão de crédito corporativo! Foi um espetáculo de luz e cor digno do Coliseu, em que o Leão da Receita acabava sempre devorando os contribuintes cristãos. Governadores nus brigavam na lama pelos royalties! Numa mistura de MMA e luta greco-romana, políticos inescrupulosos se digladiavam por causa de uma diretoria (dessas que “furam poço”) e do Orçamento da União. Ninguém era de ninguém na gastança, quer dizer, festança.

Como todos os dirigentes, tesoureiros e presidentes do PT (Partido da Tranca) iam entrar em cana e Lula não podia ser treeleito, o jeito foi lançar a candidatura de Dilma Roskoff à presidência, um poste que, mais tarde, acabaria criando mil problemas no setor de energia. Dilma foi vendida pelo marqueteiro João Sacanna como a “Mãe do PAC”, enquanto Lula era um “filho da PUC”.

Dilma também foi eleita graças ao PSDB (Partido Social Democrata Bundão), que escolheu

Geraldo Walkman como candidato à derrotada, assim como José Serra do Caixão na eleição anterior. Os dois tucanos deviam estar carecas de saber que iriam perder.

Devido à credence religiosa de nosso povo, que via o presidente como uma espécie de Beato Salula, as pesquisas indicaram desde cedo que a candidata Dilma Roskoff estava com a eleição no papo. O problema é que a Dilma fez uma plástica pra tirar o papo com o mesmo médico que implantou a cabeleira do Zé Dirceu. A plástica da Dilma foi mais uma obra do PAC, Programa de Aceleração Cosmética. No Brasil, é assim mesmo: a cosmética está sempre em alta, mas a ética continua em baixa.

Apesar da crise mundial que começou em 2008, o Brasil de Fudilma Rousseff se transformou numa impotência mundial e virou a sexta maior economia do mundo, deixando até a Inglaterra pra trás. Tudo isso aconteceu graças à presidenta Dilma Roskoff, uma espécie de Margaret Thatcher de saias. Mesmo assim a eleição da primeira cross-presidenta do mundo deixou as feministas frustradas, porque ainda não tinha sido dessa vez que o Brasil seria governado por uma mulher.

Como dizia o Médici, ninguém segura este país! Nos tornamos os maiores exportadores de minério, carne, soja e piranhas do mundo! Além do mais, o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 porque nenhum país do mundo supera nossa nação no quesito atraso para a construção dos estádios e na roubalheira para as licitações.

Mas, no Brasil, o que é bom dura porco. Metida a entender de tudo, a presidanta logo começou a meter os pés pelas mãos, e a inflação e o dólar voltaram a subir. Enquanto isso, o nosso PIB (Produto Ínfimo Bruto) encolheu, ficou menor até que o maldotado PIB japonês, que é motivo de galhofa na comunidade financeira internacional. Irritados com as trapalhadas de Dilma Roskoff, os empresários, até então em lua de mel com o governo, botaram a boca no trombone, mas Fudilma fez ouvidos de Mercadante.

Em 2013, estourou no Brasil uma série de manifestações de rua. Nessa revolta, os black blocs, mascarados vestidos de preto, se destacaram. Mas quem eram essas criaturas? O que pensavam? O que queriam esses encapuzados que tocaram o terror nas ruas e apavoraram o governo e as criancinhas? Até mesmo o decano da MPB, Caetano Veloso, se rendeu ao charme desses revoltados sem causa e acabou vestindo a máscara dos black blocs numa foto, o que, aliás, não chegou a causar estranhamento, porque o Caetano sempre foi mascarado. Detestados por alguns, odiados por outros e execrados por todo mundo, os black blocs são polêmicos e estão sempre metidos em alguma confusão. Muitos vândalos acham que os black blocs não passam de baderneiros que só querem instaurar o caos e derrubar o sistema. Por serem contra o capitalismo financeiro, os mascarados anarquistas adoram quebrar bancos, mas se amarram mesmo é em destruir orelhões, esses aparelhos telefônicos imperialistas que oprimem o povo sofrido e maltratado.

A Justiça farda, mas não talha! O Brasil viveu um momento histórico, quer dizer, histórico! Numa decisão dura e latejante, o STF (Supremo Tribunal de Frango), de goleada, condenou os mensaleiros do PT (Partido da Tranca) e do PP (Partido Pusilânime) à cadeia. Graças ao ministro Joaquim Barbosa, um super-herói de toga e mascarado, conhecido como o Juiz Morcego. Num histórico discurso, o herói togado prometeu acabar com o preconceito e prender todos os bandidos que aterrorizavam a população, a começar pelo Coringa, o Charada, o Pinguim, o Rei Tut e o Zé Dirceu. O Brasil mudou. Antes de Joaquim Barbosafro, os negros só entravam no STF pra serem condenados

ou fazerem a faxina. Todos os mensaleiros foram presos por corrupção e peculato, com exceção de Jacinto Lamas, que foi sentenciado por trocadilho inafiançável.

Como sempre, quem votou a favor do PT (Partido Trapaceiro) foram os juízes Ricardo Lewandowski Um Por Fora e José Dias PToffoli. Só agora é que eu entendi por que o Lula escolheu o ministro Recado Lewandowski pro STF (Somos Todos Família). Ele se confundiu na hora de ler o nome do magistrado e achou que era Levandowhisky, coisa que muito lhe interessa. Lula, sempre bem-humorado, em solidariedade aos seus bons companheiros, prometeu entrar na cana também, mas só durante o feriado.

A verdade é que, desde que começou o julgamento do mensalão, o STF (Supremo Tribunal da Fama) ficou cada vez mais pop. O povão agora dá palpite sobre os julgamentos da Suprema Corte como se fossem novelas da Globo ou partidas de futebol. O ministro Joaquim Rui Barbosa foi considerado um gato e já virou símbolo sexual. O Afro-Meritíssimo até já foi convidado para posar nu (mas de toga) para a revista *Playbofe*. As ministras Rosa Weber e Cármen Lúcia vão lançar uma linha completa de produtos de beleza, e o ministro Marco Aurélio Collor de Mello foi sondado por uma fábrica de brinquedos que quer fazer um bonequinho com a sua cara (mas de toga).

A Copa de 2014 provou que nunca mais devemos realizar Copas do Mundo no Brasil: isso dá o maior azar. Nunca Dante na História deste país a seleção verde-amarelona tomou uma goleada tão humilhante como a que sofreu da Alemanha! Foi uma derrota pornográfica: o Brasil ficou de 4 e os alemães meteram 7! Mas os marqueteiros do governo não perderam tempo. Segundo João Sacanna, essa derrota fragorosa foi mais um sucesso retumbante do PAC, Programa de Aceleração do Chocolate. Depois da queda do viaduto do Mineirão, o Brasil assistiu apatetado ao desabamento da Seleção brasileira. Antes da Copa do Mundo, a presidenta Dilma Roskoff temia um apagão de energia. Só não sabia que o apagão iria acontecer justamente com o time do Brasil! Influenciados pela ausência do Neymar, nossos jogadores também resolveram, em solidariedade, não entrar em campo. Diante da superioridade futebolística da raça ariana pura dos alemães Boateng, Khedira e Oesil, os pentacampeões do mundo amarelaram, quer dizer, verde-amarelaram. O passeio dos alemães foi tão grande que quase todos os jogadores da seleção da Alemanha fizeram um gol! Menos o Neuer! No final da partida, o técnico Joachim Löw mandou a sua avó para o aquecimento pra ver se a velha fazia o seu golzinho também. Após a vitória acachupante sobre o Brasil, em toda a Alemanha as ruas ficaram desertas: sempre que os alemães querem comemorar alguma coisa, eles invadem a Polônia.

Mas o pior estava por vir: graças ao juiz Sérgio Moro, a Operação Lava Jato revelou um esquema de corrupção jamais visto no mundo. A Polícia Federal botou pra quebrar. Quebrar a Petrobras, é claro. Em mais uma emocionante etapa da Operação Lava Rato, foram presos, depois de uma felação premiada, os diretores das maiores empreiteiras do país: Queiroz Ladrão, Mentos Júnior, Embargo Correia, OAS e Odecheque. Nunca antes na História do Brasil se viu tanto rico indo em cana! Antes assim. Os presídios só vão melhorar no Brasil quando as nossas prisões ficarem cheias de gente da "diretoria". Aliás, a diretoria da Petrobras horrorizou o país com o horripilante Nestor Cerveró e a pavorosa Desgraça Foster, que ia pro trabalho de vassoura pra poupar combustível.

Marqueteiros do governo tentaram desesperadamente salvar a imagem da Petrobras e sugeriram mudar o nome da empresa para Roubabrás, já que a estatal é líder mundial em negociatas

profundas. Já a presidenta Dilmamata Rousseff não estava nem aí. Em entrevista no exterior, Dilmão declarou que as reservas de dinheiro desviadas dos cofres da Petrobras são tão grandes que falta pouco pro Brasil se tornar um país autossuficiente em roubalheira e ocupar o primeiro lugar no ranking mundial da corrupção.

Por conta (paga pelo contribuinte) das bandalheiras praticadas e pelas pedaladas que desrespeitaram a Lei da Responsabilidade Fecal, um grupo de juristas entrou com um pedido de impeachment contra a presidenta. E, em abril de 2016, com um empurrãozinho do deputado Eduardo Pulha, Dilma Roskoff foi destituída do cargo depois de mergulhar o país no caos e colocar mais de 12 milhões de brasileiros no desemprego. Assumiu o vice Michel Temer, um político experiente do PMDB (Partido do Movimento Dinheirista Brasileiro) que já tinha participado de mais de cem filmes de terror no papel de mordomo ou vampiro.

Hoje estamos no buraco, mas as coisas sempre podem piorar: Lula foi condenado por ter ganhado de presente um triplex no Guarujá da empreiteira OAS (Obrigado, Amigo Sindicalista) e está ameaçado de passar de torneiro mecânico para tornozeleira eletrônica. O presidente Michê Temer foi pego com a boca na botija numa gravação em que tramava maracutaias com o empresário Joesley Safadão, dono da Friboi. A dupla de empresários sertanejos Wesley e Joesley comprava deputados de todos os partidos como se fossem gado e, graças ao BNDES, colocaram o boi na sombra. Até o senador Aético Neves recebeu propina dos mega-açougueiros e, por alguns momentos de desespero, pensou em seguir o exemplo de seu avô, o grande Tancredo Neves, e morrer. Mas a vaca ainda não foi pro brejo. Graças à Lava Jato e ao Ministério Público, as cadeias brasileiras estão lotadas de políticos condenados, o que deixa revoltados nossos marginais, bandidos e homicidas, que não admitem conviver lado a lado com essa gentilha.

BIBLIOGRAFIA

- BUENO, Eduardo. *Brasil: Uma História*. São Paulo: LeYa, 2013.
- BUENO, Eduardo. *Coleção Brasilis*. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- CALDEIRA, Jorge. *História da riqueza no Brasil: Cinco séculos de pessoas, costumes e governos*. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.
- CALDEIRA, Jorge. *Mauá, empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ubu, 2016.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo Livros, 2005.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras: Uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Unesp, 2015.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MOTTA, Carlos Guilherme e LOPEZ, Adriana. *História do Brasil: Uma interpretação*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SOBRE OS AUTORES

O grupo Casseta & Planeta surgiu nos anos 1980 com a união dos redatores da revista *Casseta Popular* e do jornal *Planeta Diário*. A parceria acabou se ampliando em 1988, quando os sete integrantes – incluindo Bussunda – trabalharam na redação do programa humorístico *TV Pirata*, da Rede Globo. Em 1991, estrearam em frente às câmeras no programa *Doris Para Maiores*, da Globo. No ano seguinte criaram, na mesma emissora, o *Casseta & Planeta, Urgente!*, no qual eram autores e atores. Com o lema “Jornalismo mentira, humorismo verdade”, a atração ficou no ar até 2010, sendo seguida por duas temporadas de *Casseta & Planeta Vai Fundo*. O grupo fez shows pelo Brasil, lançou três CDs, diversos livros e dois filmes: *A Taça do Mundo É Nossa* e *Seus Problemas Acabaram*. Seu trabalho mais recente é a série *Procurando Casseta & Planeta*, do Multishow.



Estação Brasil é o ponto de encontro dos leitores que desejam redescobrir o Brasil. Queremos visitar e revisar a história, discutir ideias, revelar as nossas belezas e denunciar as nossas misérias. Os livros da *Estação Brasil* misturam-se com o corpo e a alma de nosso país, e apontam para o futuro. E o nosso futuro será tanto melhor quanto mais e melhor conhecermos o nosso passado e a nós mesmos.